



Laura Vieira de Gouvêa

**A Praça Contemporânea Carioca
Uma análise ergonômica do ambiente
construído da Praça Edmundo Bittencourt**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Design do Departamento de Artes & Design da PUC-Rio.

Orientador: Profa. Claudia Renata Mont'Alvão

Rio de Janeiro
Março de 2013



Laura Vieira de Gouvêa

A Praça Contemporânea Carioca
Uma análise ergonômica do ambiente construído da
Praça Edmundo Bittencourt

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Design do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Claudia Renata Mont'Alvão

Orientadora

Departamento de Artes e Design – PUC-Rio

Profa. Lucia Ribeiro

Departamento de Artes e Design – PUC-Rio

Profa. Angelina Dias Leão Costa

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Profa. Denise Berruezo Portinari

Coordenadora Setorial do Centro de Tecnologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 22 de março de 2013

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, da autora e do orientador.

Laura Vieira de Gouvêa

Arquiteta e Urbanista, graduada em 2009 pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Publicou alguns artigos sobre sua pesquisa de mestrado em congressos nacionais de ergonomia.

Ficha Catalográfica

Gouvêa, Laura Vieira de

A praça contemporânea carioca: uma análise ergonômica do ambiente construído da Praça Edmundo Bittencourt: informação técnica / Laura Vieira de Gouvêa; orientadora: Cláudia Mont'Alvão. – 2013.

130 f. : il.(color.) ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, 2013.

Inclui bibliografia

1. Artes e design – Teses. 2. Mobiliário urbano. 3. Ergonomia. 4. Ambiente construído. 5. Praças públicas. 6. Urbanismo. I. Mont'Alvão, Cláudia. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Artes e Design. III. Título.

CDD: 700

Dedico este trabalho ao meu avô,
Pedro Nunes de Gouvêa.

Agradecimentos

Agradeço a professora Claudia Mont'Alvão por ter me orientado incansavelmente durante todo o processo desta pesquisa.

Ao CNPq e à PUC-Rio pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Aos meus pais, Romulo Lemos de Gouvêa e Cora Regina Sampaio Vieira, que sempre me apoiaram incondicionalmente.

Ao meu irmão, Breno Vieira de Gouvêa, pelo incentivo e pelo exemplo de disciplina.

Ao Departamento de Artes e ao LEUI, pelo apoio e pela estrutura que nunca faltaram.

A todos os familiares e aos agregados pela força e pela torcida neste longo período.

Aos meus companheiros de orientação, Rodrigo e Wilson, por terem compartilhado comigo seus conhecimentos.

Às minhas fieis amigas, Bianca, Karen, Mel, Rebeca e Samantha, pela colaboração inesgotável.

À professora Anamaria de Moraes, por em tão pouco tempo, haver me acrescentado tanto.

Resumo

Gouvêa, Laura Vieira de; Mont'Alvão, Claudia Renata. **A Praça Contemporânea Carioca. Uma análise ergonômica do ambiente construído da Praça Edmundo Bittencourt.** Rio de Janeiro, 2013. 130p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta pesquisa apresenta uma avaliação ergonômica dos aspectos físicos de praças urbanas, desenvolvida com base na opinião da população. Buscou compreender a relação entre o mobiliário urbano e seus usuários, e ainda, a importância desta troca na vivência do espaço denominado Praça - espaços livres públicos, de lazer, de estar, de contestar, de viver. O cenário desta análise foi a cidade do Rio de Janeiro, facilitando assim a pesquisa de campo. A partir de uma seleção prévia, algumas praças cariocas foram avaliadas através da utilização de técnicas, com o objetivo de entender o seu sistema e sua funcionalidade. Por fim, uma única praça foi selecionada como objeto de estudo: a Praça Edmundo Bittencourt. A partir dos resultados obtidos através dos métodos aplicados durante a pesquisa foi possível avaliar a real importância e influência do mobiliário urbano no ambiente construído observado. Foi identificada uma dificuldade da parte dos usuários em compreender o espaço público como um conjunto de objetos. O design, o conforto e a qualidade dos mobiliários ficaram em segundo plano, diante da acessibilidade, da limpeza e do conforto ambiental.

Palavras-chave

Mobiliário Urbano; Ergonomia do Ambiente Construído; Praças públicas; Urbanismo.

Abstract

Gouvêa, Laura Vieira de; Mont'Alvão, Claudia Renata. **Contemporary Carioca Square. Na ergonomic analysis of the built environment at Edmundo Bittencourt Square.** Rio de Janeiro, 2013. 130p. MSc. Dissertation - Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This research presents an ergonomic evaluation the physical aspects of urban squares, developed based on the opinion of the population. Furthermore try to comprehend the relation between the urban furniture and the square visitors, and its importance in the existence of the space called Square - public open spaces, leisure, living, to challenge, to live. This analysis took place in Rio de Janeiro, turning easier the process of field research. From an initial selection, some “carioca” squares where evaluated through the application of techniques, with the objective of understanding its system and functionality. Eventually only one square was chosen as the object of study: the Edmundo Bittencourt Square. From the results obtained through the methods applied during this research, it was possible to evaluate the real importance and influence of the urban furniture in the considered environment in which it was built. It was identified a difficulty among part of users to understand the public space as a set of objects. The design, comfort and quality of the urban furniture remained in the background, in front of accessibility, cleanliness and the environments' comfort.

Keywords

Urban Furniture; Build Environment Ergonomics; Public Squares; Urbanism.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	13
1.1. Panorama da pesquisa	13
1.2. Temas da pesquisa	14
1.3. Questões de pesquisa	16
1.4. Recorte da pesquisa	18
1.5. Objetivos da Pesquisa	19
1.6. Justificativa da relevância da pesquisa	20
1.7. Viabilização do projeto	21
1.8. Estrutura metodológica da pesquisa	21
2 O ESPAÇO URBANO DENOMINADO PRAÇA	25
2.1. A estruturação física e social das cidades	26
2.2. Cronologia de implantação das praças	30
2.3. A praça contemporânea carioca	35
2.4. A necessidade dos mobiliários urbanos	38
2.5. A praça como lugar de reprodução social	43
3 ERGONOMIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO	51
3.1. Conceitos gerais	51
3.2. Aplicações práticas em espaços urbanos	54
3.3. Alguns estudos de praças já realizados	55
4 DELIMITAÇÃO DO RECORTE DA PESQUISA	59
4.1. Primeiros passos	59
4.2. Levantamento bibliográfico informativo	61
4.3. Mapear, delimitar e classificar	63
4.4. Definição dos critérios de seleção	64
4.5. Aplicação de técnicas	69
4.5.1. Protocolo de observação	69
4.5.2. Entrevistas com informantes qualificados	77
4.5.3. Questionário via internet	79

4.6. Resultados e seleção final	81
5 A PRAÇA SELECIONADA COMO OBJETO DE ESTUDO	84
5.1. Levantamento documental	84
5.2. Levantamento físico dos mobiliários	90
5.3. Panorama metodológico	91
5.4. Aplicação das técnicas	92
5.4.1. Entrevistas	92
5.4.2. Questionário piloto	94
5.4.3. Questionário final	96
5.5. Cronologia do processo metodológico	96
6 RESULTADOS ENCONTRADOS	99
6.1. Tabulação e análise dos Resultados	99
6.2. Análise dos resultados	103
7 ARREMATE FINAL	107
7.1. Propostas de melhoria para a vivência do espaço urbano	107
7.2. Sugestões de melhoria para a Praça Edmundo Bittencourt	108
7.3. Desdobramentos da pesquisa	109
7.4. Considerações finais	110
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	113
9 APÊNDICES	117
10 ANEXOS	128

Lista de figuras

Figura 1 - Praças classificadas pela pesquisa	14
Figura 2 - Esquema da estrutura metodológica	22
Figura 3 - Gráfico das distinções	61
Figura 4 - Distinções com base nos documentos da prefeitura	62
Figura 5 - Mapa das áreas da cidade do Rio de Janeiro	63
Figura 6 - Mapa dos bairros da Zona Sul do Rio de Janeiro	64
Figura 7 - Localização das praças selecionadas	72
Figura 8 - Praça B	75
Figura 9 - Praça C	76
Figura 10 - Praça D	76
Figura 11 - Praça G	77
Figura 12 - Mapa tridimensional da Zona Sul do Rio de Janeiro	82
Figura 13 - Mapa de delimitação do Bairro Peixoto	82
Figura 14 - Rio de Janeiro em 1935	85
Figura 15 - Foto do Bairro Peixoto, região no início dos anos 30	85
Figura 16 - Logotipo da associação de moradores do Bairro	86
Figura 17 - Mapa Bairro Peixoto	87
Figura 18 - Busto do jornalista Ed. Bittencourt	87
Figura 19 - Chafariz e parque infantil	88
Figura 20 - Foto aérea da Praça Edmundo Bittencourt	89
Figura 21 - Mapa esquemático da Praça	89
Figura 22 - Coluna Trombone	94
Figura 23 - Chafariz da Praça Edmundo Bittencourt	104
Figura 24 - Planta esquemática indicativa de modificações	108
Figura 25 - Planta esquemática com as mudanças aplicadas	109

Lista de tabelas

Tabela 1 - Explicação esquemática dos capítulos	23
Tabela 2 - Diferenças a Zona Sul e o Centro do Rio de Janeiro	63
Tabela 3 - Número de praças por bairros	65
Tabela 4 - Informativo de praças do Rio de Janeiro	66
Tabela 5 - Praças classificadas pela pesquisa	67
Tabela 6 - Praças selecionadas que atenderam aos critérios da pesquisa	68
Tabela 7 - Protocolo para levantamento	71
Tabela 8 - Resultados protocolo - frequência	73
Tabela 9 - Resultados protocolo - mobiliários	73
Tabela 10 - Resultados protocolo - entorno	73
Tabela 11 - Resultados protocolo - setorização	74
Tabela 12 - Resultados protocolo - usos	74
Tabela 13 - Resultados protocolo - transporte	74
Tabela 14 - Resultados protocolo - segurança	74
Tabela 15 - Levantamento dos mobiliários	91
Tabela 16 - Problemas questionário piloto	95
Tabela 17 - Tabela explicativa dos turnos	96
Tabela 18 - Resultados protocolo - Bloco A	99
Tabela 19 - Resultados protocolo - Bloco B	99
Tabela 20 - Resultados protocolo - Bloco C	100
Tabela 21 - Resultados protocolo - Bloco D	100
Tabela 22 - Resultados protocolo - Bloco E	101
Tabela 23 - Resultados protocolo - Bloco F	102
Tabela 24 - Resultados protocolo - Bloco G	102
Tabela 25 - Quadro de atividades	105

“O que sabemos dos lugares é coincidirmos com eles durante um certo tempo no espaço que são. O lugar estava ali, a pessoa apareceu, depois a pessoa partiu, o lugar continuou, o lugar tinha feito a pessoa, a pessoa havia transformado o lugar.”

José Saramago

1 INTRODUÇÃO

Este capítulo tem como finalidade expor as principais intenções da pesquisa, apresentando o tema que será abordado, as principais questões e os objetivos. Aborda também as formas de viabilização do projeto, justificando assim, a sua pertinência.

Apresenta um panorama geral da importância do mobiliário urbano e da sua função na vivência do espaço público, mais especificamente no espaço denominado Praça. Delimita a pesquisa, expondo a necessidade de abordar o tema, no contexto carioca, através de uma metodologia voltada para a ergonomia.

Aponta as principais intenções da pesquisa, seu objetivo geral e seus principais objetivos específicos. Mostra como a Ergonomia do Ambiente Construído beneficiou a pesquisa e quais são as principais contribuições do projeto para a academia, além de identificar os principais interesses econômicos, políticos, sociais e ambientais perante o projeto.

1.1. Panorama da pesquisa

Para Bonametti (2000), a paisagem urbana é um reflexo da relação entre o homem e a natureza, podendo ser interpretada como a tentativa de organizar o entorno, utilizando uma paisagem natural como resultado da observação do ambiente e da experiência individual ou coletiva com relação ao meio.

A compreensão de todos os potenciais do meio ambiente pelo homem é fundamental para a criação de espaços urbanizados que respeitem a natureza e que atendam às necessidades de uma determinada sociedade.

Considerando a cidade como espaço de estudo, devemos qualificá-la não só a partir do tipo dos eventos que acontecem nela, mas também pelo conjunto dos objetos que a compõem, já que nem sempre é possível, no mundo contemporâneo, a praça se estabelecer como lugar de convívio. Muitas vezes são apenas espaços de transição.

- Intenção da pesquisa: produzir uma avaliação ergonômica dos espaços urbanos e seus elementos, através da opinião dos usuários em relação a estes aspectos.
- Consequência da pesquisa: promover melhorias na produção do espaço urbano, mais especificamente no sistema praça, priorizando a interface humano-ambiente.



Figura 1 - Praças classificadas pela pesquisa (Fonte: A autora, 2012)

A partir dos resultados que foram obtidos através dos métodos e técnicas aplicados na pesquisa foi possível avaliar a real importância e influência do mobiliário urbano em um espaço pré-definido: a praça Edmundo Bittencourt, localizada no Bairro Peixoto, Rio de Janeiro.

1.2. Temas da pesquisa

Os objetos são peças fundamentais para a caracterização de qualquer espaço. Como sabemos a função de um cômodo de uma casa, por exemplo? Geralmente só conseguimos distinguir um quarto de um escritório através dos objetos que são colocados dentro deste espaço. É através desta caracterização que o cômodo se organiza e ganha sua função. O mobiliário é capaz de direcionar a utilização de um espaço.

Quando se trata do espaço urbano temos a mesma situação: se fazem necessários objetos, projetados em escalas diversas, que componham este espaço. É neste momento que identificamos uma interface entre a arquitetura, o urbanismo e o design, onde a arquitetura se encarrega das construções de grande porte, o urbanismo dos limites e fluxos, e o design dos objetos de pequeno porte, os quais complementam, de forma igualmente necessária, este cenário.

Kevin Lynch (2006) classificou este conjunto de objetos que chamamos de espaço urbano através de cinco elementos básicos: bairros, limites, marcos, pontos nodais e vias. Além disso, ele defende que a imagem de uma determinada cidade se dá através da combinação de três componentes: identidade, estrutura e significado.

Olhar para a cidade pode dar um prazer especial, por mais comum que possa ser o panorama. Como obra arquitetônica, a cidade é uma construção no espaço, mas uma construção em grande escala; uma coisa só percebida no decorrer de longos períodos de tempo. O design de uma cidade é, portanto, uma arte temporal, mas raramente pode usar as sequências controladas e limitadas das outras artes temporais, como a música, por exemplo. (LYNCH, 2006, pg. 1).

O mobiliário urbano tem diversos papéis de extrema importância dentro de uma cidade. Além da sua principal função, a de atender às necessidades de uma determinada população, é capaz de informar, educar e reduzir a violência de uma região, aspectos fundamentais para o bom funcionamento de um sistema urbano.

O espaço não pode ser reduzido apenas a uma localização ou às relações sociais da posse de propriedade – ele representa uma multiplicidade de preocupações sociomateriais. O espaço é uma localização física; uma peça de bem imóvel, e ao mesmo tempo uma liberdade existencial e uma expressão mental. O espaço é ao mesmo tempo o local geográfico da ação e a possibilidade social de engajar-se na ação. (GOTTDIENER, 1997, pg.127).

O planejamento urbano tem como característica principal a capacidade de transformar um espaço em um lugar. Seus objetos devidamente introduzidos nos ambientes públicos passam a ser referências da cidade tanto para seus moradores quanto para seus visitantes. Possuem o papel de criar uma identidade ao espaço através de uma linguagem visual, conceituada nos parâmetros culturais de uma determinada sociedade.

1.3. Questões de pesquisa

Uma das questões da pesquisa foi identificar qual a importância social do espaço urbano para a população de uma cidade. Os mobiliários são introduzidos nos espaços como uma espécie de elo entre a figura “humano” e a figura “cidade”. O espaço necessita do objeto para ser vivenciado assim como o homem necessita do objeto para vivenciar.

A necessidade de reestruturação dos espaços urbanos é de fato um tema recorrente. Grandes cidades, como o Rio de Janeiro, veem demonstrando uma ineficiência neste setor, resultado da falta de investimentos dos governos. A cada nova gestão, uma nova padronização urbana é adotada, com intenção meramente política, de embelezamento visual. Como a intenção é estética, questões fundamentais como a ergonomia e a usabilidade acabam por serem ignoradas.

Quando se projeta um espaço de convívio que, por falta de estudos ergonômicos, não atrai e nem conforta seus usuários, este se torna ocioso. Locais sem rotatividade urbana, em estado de abandono, passam a ter usos indesejados, tornam-se perigosos, contribuindo para o aumento da violência.

Enrico Ferri, um criminologista nascido na Itália, em seu livro *Sociologia Criminale* de 1884, compreende esta questão de uma forma bastante óbvia, porém profunda: “se em uma rua escura se cometem mais atos violentos do que em uma rua clara, bastaria iluminá-la e isso se tornaria mais eficaz do que construir prisões”. (FERRI, 2006).

A Associação Internacional de Ergonomia – AIE define ergonomia como a “disciplina científica relacionada ao entendimento das interações entre os seres humanos e outros elementos ou sistemas, e à aplicação de teorias, princípios, dados e métodos a projetos a fim de otimizar o bem estar humano e o desempenho global do sistema.” (ABERGO, 2013).

A Ergonomia Ambiental estuda a interface homem-ambiente e engloba estudos do espaço construído. Utiliza de métodos e técnicas para avaliar a relação do homem com suas atividades. Essa pesquisa propõe que o ambiente praça, gerado pela configuração urbana, seja classificado quanto a sua ergonomia.

Segundo Ribeiro & Mont'Alvão (2005), aspectos como a percepção ambiental e a orientabilidade espacial são aspectos inicialmente observados quando estamos avaliando um ambiente construído através da ergonomia. É extremamente importante saber o que e como observar o espaço. É preciso entender as atividades que ali ocorrem antes de escolher a técnica ou o método de coleta de dados.'

Para isso, é necessário compreender o comportamento humano, já que é através do homem que as ações ocorrem em um determinado espaço. No entanto, cada sujeito observado durante a pesquisa, fazendo uma determinada ação, a executará a seu modo. São estes aspectos de diferenciação humana que enriquecerão a pesquisa.

Existem diversas técnicas utilizadas para avaliar a relação do homem com um determinado espaço: questionário, observação, entrevistas, registro de comportamento, deslocamento monitorado, entre outras. A escolha da técnica deve ser feita de maneira precisa e consciente, para que a pesquisa não sofra problemas futuros. Utilizar de testes piloto é uma maneira de validar a sua escolha e reduzir as possibilidades de erro.

Para tanto, inicialmente deverão ser avaliadas as seguintes categorias dos problemas ergonômicos, que fazem parte da problematização, segundo a metodologia da intervenção ergonomizadora (Moraes e Mont'Alvão, 2010):

- NATURAIS: exposição às intempéries; exposição excessiva ao sol.
- FÍSICO-AMBIENTAIS: temperatura, ruído, iluminação, vibração, radiação, acima ou abaixo dos níveis recomendados.
- BIOLÓGICOS: falta de higiene e assepsia, o que permite a proliferação de germes patogênicos (bactérias e vírus) fungos e outros micro-organismos.
- DE ACESSIBILIDADE: má acessibilidade, espaços inadequados para movimentação de cadeiras de rodas, falta de apoios para utilização de equipamentos especiais.
- PSICOSSOCIAIS: conflitos entre indivíduos e grupos sociais; dificuldades de comunicações e interações interpessoais; falta de opções de repouso, alimentação, descontração e lazer no ambiente de trabalho.

- **URBANÍSTICOS:** ausência de pontos e/ou marcos de referência que auxiliem a orientação e circulação dos usuários no espaço urbano; deficiência na circulação dos usuários no espaço da cidade; falta de áreas públicas de lazer e integração.

Além destes aspectos, problemas informacionais e comunicacionais também serão observados. É fundamental que o usuário seja capaz de se orientar dentro de um determinado espaço. Portanto, é importante que a informação seja transmitida através de uma linguagem clara e familiar para que esta seja bem compreendida.

O usuário é capaz de vivenciar um espaço e identificar quais as dificuldades enfrentadas por ele na utilização dos mesmos. Por isso, a sua opinião é fundamental para o sucesso de um projeto, e é a partir dessa avaliação que a pesquisa será embasada. O material necessário será obtido através de métodos e técnicas de pesquisa, dentre elas observação, entrevistas e pesquisas de campo.

1.4. Recorte da pesquisa

A pesquisa teve como recorte a praça: espaços livres públicos, de lazer, de estar, de contestar, de viver. Como cenário desta análise foi escolhida a cidade do Rio de Janeiro, facilitando a pesquisa de campo. A partir de uma seleção prévia, algumas praças cariocas foram avaliadas através da utilização de técnicas, com o objetivo de entender o seu sistema e sua funcionalidade. Por fim, uma única praça foi selecionada.

E o Rio de Janeiro, lugar onde se articulam experiências urbanas das mais diversificadas, é, sem dúvida, uma metrópole brasileira de trajetória típica, que deixou de ser capital federal em 1960, mas não perdeu seu poder de atração e difusão de eventos, modas e costumes, fatos que estão marcados no cotidiano dos habitantes e em grande parte do espaço físico que a compõe. (COLCHETE, 2008, pg. 25).

1.5. Objetivos da Pesquisa

O objetivo principal da pesquisa é, utilizando como ferramenta a ergonomia, entender a relação do mobiliário urbano com seus usuários e a importância desta relação na vivência do espaço definido como praça. Nesta pesquisa prevê-se uma primeira análise ergonômica dos aspectos físicos de praças urbanas e a opinião de seus usuários. A ergonomia sustentará a metodologia que será utilizada.

Mas a verdadeira redenção do séc. XIX realiza-se nos espaços exteriores, isto é, na urbanística. Diante dos grandes fenômenos que se seguem à Revolução Industrial, e, principalmente, do urbanismo e do advento dos novos meios de locomoção, o século XIX defronta-se com os problemas do espaço urbano, irrompe para além dos muros antigos, cria novos bairros periféricos, formula os temas sociais da urbanística no sentido moderno da palavra, e constrói a cidade-jardim. (ZEVI 1996, pg. 120).

Os objetivos específicos foram traçados como metas intermediárias do trabalho, de forma a nortear o processo para a obtenção dos resultados pretendidos. Foram fundamentais e determinantes tanto dos aspectos metodológicos quanto dos intuitivos da pesquisa.

1. Conceituar o espaço denominado de praça
2. Definir os critérios de seleção das praças que serão analisadas
3. Buscar a história das praças para uma melhor compreensão deste espaço
4. Identificar os elementos que compõem o sistema praça
5. Entender o conceito de praça contemporânea carioca
6. Compreender a importância do mobiliário urbano
7. Categorizar ergonomicamente os equipamentos urbanos
8. Eleger os métodos que serão utilizados na pesquisa de campo
9. Aplicar a metodologia objetivando coletar informações pertinentes
10. Relacionar a qualidade da praça com a ergonomia de seus equipamentos
11. Analisar os resultados obtidos durante a pesquisa
12. Esclarecer a relação do mobiliário com seus usuários na vivência da praça
13. Ensaiair propostas de melhorias para esta relação

1.6. Justificativa da relevância da pesquisa

Em um breve levantamento foi possível verificar a carência de estudos em praças públicas, com enfoque nos equipamentos do mobiliário urbano. Também não foram identificadas pesquisas na área da ergonomia do ambiente construído (EAC) com este enfoque específico.

Diante desse quadro, em que há uma necessidade visível de que mais trabalhos voltados para a EAC sejam desenvolvidos, acredita-se que esta pesquisa seja de grande importância na contribuição de informações para essa linha de pesquisa.

A relevância do assunto proposto é baseada na necessidade de uma melhor produção do espaço urbano. A aplicação dos aspectos da ergonomia e sua constante preocupação com a qualidade de vida podem colaborar para que uma nova forma de se projetar espaços passe a existir, priorizando o conforto humano e o meio ambiente.

A população e a paisagem urbana não devem abrir mão de suas praças. É preciso promover, recuperar e valorizar estas áreas, resgatar sua importância para a cidade como espaço público por excelência, buscando padrões de qualidade de vida compatíveis aos de primeiro mundo.

Neste momento globalizado, onde as identidades estão se perdendo, um projeto urbano eficiente e consistente pode ser um meio de contribuição para reforçar a cultura de uma determinada cidade. Estas alterações urbanas promovem o desenvolvimento social e tecnológico, e permitem que os traços culturais sejam mantidos ao mesmo tempo em que as novas interferências se apresentam.

Uma outra lição da história de Schopenhauer é que uma impossibilidade pode ser tratada através de um ato que redistribua os corpos no espaço. É também este o princípio de base, para citar um outro exemplo, do urbanismo, que procura organizar as cidades para que a vida comum seja possível, isto é, para evitar que cada um dos cidadãos se torne insuportável para os outros. Onde estaria a presença real e maciça do outro, o urbanista cria um lugar, que esvazia o que teria sido a presença, ao mesmo tempo em que delinea seu contorno. (BARROS, 1998 pg.43)

Este papel do urbanista, de organizar a cidade, de organizar a vida das pessoas, é também uma maneira de imprimir ética, educação e respeito à sociedade. A vida civilizada está totalmente vinculada ao tipo de urbanidade em que uma sociedade está inserida. Cada projeto delinea uma determinada cultura e cada cultura inspira um determinado projeto.

1.7. Viabilização do projeto

Como área para o estudo, determinou-se a cidade do Rio de Janeiro, uma vez que a cidade recebe um grande fluxo de visitantes anualmente, além de ter uma população de 6.320.446 habitantes (IBGE, 2011).

Diante do cenário futuro, onde o Rio de Janeiro sediará eventos mundiais, a valorização de áreas públicas é de extrema importância, pois promove a imagem da cidade diante de possíveis investidores.

É prioridade da agenda política dos governadores promover áreas de lazer para a população. Neste contexto, a produção acadêmica encontra espaço no consumo do primeiro setor de estudos para o embasamento de projetos.

A reestruturação urbana é considerada fundamental para que haja uma mudança na qualidade de vida dos habitantes do Rio de Janeiro. Melhorias nas áreas de lazer implicam no desenvolvimento social, bem como na segurança da população. Espaços para áreas verdes são cada vez mais escassos.

É crescente o investimento na preservação e promoção do conforto ambiental. Portanto, o tema abordado é de extrema importância econômica, política, social e ambiental. Deve ser encarado com responsabilidade, por ser capaz de influenciar tantos aspectos de uma cidade e de sua população.

1.8. Estrutura metodológica da pesquisa

A pesquisa em questão, do ponto de vista da sua natureza, pode ser classificada como uma pesquisa aplicada, uma vez que objetivou gerar conhecimentos sobre o design urbano para aplicações práticas, dirigidos à solução de problemas ambientais específicos, no envolvimento dos interesses humanos e sociais.

Quanto à forma e a abordagem do problema e das questões de pesquisa, o método utilizado foi qualitativo, na consideração das relações dinâmicas entre o homem e o espaço, através da análise do vínculo entre o mundo objetivo e a subjetividade humana, que não pode ser traduzida em números. Portanto, tal abordagem na sua aplicação, não necessitou de métodos e técnicas estatísticas, (Silva e Menezes, 2001). O ambiente urbano foi fonte direta para coleta de dados e o pesquisador instrumento-chave na análise dos seus dados.

Por ter buscado proporcionar uma maior aproximação com o problema do planejamento urbano, a pesquisa é classificada como exploratória, quanto aos seus objetivos. Envolveu levantamentos, entrevistas com usuários que tiveram experiências práticas com os objetos pesquisados, bem como análises de exemplos e situações que estimularam a compreensão da realidade em estudo.

Conforme proposta de Vergara (2004), entre diversas técnicas de pesquisas, aqui foi adotado o estudo de caso, uma vez que o tema da pesquisa foi circunscrito a uma unidade de análise que corresponde ao conjunto urbano na sua relação com o homem.

O estudo de caso permitiu uma profunda compreensão do objeto de análise de maneira que se alcançou um amplo conhecimento das suas interferências e relações. (Silva e Menezes, 2001).

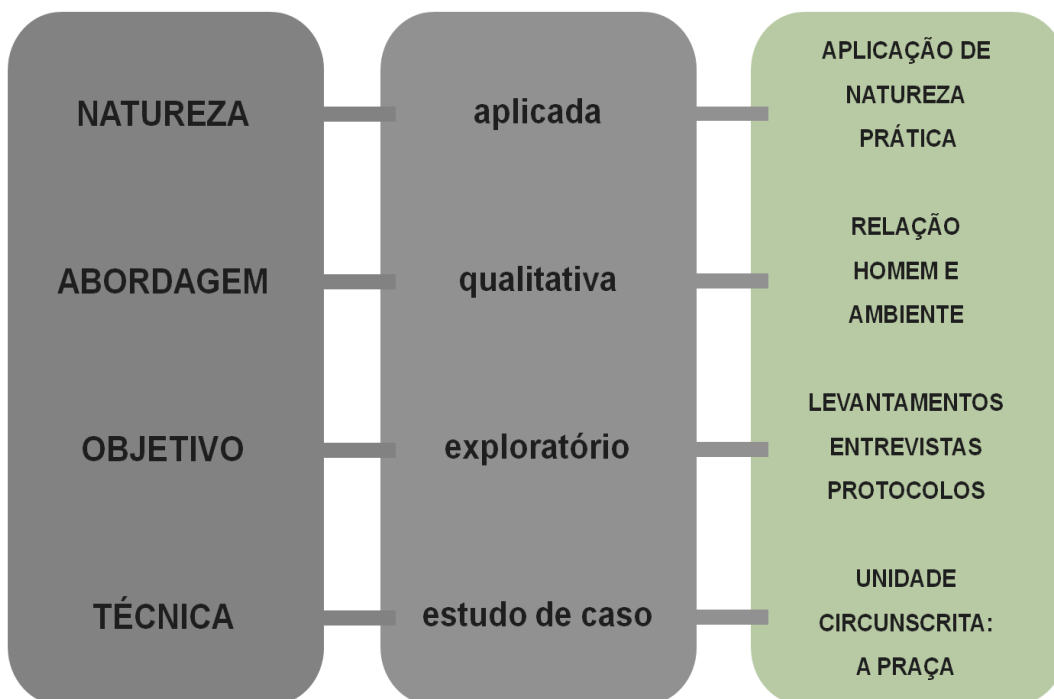


Figura 2 - Esquema da estrutura metodológica (Fonte: A autora, 2012)

Estrutura dos capítulos da dissertação:

Os próximos capítulos vão tratar dos assuntos anteriormente citados de forma mais aprofundada. Primeiro levanta as questões teóricas, sobre espaço urbano, praças, mobiliários e relações sociais. Depois aborda a teoria da ergonomia e seus aspectos metodológicos. Por fim, explicita todo o processo de seleção do objeto de estudo e detalha toda a pesquisa de campo realizada e seus resultados. A seguir, tabela explicativa:

TÍTULO	TEMAS	OBJETIVOS
1- Introdução	Panorama da pesquisa, questões, objetivos, justificativas, metodologia e viabilização.	Introduzir o assunto abordado e a estrutura da pesquisa
2- O espaço urbano denominado Praça	As cidades, as praças, as praças cariocas, os mobiliários urbanos e a sociedade.	Conceituar e dissertar sobre os objetos a serem estudados.
3- Ergonomia do Ambiente Construído	Conceitos, aplicabilidade e Exemplos	Expor um panorama geral sobre a ergonomia.
4- Delimitação do recorte da pesquisa	Passo a passo: bibliografia informativa, classificações, definições e técnicas.	Apresentar a metodologia para definir o cenário.
5- A praça selecionada como objeto de estudo	Levantamento físico e documental, metodologia e aplicação de técnicas.	Aprofundar os aspectos do cenário da pesquisa.
6- Resultados encontrados	Dados coletados, cruzamento e resultados.	Analisar os dados encontrados e obter correlações.
7 - Conclusão	Induções, propostas, desdobramentos e considerações finais.	Apontar possibilidades de aplicação da pesquisa.

Tabela 1 - Explicação esquemática dos capítulos (Fonte: A autora, 2012)

A PLAZA SAN MARTÍN

“En busca de la tarde
fui apurando en vano las calles.
Ya estaban los zaguanes entorpecidos de sombra.
Con fino bruñimiento de caoba
la tarde entera se había remansado en la plaza,
serena y sazónada,
bienhechora y sutil como una lámpara,
clara como una frente,
grave como un ademán de hombre enlutado.
Todo sentir se aquieta
bajo la absolución de los árboles
- jacarandás, acacias -
cuyas piadosas curvas
atenúan la rigidez de la imposible estatua
y en cuya red se exalta
la gloria de las luces equidistantes
de leve luz azul y tierra rojiza.
¡Qué bien se ve la tarde
desde el fácil sosiego de los bancos!
Abajo
el puerto anhela latitudes lejana
y la honda plaza igualadora de almas
se abre como la muerte, como el sueño.”

Jorge Luis Borges

2 O ESPAÇO URBANO DENOMINADO PRAÇA

Este capítulo trata do espaço urbano de forma um pouco mais aprofundada, através de uma análise teórica das relações existentes na estruturação física e social das cidades. Utiliza em alguns momentos de uma abordagem cronológica para organizar os fatos.

Aborda os aspectos da totalidade, a influência do cotidiano e a importância do trabalho diante da relação do homem com o espaço. O que se pretende é uma melhor compreensão do espaço, de forma mais clara, para que se possa enxergá-lo como receptáculo, e aí sim buscar a compreensão das representações e as suas respectivas influências no espaço urbano e na sociedade.

Faz uma breve definição do espaço Praça, de seus conceitos iniciais vinculados ao surgimento do urbanismo, onde nasceu a necessidade do planejamento desta. Apresenta um breve levantamento das principais mudanças que a praça sofreu durante a sua história, influenciando assim na função que ela exercia numa determinada sociedade.

Levanta alguns questionamentos: Qual é a função atual da praça? Que influências ela exerce? Seria relevante um resgate histórico de sua função? Ou mais provável uma reformulação?

Traz questões mais específicas, sobre o surgimento da necessidade dos equipamentos urbanos, identificando de que forma o design, a ergonomia e a política urbana se relacionam. Exibirá também um breve mapeamento cronológico do mobiliário urbano, especificando suas principais funções, priorizando o contexto praça.

Por fim relaciona conceitos espaciais com a sociedade. Utilizará como objeto de análise um recorte no espaço urbano: a praça pública. Empregará como base interlocutora o autor Henri Lefebvre, através de citações que exemplificam as temáticas que serão discutidas.

O objetivo é tentar entender de forma mais aprofundada, como os aspectos do cotidiano se relacionam e como se influenciam. Para isso, precisamos compreender todas as partes, e aí sim depois, juntá-las para compreender, em outra escala, a totalidade.

2.1. A estruturação física e social das cidades

Tratar o espaço simplesmente com caráter de localidade é uma forma extremamente restrita, diante de sua complexidade. Ele é estruturado e concebido (e estrutura e concebe também), por uma série de relações, políticas, sociais e culturais. Além disso, também se dá através das relações morfológicas, onde o natural e o construído (“artificial”) se encontram, caracterizando os receptáculos da reprodução social.

Podemos então, identificar tanto o caráter material quanto o mental do espaço, onde ambos são influenciadores e influenciados pela totalidade. A morfologia de um lugar, por exemplo, certamente interferirá na utilização desse; assim como uma determinada necessidade social direcionará os aspectos morfológicos de outro espaço. É esta relação entre o que é definidor e o que se define que promove as transformações do meio, do espaço, do receptáculo.

Pode parecer um tanto aprisionadora esta dualidade, onde o subordinado e o poder trocam de lado constantemente. Hora um domina, hora o outro. Hora um é dominado, hora o outro. No entanto, é nesta possibilidade da troca dos papéis que encontramos a liberdade, a possibilidade de expressão mental. É neste momento da troca de ações, onde um está caminhando para o papel de definidor (mas ainda não o é), e o outro para a submissão de ser definido (mas ainda não o está), que o momento propício para o surgimento da expressão acontece.

Rapidamente, este momento em que todos ocupam uma mesma posição diante das relações, se esvai. É como se cada vez que um personagem da relação encosta no outro, gera uma faísca, um feixe de luz, luz essa que representa a reprodução, a troca, onde um ganha um pedacinho do outro e se modifica. Luz das ideias, da esperança humana. O tempo e o espaço propiciam estes momentos, onde é possível enxergar os fatos de forma liberta, livre de influências dos poderosos.

Uma determinada população se caracteriza por estar inserida num tempo e num espaço. Provavelmente esta noção de pertencimento a um determinado grupo não se dê conscientemente. Mas, em que medida o projeto é parte de um desejo individual, ou fruto de um desejo social? A criação é uma produção social, também situada no tempo e no espaço; é intencional, e não casual. As ideias se desenvolvem a partir das condições sociais, não são individuais e sim coletivas.

Os lugares que propiciam a criação, a construção de ideias, a reprodução social, são fragmentos do espaço. Mas não são apenas partes físicas fixadas no espaço, imóveis e imutáveis; são grandes influenciadoras, fundamentais para o processo sócio evolutivo, são também sujeitos das ações. Os pedaços das cidades, estas frações urbanas, fazem parte da construção do coletivo social, são cenário e são ação, ao mesmo tempo.

Não é apenas toda a sociedade que se torna o lugar da reprodução (das relações de produção e não já apenas dos meios de produção): é todo o espaço. Ocupado pelo neocapitalismo, setorizado, reduzido a um meio homogêneo e, contudo, fragmentado, reduzido a pedaços (só se vendem pedaços de espaço às “clientelas”), o espaço transforma-se na sede do poder. (GOTTDIENER, 1997, p.208).

A busca pela uniformidade do meio é uma tentativa constante de maior controle social. A padronização teoricamente facilitaria na previsão e na prevenção de problemas. E de fato facilita! O poder utiliza este mecanismo há séculos para influenciar e coordenar uma determinada população. O espaço se torna uma poderosa ferramenta política, onde poder, controle e dinheiro se unem, afastando assim cada vez mais a consciência do espaço coletivo, onde a sociedade se apropria dele, e trazendo a ideia de espaço público, ou seja, dominado e controlado pelo poder público.

Tornar o espaço homogêneo não é a única tentativa de controle do poder público. A fragmentação, a segregação social também é desejada, pois desarticula a população, aliena os pensamentos e dificulta o posicionamento político. É uma forma de impedir que o poder passe para as mãos da sociedade (o que deveria ser óbvio, já que os políticos trabalham para os cidadãos). O objetivo é fazer com que a sociedade se sinta impotente e submissa diante dos poderosos.

Com isso, a totalidade, que se estrutura através das relações, perde sua diversidade e se torna cada vez mais homogênea. A possibilidade da diversidade se exprimir está se extinguindo diante da manipulação política dos espaços de expressão social. Vale lembrar que o espaço é produto do agenciamento humano e é também condicionador deste agenciamento. É uma via de mão dupla.

Outra vez as autoridades articulam uma desarticulação social. Unem a sociedade enquanto pensantes manipulados, ou seja, todos pensam o que se deve pensar, o que é certo de se pensar; e a separam enquanto sociedade, classificando as pessoas em grupos sociais, onde você é rotulado em função do seu salário. Um tanto aprisionador, não?

A estratégia global que aqui revelamos (mais do que descobrimos) no plano teórico, constitui uma totalidade nova, cujos elementos, simultaneamente unidos (no espaço, pela autoridade e pela quantificação) e desunidos (nesse mesmo espaço fragmentado pela mesma autoridade que reúne separando e separa unindo sob o seu poder), vão desaparecendo. Há o cotidiano, reduzido ao consumo programado, afastado das possibilidades que a técnica abre. Há o urbano, reduzido a pedaços em torno da centralidade estatal. Há, por último, as diferenças reduzidas à homogeneidade pelos poderes coercitivos. (GOTTDIENER, 1997, pg. 209).

O cotidiano também está sendo direcionado pelo poder. Não é mais uma decisão individual o que se deve comprar, o que é melhor comer, e o que você gostaria de vestir. Até as atividades de lazer são induzidas... Talvez por isso, por estarem tão distantes de seus próprios desejos, a sociedade viva em busca de uma felicidade utópica.

A vida do dia a dia, a vida cotidiana; é nela que está a satisfação pessoal. A tal felicidade certamente se manifestaria com mais frequência se a sociedade se escutasse mais, e não valorizasse tanto a voz do todo poderoso: o poder.

O homem sente necessidade de vivenciar, de se relacionar com o seu meio (de forma induzida ou não). As relações preenchem os vazios humanos existenciais. Utilizar os espaços é uma forma de relação que posiciona o ser humano diante do mundo, que permite que ele compreenda a sua existência e o seu papel na sociedade.

Dar sentido à vida é uma necessidade. Surge então, o trabalho como forma de reafirmação existencial, é preciso ter um ofício para fazer parte da sociedade, para ser um cidadão. E é através do trabalho que o homem domina o espaço.

A necessidade é, ao mesmo tempo, ato (atividade) e relação, em si mesma complexa, com a natureza, com outros seres humanos, com objetos. Pelo trabalho o ser humano domina a natureza e se apropria parcialmente dela. O trabalho não pertence à natureza. Ele chega a ser “contra a natureza” em dois sentidos; enquanto labor, exige esforço e disciplina – modifica a natureza em torno do homem e dentro do homem. O trabalho torna-se uma necessidade. (LEFEBVRE, 2006, pg. 153).

O trabalho tem o poder de mudar a sociedade interna e externamente. A sociedade sofre mutações constantes derivadas dos novos posicionamentos de seus indivíduos. Mais uma vez nos deparamos com uma relação onde há o domínio e a subordinação de ambas as partes, onde há a dominação da natureza pelo homem (trabalho) e há a subordinação do homem diante da grandeza do mundo natural.

A forma possui a capacidade de passar uma informação de maneira imediata. No entanto, esta interpretação pode ser bastante imprecisa. Nem sempre o que está formalmente representado é de fato uma materialização da realidade. A cidade é um conjunto de representações sociais, fruto de uma estrutura coletiva, é produto da expressão coletiva, e não de um indivíduo. Além disso, muitas vezes o natural é interpretado como um espaço paralisado, cenário social, onde sua influência é meramente ilustrativa. Esta percepção é totalmente ingênua.

A forma, pois, é enganadora. Ela conduz a representações falsas, particularmente à impressão de fixidez, à confusão entre a coisa natural (imóvel) e a coisa social (abstrata, logo historicamente formada). Arrasta toda a sociedade a um processo muito particular: a reificação. (LEFEBVRE, 2006, pg. 155).

Nos deparamos então com um grande abismo social, onde o homem trabalhador perde sua individualidade e passa a ser visto como mais um objeto natural (imóvel) e homogeneizado diante de todos. O homem adquire valor de troca, vira mercadoria. Este é o processo de ‘coisificação’, de ‘reificação’ das relações sociais. O valor de uso passa a prevalecer diante da individualidade e o mundo passa a sobreviver vendendo sonhos.

2.2. Cronologia de implantação das praças

Para fazer uma pesquisa direcionada ao espaço urbano, utilizando como recorte a praça, é preciso compreender seu real significado e como a evolução deste espaço se deu. Certamente a praça atual contemporânea não possui o mesmo significado da antiga *ágora* e nem exercem a mesma função urbana e sociocultural que exerciam no período clássico grego.

No Dicionário Online de Português a palavra praça é definida como “largo espaço descoberto para onde convergem várias ruas”. Na prática é possível identificar muitos outros significados para esta pequena palavra.

Uma das perguntas que a pesquisa vai tentar responder está relacionada à função da praça contemporânea. A importância urbana das praças foi sendo modificada ao longo do tempo. Estas transformações se davam sempre como consequência das grandes alterações que aconteciam no mundo.

A utilização do espaço urbano sempre esteve diretamente relacionada às necessidades de uma determinada população, tendo a praça como palco principal de expressão da identidade sociocultural de um lugar. Mas será que estes espaços públicos ainda promovem coesão social como promoveram durante séculos?

O espaço urbano tido como precursor das praças foi a *ágora*, na Grécia. A *ágora* grega era um espaço aberto, normalmente delimitado por um mercado, no qual se praticava a democracia direta, visto ser este o local para discussão e debate entre os cidadãos. (MACEDO e ROBBA, 2002).

Sua função primordial é a de aproximar e reunir as pessoas, seja por motivo cultural, econômico, político ou social. Em Roma, a praça também tinha as mesmas características da *ágora*, porém era conhecida como *foro romano*. O termo *praça* surge na idade média e seus conceitos espaciais só vão se concretizar no período renascentista.

As praças medievais eram espaços vazios e de forma irregular inseridos na estrutura urbana. Eram utilizadas para diversas atividades: de comércio a peças teatrais, de festas a funerais (SOUSA, 2012, pg. 4). Eram espaços onde as pessoas se sentiam livres de qualquer repressão, tanto do exército quanto da igreja. (Na época, a igreja católica utilizava de seu poder econômico para controlar não só a espiritualidade, mas também pensamento da população).

Sitte (1992, pg. 24), descreve que nas praças “... concentrava-se o movimento, tinham lugar as festas públicas, organizavam-se as exposições, empreendiam-se as cerimônias oficiais, anunciavam-se as leis, e se realizava todo tipo de eventos semelhantes”. No entanto, ainda não era considerada elemento com poder de transformação e embelezamento. Seu valor era restrito apenas à sua funcionalidade.

Eram espaços sem valor urbano, sem formas definidas e sem uma simbologia reconhecida. Era um espaço do povo, sem leis, onde tudo era permitido. Único veículo de informação da época, talvez o espaço mais importante da cidade, concentrava todas as atrações e ainda assim não tinha seu valor, nem social e nem espacial, reconhecido.

No Renascimento, com a evolução das técnicas cartográficas, o espaço passa a ganhar importância, assumindo qualidades inteiramente novas de objetividade, praticidade e funcionalidade. Os mapas eram fundamentais para a precisão das navegações, para delimitar as terras e definir direitos de propriedade e de fronteiras políticas. Todavia, serviram também para sinalizar a necessidade de mudanças nos traçados urbanos. Houve, então, uma mudança na percepção do espaço.

Se as experiências espaciais e temporais são veículos primários da codificação e reprodução de relações sociais (como sugere Bourdieu), uma mudança no modo de representação daquelas quase certamente gera algum tipo de modificação nestas. Esse princípio ajuda a explicar o apoio que os mapas da Inglaterra renascentista deram ao individualismo, ao nacionalismo e a democracia parlamentar em detrimento dos privilégios dinásticos. (HARVEY, 2003, pg. 225).

O individualismo gerou um afastamento social que se refletiu na utilização dos espaços urbanos, culminando em uma crise espacial. Uma estrutura urbana mais ordenada e mais racional passou a ser desejada como meio de controlar o espaço.

Este processo organizacional, onde o espaço organizado era sinônimo de um melhor aproveitamento do tempo, já fazia parte do início de um projeto urbano modernizador. Neste período, com a busca por cidades ideais e com a evolução do planejamento urbano, as praças também ganharam uma atenção especial.

As pessoas passavam sem querer nada, sem fazer nada: é a cidade moderna, o homem da multidão, o ocioso que participa do mecanismo da cidade sem o conhecer, só pertencendo a ela na sua imagem. E o Foro torna-se, assim, um fato urbano de extraordinária modernidade; possui em si tudo o que de inexprimível existe na cidade moderna. (ROSSI, 2001, pg. 178).

Elas passaram a ter um lugar de destaque no traçado urbano e eram sempre projetadas com a função de destacar uma escultura, uma obra arquitetônica ou um monumento. A praça então passa a ser vista como elemento da estrutura urbana, de valor político, simbólico e artístico, e com poder de transformação em diversas esferas sociais.

As funções da praça permaneciam as mesmas, promoviam encontros, festas, espetáculos, jogos e cerimônias. No entanto, as atividades comerciais passaram a perder sua importância. A questão paisagística ganhou espaço e as praças se tornaram mais arborizadas e com mais espaço para o descanso. No Brasil, a ideia de praça até hoje está sempre vinculada aos espaços verdes.

Mas a verdadeira redenção do séc. XIX realiza-se nos espaços exteriores, isto é, na urbanística. Diante dos grandes fenômenos que se seguem à Revolução Industrial, e, principalmente, do urbanismo e do advento dos novos meios de locomoção, o século XIX defronta-se com os problemas do espaço urbano, irrompe para além dos muros antigos, cria novos bairros periféricos, formula os temas sociais da urbanística no sentido moderno da palavra, e constrói a cidade-jardim. (ZEVI, 1996, pg. 120)

O início do século XX é marcado por grandes mudanças que influenciaram a relação do homem com o espaço e com o tempo. O surgimento do rádio, por exemplo, fez com que o espaço decaísse, “na simultaneidade de um instante, no tempo público universal”. (HARVEY, 1989).

A informação instantânea fez com que a necessidade da troca social, muitas vezes praticada nas praças, diminuísse. A população passou a apenas ouvir, sem pensar, sem trocar, cada vez mais distante da dimensão comunitária e mais próxima da dimensão individual. Inicia-se um processo de afastamento e alienação social.

No Modernismo, uma nova tipologia urbana é proposta, baseada na moradia, no trabalho, no lazer e na circulação. Conseqüentemente, a praça também sofre uma mudança: o lazer passa a ser sua atividade principal. Brinquedos e quadras poliesportivas são inseridos nos projetos de grandes arquitetos que eram convidados para projetar as praças da época.

Nas últimas décadas do século XX, consagrou-se a hegemonia da vida urbana, romperam-se muitas barreiras entre campo e cidade, e o urbano predominou como modo de vida. A cidade torna-se um tema rico e complexo de discussão. Novas formas, desenhos e espaços, bem como intenções e significados estavam sendo impressos na cidade. (COLCHETE FILHO, 2008, pg. 19-20).

Diante do dinamismo da cidade moderna, onde grandes avenidas ocupam boa parte da cidade para comportar um número de veículos cada vez maior, a praça passa a ser um dos poucos lugares públicos que restaram para a população exercer a prática da troca cultural. Com isso, surge a necessidade de um resgate do comércio e do mercado integrados a praça como forma de expressão cultural.

A praça ganhou grandes concorrentes, como shoppings, clubes particulares e condomínios. Diante do aumento da violência urbana, a busca por espaços seguros pela sociedade promoveu uma maior utilização de espaços privados, o que reduziu a frequência populacional nos espaços públicos de lazer.

O avanço da tecnologia, aliado a globalização, também contribuiu para a redução da utilização dos espaços urbanos. Com a televisão, por exemplo, as pessoas passaram a ficar mais tempo em casa, sozinhas, e menos nas ruas e nas praças urbanas. Mais uma vez o conceito de tempo e espaço é modificado diante da sociedade.

Além disso, a cultura capitalista, que é marcada pelo estilo de vida rápido, fez com que muitas praças se tornassem espaços apenas de circulação. Por isso, equipamentos de transporte como pontos de ônibus e estações de metrô também foram inseridos nestes espaços para promover um melhor fluxo da população dentro da cidade.

“Como nos dizem Camilo Sitte e João do Rio, nas praças e ruas das cidades, corre o sangue que parece fazer desses espaços algo literalmente vivo, que luta pela própria sobrevivência.” (COLCHETE FILHO, 2008, pg. 41).

Nesta época, a proporção dos projetos urbanos estava totalmente voltada para a harmonização dos edifícios com as avenidas. A escala utilizada não levava em consideração a população andando pelas ruas e calçadas. O período era de valorização dos automóveis. Os alinhamentos dos edifícios se afastavam cada vez mais, abrindo espaço para vias, e valorizando a individualidade. Consequentemente, as praças também foram sendo isoladas, diante do urbanismo moderno, de espaços fragmentados.

Mas é no urbanismo contemporâneo que ressurgiu a tentativa de que o pedestre volte a ser valorizado. Ele passa a ser referência para o planejamento do espaço público urbano. Surgem os grandes calçadões, e as antigas praças são revitalizadas com o intuito de recuperar os espaços que eram utilizados.

O desejo por criar uma identidade visual para a cidade não era suficiente para recuperar as atividades das praças. A sociedade contemporânea precisava de novos atrativos. Brinquedos infantis começaram a ser fundamentais assim como mesas de jogos e atrações para a terceira idade. Será então que a estrutura social das praças está agora relacionada ao design de seus mobiliários urbanos?

No século XXI, a praça urbana ganha talvez a sua maior concorrente da história: a rede de relacionamentos virtual. É uma espécie de “praça digital”, um espaço para encontrar pessoas, expor suas ideias, além de permitir um fácil acesso a informações diárias. Supõe-se que, assim como na praça urbana, o usuário também esteja sendo ouvido. No entanto, ainda há um forte indício de que a coesão social não se desenvolva efetivamente nos espaços virtuais.

Por outro lado, com a superpopulação das grandes cidades, espaços públicos como as praças passaram a ser raros e assim mais valorizados. São espaços carregados de valores estéticos, simbólicos e ambientais, onde as pessoas podem encontrar tranquilidade diante do caos urbano.

Ainda hoje, pode ser considerada um espaço que proporciona essencialmente encontros, é onde ocorrem ações da vida pública, é o palco da população. Segundo Santos (1996, pg. 26), podemos considerar o espaço como um conjunto indissociável entre um sistema de objetos e um sistema de ações.

Lugar fundamental da vida social e da cidadania, mesmo diante da globalização, a praça continua sendo o espaço de maior visibilidade na esfera pública. Sem uma função específica e subutilizada pela população, a praça contemporânea continua sendo o cenário das principais ações sociais de uma cidade, assim como foi a *ágora grega* ou o *foro romano*.

2.3. A praça contemporânea carioca

Hoje, na cidade do Rio de Janeiro, praça não é lá lugar muito frequentado. Nos bairros de elite, é comum até acharmos algumas cercadas por grades – um contrassenso, já que elas devem ser públicas. As praças cariocas, em vez de serem vistas como lugares de todos, às vezes acabam sendo consideradas “terra de ninguém”. (KAZ, 2006)

Para compreendermos a função atual das praças urbanas do Rio de Janeiro, precisaremos primeiramente compreender a evolução urbana da cidade. Analisaremos também questões políticas e sociais, diretamente relacionadas a estruturação dos conceitos que definem o usuário carioca, além de direcionarem a evolução desta sociedade.

Aldo Rossi defende que a cidade se divide em esfera pública, elementos primários e área-residência. Estas divisões são intimamente relacionadas à arquitetura da cidade. Ele define arquitetura como parte integrante do homem, já que é sua própria construção.

A arquitetura é cena fixa das vicissitudes do homem, carregada de sentimentos de gerações, de acontecimentos públicos, de tragédias privadas, de fatos novos e antigos [...] O elemento coletivo e o elemento privado, sociedade e indivíduo, contrapõe-se e confundem-se na cidade... (Rossi, 2001, pg. 3).

As cidades do Brasil surgiram no período colonial, sempre diante de uma igreja. Na frente se conformava um pátio, que servia de apoio para as atividades religiosas. O resto da cidade ia sendo construído em volta deste espaço, o qual chamamos hoje de praça. Sua função na época era de acolher seus frequentadores.

Segundo Macedo e Robba (2002), quanto mais perto da igreja, mais importante era uma determinada construção. Por isso, o entorno da praça colonial brasileira, que era uma extensão da igreja, era onde se concentravam as edificações mais nobres da cidade. O melhor comércio e as pessoas mais ricas também se encontravam neste entorno. Era ali que a população manifestava sua territorialidade e sua fé. Mas como se deu a transformação desta praça colonial brasileira para a praça contemporânea carioca?

A cidade do Rio de Janeiro era a maior do país desde o início do século XIX. Diante de seu crescimento, urbanistas projetavam para a cidade com influências diretas da Europa. A intenção era criar uma cidade voltada para sua elite. Os projetos urbanos afastavam, fisicamente, os pobres e os negros dos ricos e poderosos.

O costume da época era destruir o passado para que uma nova cidade pudesse surgir. Os cortiços foram derrubados para darem lugar a novas avenidas, palacetes e grandes praças. Essas mudanças foram de grande valia na modificação da imagem da cidade para o mundo. No entanto, parte da população como os trabalhadores sofreram consequências negativas.

A massa trabalhadora passou a morar cada vez mais longe de seus trabalhos e a depender do transporte público até hoje deficiente e as favelas começaram a proliferar nos morros da cidade. Foi um período de grandes mudanças um tanto quanto negativas urbanisticamente. Mas era o progresso...

Com a chegada do modernismo, o funcionamento da cidade passou a ser o objetivo principal dos projetos urbanos. Neste período a praça já era compreendida como um espaço público, rodeado por edificações públicas importantes, além de monumentos, com espaços internos e jardins. O foco do momento era o embelezamento da cidade e sua modernização. Praticamente toda a malha urbana colonial foi destruída.

Os eixos viários tomaram conta da cidade. A circulação da população ganha foco nos projetos, deixando de lado a importância da escala. É importante que a cidade seja transitável, tanto por meios de transporte quanto pelos transeuntes. O Rio, mesmo sendo uma metrópole, é uma cidade histórica, capaz de contar sua história através da arquitetura. Seu patrimônio cultural se dá por conta dessa pluralidade.

Para Kevin Lynch, os aspectos estruturadores da percepção do espaço estão vinculados, em primeiro lugar, ao sentido da visão, responsável pelo primeiro impacto criador de significados do ambiente. Segundo ele, é essencial a sensação produzida pelos sentidos, principalmente a visão, para uma completa estruturação mental destes mesmos lugares.

As imagens do meio ambiente são resultado de um processo bilateral entre o observador e o meio. O meio ambiente sugere distinções e relações, e o observador, com grande adaptação, e à luz dos objetivos próprios, seleciona, organiza e dota de sentido aquilo que vê. (LYNCH, 1988)

Alguns episódios marcantes na mudança física do Rio de Janeiro e, conseqüentemente, da percepção dessa pela população foram: a demolição do Morro Castelo na década de 20, a abertura da Avenida Presidente Vargas na década de 40, e a demolição do Morro de Santo Antônio para construir o Aterro do Flamengo na década de 50. Foram demolidos também o Palácio de Monroe e grandes edifícios históricos localizados na Cinelândia.

Estas grandes obras, além de modificarem a imagem da cidade, levaram também boa parte de sua história. Casas, igrejas e comércios foram demolidos, sendo muitos deles tombados. Os projetos estavam sempre buscando melhorar o funcionamento e gerar uma estética grandiosa para o Rio de Janeiro. No entanto, os moradores, usuários destes espaços, sempre estiveram em segundo plano.

A política urbana passa a incentivar cada vez mais a especulação imobiliária, o que contribuiu ainda mais para a modificação drástica da cidade. Para completar o desastre, as obras do metrô chegaram com mais uma onda de demolições pelos bairros, levando assim mais um pouco da história carioca. Hoje, estamos passando por uma situação semelhante. A expansão do metrô pelas zonas Sul e Oeste está atingindo as poucas e antigas praças que restam em nossas cidades.

Estes espaços conferem identidade urbana aos cidadãos e devem ser preservados e harmonizados com a evolução urbana de cada cidade. No início do século XXI esta conscientização ganha força e o acervo arquitetônico sobrevivente passa a ser valorizado e protegido. Os bairros da Zona Sul ganham uma política preservadora de seu acervo urbano tradicional.

Novos objetivos urbanos passam a vigorar, como a proteção do meio ambiente, a utilização racional dos patrimônios da cidade (natural, cultural e construído) e a conservação e revitalização dos mesmos. Naquele momento as praças voltam a ganhar atenção.

Espaços livres públicos, indissociáveis do meio urbano, ganharam atenção diante do crescimento rápido e denso da cidade do Rio de Janeiro. Seus valores funcionais, ambientais estéticos e simbólicos atualmente são reconhecidos. São espaços que proporcionam sensações inversas ao caos da cidade, como a diversão, o encontro, a conversa, as trocas.

Aparentemente, no imaginário da população, as praças são fisicamente semelhantes. No entanto, ao analisarmos mais a fundo praças cariocas, podemos perceber que são totalmente diferentes uma das outras.

A praça possui um significado social forte diante da população, muitas vezes maior que seu significado físico e visual. Portanto, a discussão atual do tema praça e de seus conceitos transcende suas dimensões físicas. Estamos tratando agora de memória afetiva, que é intangível e incomparável.

2.4. A necessidade dos mobiliários urbanos

É certo que o surgimento destes equipamentos foi fundamental para o desempenho de uma cidade, já que permitiu uma melhor execução das atividades da população. No entanto, eles também foram grandes responsáveis pela construção de uma imagem, tanto real quanto simbólica.

“[...] a importância do mobiliário como um item que deve ser entendido como um sistema integrado às ações de projeto, já que além de contribuir decisivamente para construção da paisagem urbana, suscita ainda diferentes estímulos à emoção humana, seja afetiva, estética ou simbolicamente”.
(COLCHETE FILHO, 1997, pg. 2).

Embora as praças existam desde o período greco-romano, o surgimento do urbanismo como ciência capaz de organizar os espaços e fluxos de uma cidade só se deu no final do século XIX, depois da Revolução Industrial. É a partir desta conscientização urbana que surge a necessidade da implantação de mobiliários urbanos nos espaços públicos. Esta evolução da cidade foi um passo fundamental no desenvolvimento da dinâmica das cidades.

Os objetos que compõem a paisagem podem ocupar diversas funções urbanísticas. Partindo do princípio de que a forma do objeto é gerada a partir de sua função, entendemos que estes conceitos andam juntos durante todo o processo de criação. Muitas vezes, a forma é colocada em primeiro plano, ou simplesmente ignorada. No entanto, a existência de um objeto é totalmente dependente de sua função.

Por serem públicos, seus projetistas devem levar em conta a alta rotatividade de usuários durante o projeto de criação, onde ocorre a escolha do material a ser utilizado. Precisam atender as necessidades de uma população, e beneficiar também o espaço através do uso e da ocupação. Devem ser apropriados ao ambiente urbano morfológica e materialmente.

Um elemento urbano deve ser compreendido pelo usuário, ou seja, sua função deve ser clara e objetiva para uma determinada população. As relações sociais e os costumes estão diretamente relacionados aos espaços e seus respectivos mobiliários oferecidos pela cidade.

Todos estes aspectos apontados são de extrema importância diante da teoria de um processo projetual. No entanto, o processo de criação não deve ser encarado de forma tão simplória. É preciso perceber o contexto social, os aspectos que envolvem a situação, o que influencia direta e indiretamente um determinado processo criativo, o qual deve ser encarado como um trabalho como outro qualquer. Marx, em seu livro *O Capital*, fala do trabalho humano através da seguinte comparação:

Pressupomos o trabalho sob forma exclusivamente humana. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colmeia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo de trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime ao material o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante do seu modo de operar e ao qual tem de subordinar sua vontade. (MARX, 1973, pgs. 53-54)

A elaboração de um objeto se inicia na imaginação do criador. Ele é capaz de sintetizar todos os seus conhecimentos em uma imagem mental, que é o que chamamos de ideia. Seu brilhantismo, que o distingue da melhor abelha, é a capacidade de pensar antes de executar uma ação.

Após a elaboração mental do projeto, ele materializa esta imagem, tornando real o imaginário. Este processo é visto pelos que se consideram incapazes de criar, como algo mágico, transcendental e inatingível. Talvez o processo idealizador não seja bem assim.

Sobre os mobiliários urbanos, em um primeiro momento, o que podemos afirmar é que são objetos com funções específicas e que, possivelmente, possuem capacidade de direcionar as ações de seus usuários. No entanto, talvez este raciocínio se encaixe, diante da evolução do mobiliário urbano, também em uma posição inversa.

É provável que as ações de uma determinada sociedade tenham gerado necessidades específicas, as quais demandaram equipamentos capazes de facilitar o cumprimento destas. Então, o mobiliário urbano define o comportamento de uma sociedade? Ou será que são as ações de uma população que definem os equipamentos de uma cidade?

Provavelmente o primeiro objeto denominado mobiliário urbano surgiu perante uma necessidade, estética ou funcional, de uma determinada população. Surgiu para suprir uma carência no funcionamento de um determinado grupo. No entanto, me parece que as duas hipóteses acontecem atualmente.

Mas então, que tipo de relação seria esta, onde há o domínio e a subordinação de ambas as partes? Alguns sociólogos tentam explicar esse tipo de relação, onde há uma influência de ambos os lados analisados. A autora Janet Wolff, em seu livro *A Produção Social da Arte*, onde ela aborda a arte diante de uma perspectiva sociológica, cita o autor Anthony Giddens, sociólogo renomado, para explicar essa relação de dualidade:

Anthony Giddens introduziu o conceito da “dualidade de estrutura” para indicar que as estruturas são produto do agenciamento humano e das condições para o agenciamento humano. Ele critica as teorias da ação que ignoram as condições institucionais e os determinantes, mas critica igualmente as teorias estruturais que explicam a ação totalmente determinada, argumentando que é menos enganoso focalizar a estruturação como um processo pelo qual as estruturas são constantemente reproduzidas na interação social. (WOLFF, 1981, pg. 34)

O que o autor defende é que todas as influências são relevantes diante de uma determinada estrutura social. Ao relacionar esta teoria da “dualidade de estrutura” com a relação do mobiliário urbano com seu usuário, podemos perceber que ela se encaixa perfeitamente. O objeto é produto do agenciamento humano e é também condicionador deste agenciamento.

Talvez possamos traçar outro paralelo, trazendo o foco para o momento da criação do objeto. O projetista inicialmente analisa uma determinada situação, para a qual ele pretende projetar um objeto, em uma posição superior, como se não fizesse parte daquele contexto. Ele é capaz de perceber todos os aspectos, físicos e sociais, mas não se percebe como parte daquela estrutura.

Pierre Bourdieu (2009, pg. 111), em seu livro *A economia das trocas simbólicas*, cita e comenta Delacroix: “É preciso citar Delacroix: “Todos os temas tornam-se bons pelo mérito do autor. Oh! jovem artista, aguarda um tema? Tudo pode servir, o tema é você mesmo, são as suas impressões e emoções diante da natureza. É em você que é preciso sondar, e não em seu redor.” O verdadeiro tema da obra de arte é a maneira propriamente artística de apreender o mundo, ou seja, o próprio artista, sua maneira e seu estilo, marcas infalíveis do domínio que exerce sobre sua arte.”

O autor torna clara a ideia do artista como tema de sua própria obra de arte. O criador é fruto do que ele absorve do mundo, e é também tema de sua obra. Logo, a obra é uma expressão do mundo, sintetizada pelo artista. No entanto, esta visão, onde o artista está inevitavelmente imerso em sua criação não é facilmente compreendida.

Esta pode ser a razão para tantos projetos fracassados. Tanto o urbanista, responsável por projetar espaços como as praças, quanto o designer, capacitado para projetar os equipamentos urbanos, não são capazes de se perceberem tanto criadores quanto usuários. Existe uma visão romântica de que a criação é algo superior, possível apenas para alguns. Este individualismo projetual, alimentado tanto pelos projetistas quanto pela sociedade, além de ser um equivoco, é prejudicial.

Wolff, em seu livro *A produção social da arte*, defende que o artista (ou designer) desempenha um papel muito menor em sua produção do que imaginamos, diante da imagem do “artista como gênio que trabalha por inspiração divina”. Fatores sociais e ideológicos determinam e afetam diretamente uma produção. Além disso, o público da obra também é um fator de extrema influência.

Precisamos compreender que as cidades, assim como as obras de arte, são produtos da expressão do mundo, e não de um indivíduo. As estruturas sociais influenciam diretamente o planejamento de uma cidade. Tanto o admirador de arte quanto o usuário da cidade são agentes sociais, influenciadores diretos de qualquer criação dentro de seus contextos. Por isso, é necessário analisar uma sociedade antes de projetar para ela.

No trecho a seguir, Bourdieu exemplifica a incapacidade de avaliarmos um indivíduo de um único ponto de vista ou isolado de seu contexto. Cada ponto de vista de cada indivíduo vai resultar em um posicionamento diferente. Assim, podemos entender que a sociedade sofre mutações constantes derivadas dos novos posicionamentos de seus indivíduos.

A posição de um indivíduo ou de um grupo na estrutura social não pode jamais ser definida apenas de um ponto de vista estritamente estático, isto é, como posição relativa (“superior”, “média” ou “inferior”) numa dada estrutura e num dado momento. [...] Assim, duas posições aparentemente idênticas do ponto de vista da sincronia podem se revelar muito diferentes quando referidas apenas ao contexto real, isto é, ao futuro histórico da estrutura social em conjunto, e portanto, ao futuro da posição. (BOURDIEU, 2009, pgs. 7-8)

O urbanista é incapaz de produzir um espaço urbano público se o mesmo não levar em consideração os desejos dos futuros usuários deste espaço. Da mesma forma, a implantação de mobiliários urbanos não pode ser aleatória. Sua locação deve ser intencional e consciente, deve ser previamente estudada para que haja um aproveitamento máximo do objeto e de suas respectivas funções. Assim como nenhuma arte é gratuita, a intenção de colocar um banco numa praça também não é. Tudo tem uma razão de ser.

A questão específica da prática inovadora (ou “criativa” nesse sentido específico limitado) não é problemática, mas pode ser compreendida como o resultado prático de uma combinação excepcionalmente específica de determinantes e condições estruturais. Isto é, a originalidade não é uma qualidade peculiar do ato, mas um juízo retrospectivo sobre seu produto ou forma. (WOLFF, 1982, pg. 36)

Um objeto, equivocadamente, costuma se diferenciar de uma obra de arte por possuir função. No entanto, a função estética e simbólica de uma obra de arte não é menos importante que qualquer outra função. Ainda que um designer projete um banco para não ser utilizado, e sim admirado, o mesmo continua tendo uma função diretamente relacionada ao outro. O artista continua dependente de algo que está fora da sua esfera individual.

Rafael Cardoso (2008, pg. 253), através de uma simples comparação de conceitos, define a capacidade interdisciplinar do design no mundo atual: *“Como atividade posicionada historicamente nas fronteiras entre a ideia e o objeto, o geral e o específico, a intuição e a razão, a arte e a ciência, a cultura e a tecnologia, o ambiente e o usuário, o design tem tudo para realizar uma contribuição importante para a construção de um país e um mundo melhores.”*

Nesta citação podemos perceber de forma simples a diversidade de interferências que uma criação sofre inevitavelmente. Fica claro, por outro lado, a imensa capacidade de direcionamento que a criação também tem diante de todas estas esferas influenciadoras. Mais uma vez o conceito da “dualidade de estrutura” é perceptível neste contexto.

Portanto, podemos concluir que as cidades, com seus espaços e equipamentos, é resultado das necessidades de uma determinada sociedade e de sua cultura. São projetadas por profissionais, os quais absorvem as influências das esferas que os rodeiam, e transformam em projeto. Este resultado é fruto de uma criação individual, totalmente impulsionada pelo coletivo.

2.5. A praça como lugar de reprodução social

Podemos dizer que, de alguma maneira, os lugares são como pessoas, já que possuem características únicas, são derivados cada um de uma estrutura social diferente, e por isso, também são capazes de manifestar e expressar suas necessidades e vontades próprias. São fragmentos únicos e exclusivos, porém participantes e dependentes de um todo. Suas especificidades só são explicitadas quando vários lugares, ou vários fragmentos, se juntam e se transformam no todo.

O espaço inteiro se torna o lugar da reprodução das relações de produção, ou seja, das relações sociais. O lugar tem por essência o sentido do vivido, carregado de representações, vai além do espaço físico, ele é concebido, percebido e vivido. A praça urbana é um exemplo. Durante a história, o desenvolvimento político, social e cultural das grandes sociedades se deu através dela.

Sabemos (e repito insistentemente) que o desenvolvimento e o crescimento não coincidem, que o crescimento não conduz automaticamente ao desenvolvimento. Quanto ao desenvolvimento, a experiência e a história nos ensinam que não há criação de formas sociais e de relações sociais sem criação de um espaço apropriado. (LEFEBVRE, 2008, pg.161).

Nesta citação, o autor deixa clara a necessidade de um espaço para o desenvolvimento social. A praça exerce esse papel, pois ela é um espaço de encontro e de trocas por essência. Estes espaços funcionam como polos socioculturais do tecido urbano. A percepção do vazio urbano é atraente ao usuário, pois é nele que encontramos o potencial para que as trocas aconteçam.

Por ser espaço essencialmente de expressão social e cultural, o espaço urbano está sempre exposto a conflitos e tensões. As discordâncias políticas, normalmente acompanhadas por manifestações e pequenas revoluções pontuais, alimentam as inquietudes da população, demarcando assim espaços que apontam para soluções. É esse, na maior parte das vezes, o ponto de partida das grandes mudanças.

Na sua relação com seu conteúdo, a forma urbana suscita uma contradição (dialética) já indicada, que agora é preciso aprofundar. Como dissemos, no espaço urbano sempre ocorre algo. O vazio, a ausência de ação, só podem ser aparentes; a neutralidade não passa de um caso limite; o vazio (uma praça) atrai; ele tem esse sentido e esse fim. (LEFEBVRE, 1999, pg.121)

O tecido urbano é uma espécie de suporte para a maioria das relações da sociedade. Ele se adapta ao modo de viver da população, assim como direciona e propicia coesão social. É cenário de todas as manifestações de um determinado grupo. É ele quem viabiliza as movimentações sociais e espaciais de uma população.

É importante que fique claro o que a cidade difere do urbano. A cidade é uma obra, e toda obra tem uma historicidade. Enquanto ela está presa a um momento histórico, o urbano engloba tudo. Ainda assim, é extremamente valiosa como parte integrante e caracterizadora da malha urbana.

O urbano se distingue da cidade precisamente porque ele aparece e se manifesta no curso da explosão da cidade, mas ele permite reconsiderar e mesmo compreender certos aspectos dela que passaram despercebidos durante muito tempo: a centralidade, o espaço como lugar de encontro, a monumentalidade etc. (LEFEBVRE, 2008, pg. 84).

Mais uma vez podemos identificar os aspectos do urbano inseridos no fragmento denominado praça. É centralizadora, promove encontros e tem caráter monumental, seja por características físicas ou pelo espaço cultural que ela ocupa. A cidade contextualiza o urbano. As relações sociais acontecem no espaço urbano, contextualizado pela cidade. Mas então, qual é o papel da cidade diante das manifestações urbanas? Esta contextualização é necessária para que? Lefebvre define este papel:

O que ela cria? Nada. Ela centraliza as criações. E, no entanto, ela cria tudo. Nada existe sem troca, sem aproximação, sem proximidade, isto é, sem relações. Ela cria uma situação, a situação urbana, onde as coisas diferentes advêm umas das outras e não existem separadamente, mas segundo as diferenças. (LEFEBVRE, 1999, pg.111).

O contexto histórico que a cidade oferece permite que os espaços férteis apareçam e que a diversidade se manifeste. A cidade é fundamental, ela não cria, e sim propicia. Sua produção é constante, e são nos pequenos fatos que esta relação é identificada com maior clareza. O urbano transcende a história e os limites físicos da cidade. Ele é impregnado por uma dialética, ele explicita a ideia de forma-conteúdo, onde a interdependência entre o espaço e o usuário é explícita. O espaço social se estrutura no urbano, assim como o modifica.

Pode-se dizer que o urbano é forma e receptáculo, vazio e plenitude, superobjeto e não-objeto, supraconsciência e totalidade das consciências. Ele se liga, de um lado, à lógica da forma, e, de outro, à dialética dos conteúdos (às diferenças e contradições do conteúdo). (LEFEBVRE, 1999, pg.112).

Podemos entender esta dialética como sendo uma relação entre o produtor e o produto, onde estes papéis variam constantemente de sujeito. Hora a forma é produto e hora é produtora; hora o conteúdo é produto e hora é produtor. Esta dialética é responsável pela riqueza das relações. É através deste dinamismo que as diferenças e as mudanças surgem. O espaço é resultado das diferenças. Ele não se explica nele mesmo, e sim nas inter-relações. É por meio dele que a sociedade se reproduz. Ele é concebido, é fruto das experiências e é fundamental para que novas relações sejam experimentadas, e diferentes e novos espaços sejam produzidos.

A cidade é uma obra no sentido de uma obra de arte. O espaço não é apenas organizado e instituído. Ele também é modelado, apropriado por este ou aquele grupo, segundo suas exigências, sua ética, ou seja, sua ideologia.” (LEFEBVRE, 2008, p. 82).

O espaço é expressão mental, é percepção física e é também relação social. O grande valor do espaço urbano se encontra na sua capacidade de adaptação e de mutação, na capacidade de responder às necessidades. Seguramente, a sociedade também se molda facilmente às demandas urbanas. É por esta razão, por esta adaptabilidade, que esta dualidade funciona tão brilhantemente.

O espaço é físico enquanto forma pura, é social porque é veículo da sociedade, é produtivo na medida em que promove a reprodução das relações sociais e é produto pois é gerado através do cotidiano. No entanto, não é um produto qualquer. Vivemos um espaço e percebemos outro, consumimos um espaço e vendemos outro.

Os lugares de lazeres, assim como as cidades novas, são dissociados da produção, a ponto dos espaços de lazeres parecerem independentes do trabalho e “livres”. Mas eles encontram-se ligados aos setores do trabalho no consumo organizado, no consumo dominado. Esses espaços separados da produção, como se fosse possível aí ignorar o trabalho produtivo, são os lugares de recuperação. Tais lugares, aos quais se procura dar um ar de liberdade e de festa, que se povoa de signos que não têm a produção e o trabalho por significados, encontram-se precisamente ligados ao trabalho produtivo. É um típico exemplo de espaço ao mesmo tempo deslocado e unificado. (LEFEBVRE, 2008, pgs. 49-50).

As praças podem ser caracterizadas como lugares de recuperação, pois possuem aparentemente a imagem totalmente desassociada ao trabalho e, no entanto, são espaços de produção intensa, de troca produtiva. Os espaços de encontro e de lazer produzem, de forma natural e espontânea, coesão social, através do encontro e das trocas.

O espaço é força produtiva e produto de consumo ao mesmo tempo. O espaço do consumo é extremamente significativo diante do mundo atual capitalista.

Contudo, é o consumo do espaço que vem sendo a nova frente de lucro e de investimento. As grandes cidades estão sendo colocadas nas vitrines, estamos vendendo imagem, comercializando estética e cultura através da exploração do turismo. Mas, será que é possível consumir o espaço do cotidiano, do lazer, da felicidade, como mercadorias pré-estabelecidas?

Com tal generalização da troca, o solo tornou-se mercadoria; o espaço, indispensável para a vida cotidiana, se vende e se compra. Tudo o que constituiu a vitalidade da cidade como obra desapareceu frente à generalização do produto. (LEFEBVRE, 2008, pg. 83).

A tentativa de vender espaços, físicos ou não, que propiciam felicidade é constante. A praça é uma ferramenta bastante utilizada pela política em períodos de campanha. Promessas de espaços urbanos para lazer e ócio garantem votos. A população compra e acredita na promessa, pois felicidade é a busca eterna e constante da humanidade.

A pergunta é: felicidade é um produto? Se vende? E se compra? Não. A felicidade está no cotidiano da vida urbana. Mas este cotidiano é percebido? Ou é um exercício mecânico, direcionado e alienado? É importante que a sociedade perceba esta vivência de forma consciente.

A cidade tradicional tinha, entre outras, essa função de consumo, complementar à produção. Mas a situação mudou: o modo de produção capitalista deve defender num front muito mais amplo, mais diversificado e mais complexo, a saber: a reprodução das relações de produção. Essa re-produção das relações de produção não coincide mais com a reprodução dos meios de produção; ela se efetua através da cotidianidade, através dos lazes e da cultura, através da escola e da universidade, através das extensões e proliferações da cidade antiga, ou seja, através do espaço inteiro. (LEFEBVRE, 2008, pgs. 47-48)

O cotidiano permite que o espaço seja analisado como produto. Ele é uma mistura de possibilidades e engessamentos de uma população. É neste espaço banal que encontramos os atores em ação; é onde as relações são de fato vivenciadas e experimentadas; é um espaço de superação da alienação social.

A ideia de construção do espaço está amarrada ao cotidiano, pois é no lugar, modificado pelo tempo, que vivenciamos o nosso cotidiano.

Neste momento, vale uma breve diferenciação entre o papel do agente e o do ator. O agente está sempre ligado à operacionalização, a prática sem reflexão, as ações banais. Está sempre ligado a crenças coletivas e se comporta apenas como elemento de um todo. Já o ator é capaz de incorporar autonomia, reflexão e estratégia. É consciente e por isso não se adapta, é posicionado, de poder ativo e situado. Se comporta como um ser participante de um coletivo.

Segundo Lefebvre (1981), o cotidiano é, de um lado, modalidade de organização empírica da vida humana e, de outro, um conjunto de representações que mascaram essa organização, sua contingência e seus riscos. [...] Lefebvre procura nos mostrar os caminhos para a crítica da vida cotidiana, a qual ele classifica como uma metafilosofia do cotidiano, e que determinam as regras fundamentais de seu pensamento. (ORTIGOZA, 2010, pg.159)

A sociedade precisa se desapegar do conceito antigo e ultrapassado de dominação territorial. É preciso que o espaço urbano seja apropriado, e não dominado, pela população. O espaço público pertence às pessoas e são elas que possuem a capacidade de ditar as regras. À medida que a sociedade se sente responsável pelo espaço público, este adquire mais atenção. Desta forma, a relação entre urbano e sociedade se torna mais intensa e mais fértil.

A sociedade não é um grupo homogêneo, pois um indivíduo nunca é igual ao outro. Ela é composta por grupos de pessoas, cada um ocupando um espaço social diferente. Dentro da sociedade conseguimos perceber também a relação de dualidade presente.

A diversidade das pessoas faz com que influenciadores e influenciados se relacionem. Esta tensão entre as pessoas é fundamental para que a relação com o espaço também se desenvolva. Pensar que o urbano sobrevive estática e independentemente dos usuários é uma ilusão.

Quando as partes se compreendem dependentes entre si, a relação se torna natural. As praças urbanas sem o cotidiano social perdem a sua função, se tornam “terra de ninguém” (KAZ, 2006). Esta relação de interdependência e de retroalimentação deve ser compreendida entre as partes para que se perceba a evolução diante da modificação dos espaços em função do tempo.

O usuário? Quem é? Tudo se passa como se os componentes, os “agentes”, as autoridades afastassem de tal modo o uso em proveito da troca, que esse uso se confundisse com a usura. A partir daí, como o usuário é considerado? Como um personagem muito repugnante que emporcalha o que lhe é vendido novo e fresco, que deteriora, que estraga, que felizmente realiza uma função: a de tornar inevitável a substituição da coisa, de levar a obsolescência a contento. O que muito pouco o desculpa. (LEFEBVRE, 1999, pg.171).

Uma análise do presente não é capaz de identificar a realidade total dos fatos. É preciso compreender os processos de produção para entender o todo. Uma avaliação estática não é capaz de perceber a real complexidade de uma real situação. Por isso, o tempo e o espaço são esferas indissociáveis, são produtos, socialmente construídos, que só podem ser compreendidos dentro da prática social.

“O urbano poderia, portanto, ser definido como lugar da expressão dos conflitos, invertendo a separação dos lugares onde a expressão desaparece, onde reina o silêncio, onde se estabelecem os signos da separação.” (LEFEBVRE, 1999, pg.160).

A separação segrega, enfraquece, desmobiliza. É através da união, espacial, cultural e socioafetiva, que a população será capaz de concentrar o controle de seus desejos nas próprias mãos. O espaço social construído pela sociedade é camuflado pela mídia e pelos poderosos. É preciso que a sociedade seja desvendada e passe a enxergar a sua própria realidade.

Um resgate da utopia social seria interessante. O pensamento utópico pode ser visto como um pensamento estratégico, onde um objetivo é definido para servir de alavanca para a prática. A utopia também conforma um modelo espacial: o espaço conceitual. É nele que a sociedade pode buscar ferramentas para solucionar os problemas reais do cotidiano urbano.

E é também através da ergonomia que os especialistas, os quais devem projetar respondendo às necessidades da população, devem se embasar. É uma ferramenta que objetiva o conforto humano e, por isso, deve ser valorizada e utilizada. Suas ferramentas, métodos e técnicas, são instrumentos fundamentais para a obtenção de um melhor resultado projetual.

“[...] A cidade. Vista do alto ela é fabril e imaginária, se entrega inteira como se estivesse pronta. Vista do alto, com seus bairros e ruas e avenidas, a cidade é o refúgio do homem, pertence a todos e a ninguém. Mas vista de perto, revela o seu turbido presente, sua carnadura de pânico: as pessoas que vão e vêm que entram e saem, que passam sem rir, sem falar, entre apitos e gases. [...]”

Ferreira Gullar – A vida bate

3 ERGONOMIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO

Este capítulo expõe um panorama geral da ergonomia, disciplina que embasou toda a metodologia da pesquisa. Aprofunda o tema em uma das áreas de estudo, conhecida como Ergonomia do Ambiente Construído, onde a relação do usuário com os espaços é o foco. Apresenta as principais aplicações das técnicas ergonômicas e em que situações devem ser empregadas.

Justifica a escolha dos métodos e técnicas ergonômicos como ferramenta principal da pesquisa e explicita sua aplicação prática. Mostra como se dá a atuação da Ergonomia do Ambiente Construído, pontuando a contribuição desta na pesquisa. É extremamente importante que os espaços livres públicos sejam acessíveis a sociedade e às suas diversidades.

Por fim, levanta alguns trabalhos já realizados que abordaram questões similares às tratadas neste trabalho. Vale ressaltar que o tema abordado ainda é pouco estudado.

3.1. Conceitos gerais

A aplicação da ergonomia no processo projetual é fundamental para a qualidade ambiental do produto final. Ela visa o bem estar humano, através de estudos focados na relação do homem com os sistemas a sua volta. O objetivo é sempre identificar as necessidades, facilitar a compreensão do processo e otimizar a interação dos envolvidos em uma determinada ação. É uma ciência interdisciplinar, no entanto, é muitas vezes ignorada pelos profissionais. Esta é uma falha grave, que acarreta consequências tanto na segurança quanto no bem estar do homem.

O objeto da Ergonomia, seja qual for a sua linha de atuação, ou as estratégias e os métodos que utiliza, é o homem no seu trabalho trabalhando, realizando a sua tarefa cotidiana, executando as suas atividades do dia-a-dia. (MORAES & MONT'ALVÃO, 2009, pg. 26)

Quando projetamos um espaço, seja ele urbano ou não, temos como finalidade acomodar as ações humanas. Portanto, é fundamental que as dimensões dos ambientes projetados sejam apropriadas aos movimentos do corpo humano. O mobiliário também deve ser projetado e disposto no espaço levando em conta as questões antropométricas. Os ambientes devem sempre atender às necessidades de seus usuários, direcionando a ação de forma que esta seja executada de maneira adequada.

A Ergonomia do Ambiente Construído incorpora em seus estudos conhecimentos sociais, psicológicos e antropométricos, além de arquitetônicos, urbanísticos e de conforto ambiental. Seu foco é na interface humano-atividade-ambiente, pois é através da atividade que o homem se relaciona com o espaço. O ambiente é responsável por transmitir ao usuário informações, que podem ser de diversas naturezas, para que ele possa criar sua própria estratégia de utilização daquele espaço.

A estratégia de orientação dependerá mais da imagem mental do ambiente de forma geral, e a capacidade do indivíduo em inverter essa imagem em função da posição em relação ao ambiente. A estratégia de rota dependerá das informações mais específicas do ambiente (layout, sinalização, etc), e a capacidade do indivíduo em memorizar a rota previamente indicada e identificar os marcos referenciais. Assim sendo, a estratégia de orientação dependerá mais da habilidade espaço-visual, e a estratégia de rota da habilidade verbal. (RIBEIRO, 2009, pgs. 34 e 35).

Esta especificidade da ergonomia, onde estudamos o ambiente construído, talvez seja uma grande ferramenta para se compreender muitas das questões sociais, como são as relações humanas e, conseqüentemente, como são as relações com o meio. Pretende identificar os constrangimentos que o ambiente causa nos indivíduos no dia-a-dia, tanto físicos quanto sociais e culturais.

Os princípios do Desenho Universal quando aplicados produzem resultados bastante significativos, já que visa adequar um determinado projeto para o maior número de usuários possível, direcionando assim a sociedade para uma postura mais inclusiva. Sempre mantendo o foco no ser humano, se propõe a resolver os problemas, mantendo dentro do possível os aspectos estéticos e funcionais do objeto ou do lugar analisado.

O Desenho Universal não é uma tecnologia direcionada apenas aos que dele necessitam; é desenhado para todas as pessoas. A ideia do Desenho Universal é, justamente, evitar a necessidade de ambientes e produtos especiais para pessoas com deficiências, assegurando que todos possam utilizar com segurança e autonomia os diversos espaços construídos e objetos. (GABRILLI, 2008, pg. 10)

Para que os usuários usufruam dos espaços é necessário que as informações sobre uma determinada atividade sejam compreendidas e que haja mobilidade espacial para que esta possa ser executada de forma confortável e segura. No entanto, o que vem acontecendo é exatamente o processo inverso: a ergonomia entra como ferramenta para solucionar problemas pós-projeto, o que enfatiza uma perda de tempo, já que a maioria dos problemas poderia e deveria ser solucionada durante a etapa de projeto.

É necessário que haja uma mudança na formação dos profissionais que trabalham nas interdisciplinas da ergonomia para que a prevenção de problemas ergonômicos de origem projetual possa acontecer. O olhar ergonômico deve ser lecionado, estimulado e desenvolvido na academia, na base profissional, para que os resultados sejam cada vez mais satisfatórios.

A Ergonomia em parceria com a Arquitetura contribui para a formação de uma base sólida na constituição da ambiência necessária ao ser humano, pois a primeira, busca adaptar o trabalho ao ser humano, contemplando os equipamentos, a tecnologia, os mobiliários, os postos de trabalho, além dos inúmeros elementos que formam o sistema homem-máquina-ambiente. (BITENCOURT, 2011, pg. 65)

Este sem dúvida é o caminho para a qualidade do ambiente construído. O urbanista, que busca projetar espaços de convivência, de estar e de transitar para uma determinada sociedade, deve tirar proveito dos conhecimentos ergonômicos e de seus métodos para conhecer melhor seu usuário, identificar suas reais necessidades, e assim, projetar espaços cada vez melhores.

Quanto mais legíveis forem os espaços da cidade, mais conforto e bem estar o usuário terá. Devem ser práticos e funcionais, visando um melhor desempenho das suas possíveis atividades; e simbólicos e atraentes, para provocar o desejo de interagir do usuário.

3.2. Aplicações práticas em espaços urbanos

Muitas pesquisas trabalham utilizando como base a Ergonomia do Ambiente Construído. No entanto, a maioria delas é voltada para identificar os problemas relacionados à acessibilidade. De fato este é um tema muito importante e que não afeta apenas as pessoas com deficiência (PCD).

Para melhorar a produção e os estudos voltados para estes aspectos, o conceito Desenho Universal foi desenvolvido. Ele possibilita criar produtos que sejam acessíveis a todas as pessoas, independente de suas características individuais.

Segundo Carletto e Cambiaghi, (2008) o Desenho Universal não é uma tecnologia direcionada apenas aos que dela necessitam, é desenhado para todas as pessoas. A ideia é evitar a necessidade de ambientes e produtos especiais para pessoas com deficiências. Todos espaços, públicos ou privados, precisam ter acessos para que os cidadãos possam acessá-los sem dificuldade.

Artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos:

“Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.”

O Desenho Universal é baseado em sete princípios. São eles:

IGUALITÁRIO – uso equiparável: São espaços, objetos e produtos que podem ser utilizados por pessoas com diferentes capacidades, tornando os ambientes iguais para todos.

ADAPTÁVEL – uso flexível: Design de produtos ou espaços que atendem pessoas com diferentes habilidades e diversas preferências, sendo adaptáveis para qualquer uso.

OBVIO – uso simples e intuitivo: De fácil entendimento para que uma pessoa possa compreender, independente de sua experiência, conhecimento, habilidades de linguagem, ou nível de concentração.

CONHECIDO – de fácil percepção: Quando a informação necessária é transmitida de forma a atender as necessidades do receptor, seja ela uma pessoa estrangeira, com dificuldade de visão ou audição.

SEGURO – tolerante ao erro: Previsto para minimizar os riscos e possíveis consequências de ações acidentais ou não intencionais.

SEM ESFORÇO – baixo esforço físico: Para ser usado eficientemente, com conforto e com o mínimo de fadiga.

ABRANGENTE – dimensão e espaço para uso: Que estabelece dimensões e espaços apropriados para o acesso, o alcance, a manipulação e o uso, independentemente do tamanho do corpo (obesos, anões etc.), da postura ou mobilidade do usuário (pessoas em cadeira de rodas, com carrinhos de bebê, bengalas etc.).

(CARLETTO E CAMBIAGHI, 2008).

O objetivo da ferramenta é fazer com que qualquer ambiente ou produto possa ser alcançado e manipulado, independentemente das especificidades de cada indivíduo.

3.3. Alguns estudos de praças já realizados

A seguir, apresentam-se alguns estudos já realizados, bem como os métodos utilizados. A partir da leitura destes foi possível adquirir um maior conhecimento das técnicas que vêm sendo utilizadas nas pesquisas que levantam questões semelhantes às do trabalho em questão.

Análise das funções das praças do bairro centro de Teresina – PI (SILVA, RAMOS E BRITO, 2007): Tendo em vista a importância das praças, o trabalho tem como objetivo identificar as funções das praças do Centro de Teresina – PI dada pela população que as frequenta. Utilizou-se como metodologia o referencial teórico a cerca dos conceitos utilizados, além da aplicação de **questionário** realizados nas sete praças do bairro Centro com maior número de frequentadores.

A praça - Identidade e apropriação pública avaliação pós-ocupação da praça Arthur Thomas no município de Umuarama – Paraná (HELD SILVA, 2009): Essa pesquisa consiste em uma **Avaliação Pós-Ocupação (APO)**, a qual visa interpretar estas mudanças nas manifestações dos fenômenos físico-ambientais e as formas de envolvimento humano com a Praça Arthur Thomas, uma praça referencial de centralidade no Município de Umuarama, Paraná.

“Se essa praça, se essa praça fosse nossa...”: Espaços públicos e possibilidades para o lazer dos jovens de Caçador/SC (ROTTA E PIRES, 2010): Trata-se de estudo observacional / descritivo cuja metodologia envolveu **observações, questionários e grupo focal**. Os dados gerados foram interpretados por meio de eixos temáticos/análise de conteúdo. Dentre os aspectos evidenciados, destacam-se o modo de ser dos jovens da cidade e os usos que fazem do espaço. De maneira geral, eles reconhecem o que está satisfatório na infraestrutura, apontam falhas nas ações do poder público e desejos de mudança, mas não se acham incluídos nos processos de elaboração de políticas públicas de lazer na cidade.

Projetos para o espaço público: o contínuo investimento simbólico na Praça XV – Rio de Janeiro, Brasil (COLCHETE FILHO, 2009): O objetivo desse artigo é ampliar a discussão sobre a dinâmica da vida urbana em um lugar significativo do Rio de Janeiro, que integra um reduzido conjunto de espaços públicos que são resquícios da ocupação da cidade ainda no século XVI. Por meio da pesquisa de campo e **levantamento bibliográfico**, remontamos a história do lugar e podemos perceber o deslocamento de interesses do Estado, o engajamento dos envolvidos na execução dos projetos e as repercussões dessas ações junto à mídia e à população.

Avaliação de espaços públicos: um estudo de caso praça Tenente Menna Barreto (PAZ, 2008): O objetivo deste trabalho refere-se especialmente à avaliação de áreas públicas de lazer frente ao processo de expansão urbana. Ao propor e implantar, através do **estudo de caso**, um modelo de avaliação pretende-se sugerir a utilização dos dados coletados para realimentar o ciclo do processo de produção, manutenção e uso em ambientes semelhantes, buscando aperfeiçoar o desenvolvimento de projetos futuros. Adotou-se como metodologia as técnicas e métodos da **APO (Avaliação Pós-Ocupação)**, a qual considera a opinião do usuário na análise e qualificação dos espaços.

A agradabilidade do Espaço Urbano Construído da cidade de Alfenas (MG): uma abordagem ergonômica. (BESSA, 2001): Este estudo foi realizado na cidade de Alfenas, Sul de Minas Gerais, com o propósito de avaliar a satisfação dos pedestres acerca do espaço urbano. Sabe-se que os elementos provocadores da satisfação vêm do próprio espaço urbano, mas será o seu valor idiossincrásico que, por fim, conferirá a sensação de agradabilidade aos lugares. Partiu-se de **observações** para conhecer como os indivíduos se relacionam com o espaço urbano da cidade. Por meio de **enquetes** traçaram-se alguns mapas cognitivos para compreender as diferenças idiossincrásicas mais gerais (preferências, hábitos, crenças, elementos físicos mais pregnantes e o tipo de ocupação espacial que praticam).

Através dos resumos dos trabalhos citados anteriormente é possível perceber que o interesse em compreender cada espaço construído em questão e conseqüentemente a satisfação de seus usuários. Os métodos e técnicas utilizados para coletar os dados desejados foram diversos. Levantamento bibliográfico, observação, entrevista, questionário, avaliação pós ocupação e estudo de caso são algumas das ferramentas de pesquisa que são utilizadas normalmente em trabalhos vinculados a ergonomia.

“[...] Mas o que a Cidade mais deteriora no homem é a Inteligência, porque ou lha arregimenta dentro da banalidade ou lha empurra para a extravagância. Nesta densa e pairante camada de Ideias e Fórmulas que constitui a atmosfera mental das Cidades, o homem que a respira, nela envolto, só pensa todos os pensamentos já pensados, só exprime todas as expressões já exprimidas: - ou então, para se destacar na pardacenta e chata rotina e trepar ao frágil andaime da gloriola, inventa num gemente esforço, inchando o crânio, uma novidade disforme que espante e que detenha a multidão como um mostrengo numa feira. Todos, intelectualmente, são carneiros trilhando o mesmo trilho, balando o mesmo balido, com o focinho pendido para a poeira onde pisam, em fila, as pegadas pisadas; - e alguns são macacos, saltando no topo de mastros vistosos, com esgares e cabriolas. [...]”.

4 DELIMITAÇÃO DO RECORTE DA PESQUISA

Este capítulo apresentará a metodologia utilizada durante a pesquisa, em etapas, para definição do seu objeto de estudo. A escolha se deu através da utilização de bibliografias informativas específicas e também de alguns métodos e técnicas de pesquisa.

Inicialmente foi feita uma pesquisa documental dos espaços urbanos do Rio de Janeiro classificados como praças. As praças cariocas foram mapeadas, e a zona sul foi delimitada como sub-área a ser trabalhada, classificada por critérios pré-estabelecidos. A justificativa da escolha da sub-área e dos critérios de classificação também é apresentada.

Foi desenvolvido um protocolo de observação para levantamento quantitativo, que foi preenchido nos locais selecionados pelo pesquisador, através de observação, objetivando uma melhor avaliação das praças pré-selecionadas.

Também foram feitas entrevistas com informantes qualificados para aprofundamento do material. Foi aplicado um questionário com perguntas abertas, aplicado pelo pesquisador pessoalmente, a respondentes que possuíssem conhecimento específico do assunto tratado.

O tratamento dos dados adquiridos através das técnicas previamente aplicadas foi realizado, objetivando eleger o objeto de estudo mais relevante para a pesquisa.

4.1. Primeiros passos

A pesquisa teve como objetivo entender a relação do mobiliário urbano com seus usuários. No entanto, identificou-se como necessidade inicial fazer um recorte do cenário que seria estudado, para obter de forma mais precisa as informações necessárias. Rapidamente, a praça se destacou diante de todas as possibilidades espaciais urbanas, pelo fato de ser um micro-sistema inserido no imenso sistema urbano e que se repete diversas vezes.

Ficou pré-estabelecido então que o cenário da pesquisa deveria ser uma praça do Rio de Janeiro. Mas qual? Esta escolha não poderia ser feita de forma aleatória. Foram definidos então critérios de seleção bastante específicos para que o melhor espaço fosse identificado, ou seja, o espaço que melhor respondesse às perguntas que a pesquisa tinha como pretensão responder.

Passo a passo:

1. Foram definidos pré-requisitos para um espaço ser considerado uma praça
2. As praças da cidade do Rio de Janeiro foram quantificadas
3. A sub-área do Rio a ser mapeada foi escolhida
4. Um formulário de observação quantitativo foi elaborado
5. Foi preenchido um formulário para cada praça pré-definida
6. Através do formulário, as praças foram divididas em grupos
7. O grupo de maior relevância para a pesquisa foi selecionado
8. Um formulário qualitativo foi elaborado e aplicado via internet
9. Os resultados do formulário foram analisados
10. Uma única praça foi escolhida para ser estudada

Através do cumprimento dessas etapas, chegamos ao cenário específico da pesquisa. Um recorte mais preciso colaborou para um maior aprofundamento dos aspectos explorados, fornecendo resultados com maior precisão e qualidade.

A seguir, as etapas citadas anteriormente serão detalhadas para uma melhor compreensão da escolha final do cenário da pesquisa de campo. Vale ressaltar que as respostas encontradas durante a pesquisa são válidas apenas para o cenário analisado, e portanto, não podem ser generalizadas.

4.2. Levantamento bibliográfico informativo

Segundo a prefeitura do Rio de Janeiro, a cidade tem 1.274 praças mapeadas. Além deste, existem também muitos espaços espalhados pela cidade que se tornaram praças informais através da necessidade de espaços de lazer em determinadas regiões. Porém, ao analisar alguns destes logradouros podemos verificar que o conceito de praça utilizado pela prefeitura não é o mesmo buscado pela pesquisa.

Uma área gramada com uma escultura tombada no centro é, por exemplo, considerada uma “praça”. No entanto, no capítulo 2 desta pesquisa conseguimos identificar uma série de aspectos que caracterizam este espaço, que não apenas um espaço livre de construções privadas. Um espaço denominado praça tem que possuir pelo menos uma função diante de seus usuários. O espaço deve ser de utilidade pública e deve suprir pelo menos uma necessidade específica daquela estrutura social.

Para garantir o bom funcionamento e a qualidade de vida da sociedade, estes espaços devem também ser gerenciados e bem administrados. Para que estes critérios de definição do espaço de estudo ficassem claros, foram definidas cinco distinções, onde isoladas seriam capazes de caracterizar um espaço livre como praça, e juntas de constituir a praça ideal. Vale lembrar que a praça ideal para a pesquisa não necessariamente é a praça idealizada pela população.

A figura a seguir apresenta as cinco distinções estipuladas:



Figura 3 - Gráfico das distinções (Fonte: A autora, 2012)

Mas porque estes cinco aspectos? A prefeitura do Rio de Janeiro trabalha com o trio cultura-esporte-lazer constantemente em seus projetos para a cidade. Portanto, estes aspectos não podem ser deixados de lado quando falamos de praças. Por outro lado, durante séculos, as praças foram identificadas apenas como espaços de estar e descanso, com abundância de vegetações e com uma paisagem agradável.

Portanto, a junção dos conceitos antigos de uma praça com os modernos pareceu ser a melhor forma para encontrar a praça ideal. O quadro abaixo expõe de forma mais detalhada as características específicas de cada uma das cinco distinções previamente apresentadas.

A seguir, gráfico explicativo:



Figura 4 - Especificidades das distinções com base nos documentos da prefeitura (Fonte: A autora, 2012)

A criação das distinções foi uma das principais ferramentas no processo de escolha da praça ideal para a pesquisa. Acreditou-se que quanto mais diversidade de categorias, atividades, mobiliários e atrações, maior volume de informações o espaço poderia transmitir. E de fato transmitiria. Mas talvez a abundância de informações não fosse o ideal.

4.3. Mapear, delimitar e classificar

As 1.274 praças da cidade do Rio de Janeiro estão distribuídas em 13 grandes regiões. Para reduzir este numero de forma que este se torne possível de ser analisado com um maior refinamento, um a única região precisou ser escolhida. Abaixo, um mapa da cidade do Rio de Janeiro:



Figura 5 - Mapa das áreas da cidade do Rio de Janeiro (Fonte: IBGE – censo 2000, IPP - anuário estatístico 1998)

De acordo com os documentos da Fundação Parques e Jardins, as regiões com maior concentração de praças na cidade do Rio de Janeiro são a Zona Sul e o Centro. Portanto, a escolha ficou restrita a elas.

Zona Sul	Centro
Residencial, comercial e empresarial	Comercial e empresarial
Fluxo intenso de pessoas	Fluxo intenso de pessoas
Vivência diária	Vivência durante a semana
Movimento em horário integral	Movimento em horário comercial
Praças voltadas para o lazer	Praças voltadas para a circulação
Presença de todas as faixas etárias	Ausência de crianças e idosos

Tabela 2 - Diferenças a Zona Sul e o Centro do Rio de Janeiro (Fonte: A autora, 2012)

4.4. Definição dos critérios de seleção

A região escolhida para ser trabalhada durante a pesquisa foi a Zona Sul. Sua escolha se deu por algumas razões: foi a zona em que o Rio de Janeiro foi fundado, é onde estão localizadas algumas das praças mais antigas, é alvo principal do turismo, da cultura e do lazer, possui uma maior amplitude das camadas sociais, o maior índice de atividade econômica, diversidade de usos (moradia, trabalho, comércio), além de possuir um alto índice de desenvolvimento humano.

Relembrando, a pesquisa buscou a praça mais completa, que funcionasse melhor dentro dos conceitos pré-definidos como ideais. Por isso, as regiões menos favorecidas, e que também são as que mais necessitam de praças, foram deixadas de lado na hora de fazer a escolha da região que seria estudada. No entanto, acredita-se que estas regiões serão as mais beneficiadas pela pesquisa posteriormente.

A Zona Sul tem 18 bairros: Botafogo, Copacabana, Catete, Cosme velho, Flamengo, Gávea, Glória, Humaitá, Ipanema, Jardim Botânico, Lagoa, Laranjeiras, Leblon, Leme, Rocinha, São Conrado, Urca e Vidigal, sendo dez destes bairros banhados pelo mar e os outros oito não. São bairros bastante distintos e com identidades bastante diversificadas. Abaixo, mapa dos bairros:

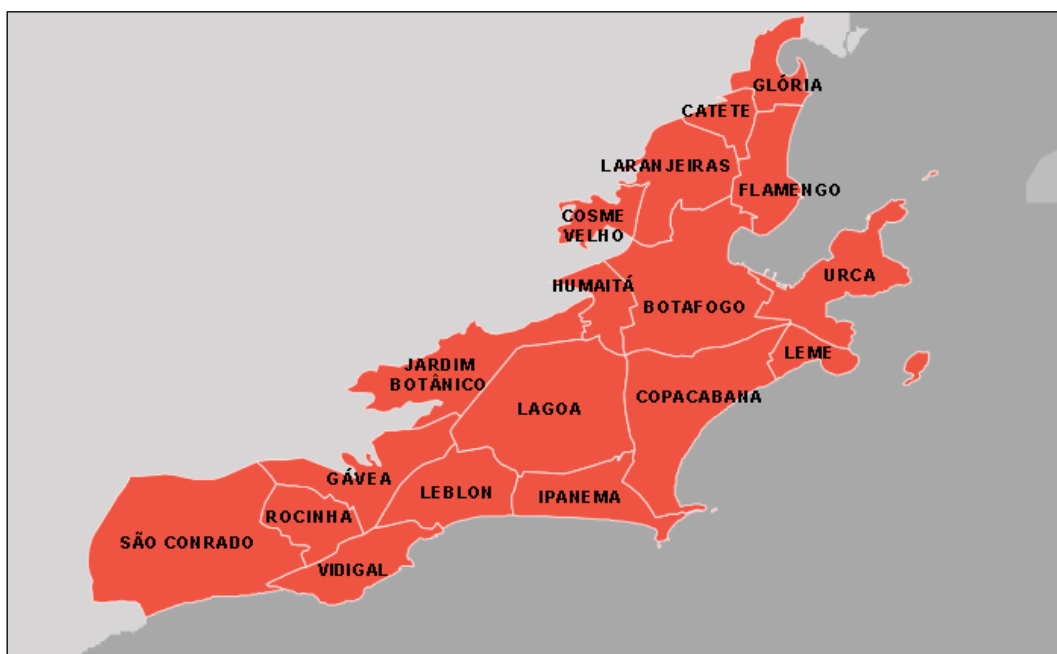


Figura 6 - Mapa dos bairros da Zona Sul do Rio de Janeiro (Fonte: IBGE – censo 2000, IPP – anuário estatístico 1998)

Foram identificadas através de documentos da Fundação Parques e Jardins, 111 praças distribuídas nestes 18 bairros do Rio de Janeiro. Abaixo uma tabela, para fins comparativos, com a área, o número de espaços livres e o número de praças existentes atualmente em cada bairro da Zona Sul do Rio de Janeiro:

BAIRRO	ÁREA TERRITORIAL (há)	ÁREAS LIVRES (n°)	PRAÇAS (n°)
Botafogo	479.896	29	19
Copacabana	410.085	14	9
Catete	68.103	3	1
Cosme velho	89.254	3	1
Flamengo	164.625	7	5
Gávea	257.964	7	3
Gloria	114.007	13	10
Humaitá	105.448	4	1
Ipanema	308.491	12	9
Jardim Botânico	268.920	9	4
Lagoa	510.989	17	12
Laranjeiras	249.351	13	8
Leblon	215.310	25	16
Leme	97.720	2	2
Rocinha	143.719	2	0
São Conrado	648.857	6	4
Urca	231.900	8	7
Vidigal	162.137	0	0

Tabela 3 - Número de praças por bairros (Fonte: SMAC- Secretaria Municipal de Meio Ambiente, FPJ - Fundação Parques e Jardins, 20012)

Através da tabela, podemos perceber a grande diversidade territorial entre cada bairro. O número de praças também varia bastante, de zero a dezenove, entre os bairros analisados e, nem sempre, existe uma proporção entre a área territorial e o número de áreas livres. Podemos identificar que o número de áreas livres, de praticamente todos os bairros, é diferente do número de praças presentes em seu território.

Após uma longa pesquisa, utilizando mapas e a internet como ferramentas, apenas 87 destas 111 praças existentes na Zona Sul foram localizadas e nomeadas. O quadro a seguir expõe uma lista por bairro de todos os espaços denominados praças que foram localizados. É provável que os documentos da SMAC e FPJ, utilizados como ferramenta informativa, estejam desatualizados com relação aos dados reais das praças da cidade.

Praças localizadas, separadas por bairro:

BAIRRO	Nº	NOMES DAS PRAÇAS
BOTAFOGO	14	Bariloche; Canoinhas; Capitão Mauro Duarte; Chaim Weizmann; Corumbá; Engenheiro Bernardo Saião; Joia Valansi; Juliano Moreira; Ozanan; Marinha do Brasil; Pimentel Duarte; Praia Nova; Radial Sul; Nicarágua
CATETE	1	Largo do Machado
COPACABANA	10	Cardeal Arco Verde; Coronel Eugenio Franco; Demétrio Ribeiro; do Lido; Edmundo Bittencourt; Eugênio Jardim; Manuel Campos da Paz; Poeta; Serzedelo Correia; Vereador Rocha Leão
COSME VELHO	1	São Judas Tadeu
FLAMENGO	2	Cuauhtemoque; José de Alencar
GÁVEA	2	Augusto de Lima; Santos Dumont
GLÓRIA	5	Juarez Távora; Luís de Camões; Nossa Senhora da Glória; Paris; Pistoia
HUMAITÁ	2	Ituci, dos Jacarandás
IPANEMA	9	Alcazar de Toledo; Almirante Saldanha Gama; do Arpoador; Carlos Drummond de Andrade; Espanha; General Osório; Grécia; Nossa Senhora da Paz; Paul Claudel
JARDIM BOTÂNICO	3	Dag Hammarskiöld; Jacarandás; Pio XI
LAGOA	6	Benedito Cerqueira; General Alcio Souto; Professor Arnaldo de Moraes; Professor José Acioli; Sagrada Família; Senador Filinto Muller
LARANJEIRAS	6	David Bem Gurion; Del Prete; Duque Costa; Jardim Laranjeiras; Mucio Leão; São Salvador
LEBLON	15	Almirante Belfort Vieira; Antero de Quental; Atahualoa; Baden Powell; Claudio Coutinho; Escritor Antônio Callado; Milton Campos; Ministro Romero Neto; Nossa Senhora Auxiliadora; Padre Serafim Leite; Poeta Gibraim; Professor Azevedo Sodré; Rubem Dario; São Lourenço; Sibelius
LEME	2	Almirante Julio de Noronha; Juliano Moreira
SÃO CONRADO	2	Comandante Celso Pestana; São Conrado
URCA	7	Cacilda Becker; Euzébio de Oliveira; Felix Laranjeiras; General Tiburcio; Raul Guedes; Tenente-Coronel Siqueira; Tenente Gil Guilherme

Tabela 4 - Informativo de praças do Rio de Janeiro (Fonte: A autora, 2012)

Das 87 praças listadas anteriormente, apenas 37 podem ser consideradas praças completas segundo os critérios pré-definidos pela pesquisa. Estas foram classificadas quanto as cinco distinções (1= cultura, 2= esporte, 3= estar, 4= lazer, 5= paisagem) e apenas 8 foram consideradas praças completas, ou seja, que atendem todos os parâmetros da pesquisa.

BAIRRO	PRAÇA	1	2	3	4	5	PONTOS
BOTAFOGO	Praça Corumbá			X	X		2
	Praça Radial Sul			X	X	X	3
	Praça Joia Valansi		X	X	X	X	4
	Praça Nicarágua			X	X		2
	Praça Canoinhas	X		X		X	3
	Praça Capitão Mauro Duarte			X	X		2
	Praça Marinha do Brasil		X			X	2
	Praça Ozanan			X		X	2
CATETE	Largo do Machado	X		X	X	X	4
COSME VELHO	Praça São Judas Tadeu			X	X	X	3
COPACABANA	Praça Vereador Rocha Leão		X	X	X		3
	Praça Serzedelo Correia			X	X	X	3
	Praça Cardeal Arco Verde			X		X	2
	Praça do Lido	X		X	X	X	4
	Praça Edmundo Bitencourt		X	X	X	X	4
	Praça Eugênio Jardim			X	X	X	3
GÁVEA	Praça Santos Dumont			X	X	X	3
GLÓRIA	Praça Luis de Camões	X		X		X	3
	Praça Paris		X	X		X	3
IPANEMA	Praça Almirante Saldanha G.			X		X	2
	Praça Arpoador	X	X	X	X	X	5
	Praça General Osório	X		X		X	3
	Praça Grécia		X	X		X	3
	Praça Nossa Senhora da Paz			X		X	2
JARDIM BOTÂNICO	Praça Pio XI		X	X	X		3
LAGOA	Praça Sagrada Família			X	X		2
	Praça Senador Filinto Muller			X	X		2
	Praça Del Prete			X	X	X	3
	Praça São Salvador	X		X	X	X	4
LEBLON	Praça Antero de Quental	X		X	X	X	4
	Praça Claudio Coutinho		X	X	X	X	4
	Praça Escritor Antônio Callado			X	X		2
LEME	Praça Juliano Moreira		X	X		X	3
SÃO CONRADO	Praça Comandante Celso P.		X	X		X	3
URCA	Praça Cacilda Beker			X	X		2
	Praça General Tiburcio			X		X	2
	Praça Raul Guedes			X	X		2

Tabela 5 - Praças classificadas pela pesquisa (Fonte: A autora, 2012)

As oito praças que foram melhor avaliadas quanto às suas distinções estão expostas abaixo, de forma mais detalhada.

PRAÇA	ELEMENTOS	FOTO DO LOCAL
Praça Joia Valansi	Pergolados Ginástica Brinquedos	
Largo do Machado	Monumentos Chafariz Mesas para jogos Arborização	
Praça do Lido	Playground Monumentos Caramanchões Ajardinamento	
Praça Edmundo Bittencourt	Ginástica Playground Chafariz, Monumentos	
Praça Arpoador	Palco Mesas para jogos Playground Ajardinamento	
Praça São Salvador	Brinquedos Palco Ajardinamento	
Praça Antero de Quental	Ginástica Brinquedos Mesas para jogos	
Praça Claudio Coutinho	Brinquedos Quadra esportiva Ginástica	

Tabela 6 - Praças selecionas que atenderam aos critérios da pesquisa
(Fonte: A autora, 2012)

4.5. Aplicação de técnicas

Mesmo após este longo mapeamento, a praça ideal para a pesquisa ainda não havia sido selecionada. A triagem anterior permitiu que chegássemos a oito possíveis praças. Mas a dúvida continuava: como chegar a uma única praça? Novas estratégias precisaram ser traçadas para solucionar este problema.

A seguir, serão apresentadas algumas técnicas que foram utilizadas para esta seleção. Primeiro foi desenvolvido um protocolo de observação, em seguida foram realizadas algumas entrevistas com informantes qualificados e, por fim, foi aplicado um questionário via internet.

Após a aplicação destas técnicas, foi possível entender um pouco melhor o cenário em que a pesquisa está inserida. Foi possível também identificar a praça ideal para servir de objeto de estudo ao trabalho. A seguir, será mostrado detalhadamente este processo.

4.5.1. Protocolo de observação

Para obter mais informações sobre as praças, foi desenvolvido um protocolo de levantamento quantitativo (documento onde o observador registra os dados coletados), que foi aplicado às 8 praças selecionadas, utilizando a observação assistemática como técnica para seu preenchimento. Os protocolos foram preenchidos pela autora.

A observação assistemática é realizada através de uma experiência causal. No entanto, suas anotações devem ser fiéis à realidade e qualquer opinião pessoal deve ser anotada separadamente. É uma forma de registro físico e comportamental, que se encaixou perfeitamente ao momento de definição em que a pesquisa se encontrava.

Vale lembrar que este protocolo foi desenvolvido com base no trabalho de De Angelis (2005), em que ele propõe um método que permite levantar, cadastrar, diagnosticar e avaliar praças públicas.

Foi necessário propor um protocolo mais específico, já que o proposto pelo autor citado anteriormente avaliava alguns aspectos atribuindo notas, o que torna seus resultados bastante subjetivos. Outro aspecto identificado como problema foi um viés mais qualitativo. Esta primeira etapa da pesquisa visou apenas quantificar os objetos.

O protocolo desenvolvido considerou e avaliou os seguintes aspectos:

- **Informações:** características informativas, como nome, localização, formato, dados históricos, além de data e hora em que o protocolo foi preenchido;
- **Usuários:** frequência e intensidade por faixa etária (em um período determinado) – através da identificação do usuário de uma determinada praça é possível identificar a necessidade de determinados tipos de mobiliário;
- **Mobiliários:** modelos e quantidade – os tipos de mobiliário de uma praça também podem direcionar seus usuários, além de poderem propor novas atividades;
- **Entorno:** proximidade à instituições como igrejas, hotéis e escolas – instituições próximas a uma praça podem atrair usuários por conveniência;
- **Setorização:** áreas verdes, de circulação e de lazer (aproximadamente) – uma praça com uma área de circulação muito significativa pode se tornar um espaço de passagem, e não de convívio;
- **Usos:** comercial, residencial ou empresarial – as atividades do entorno de uma praça possuem relação direta com as formas de utilização do espaço público;
- **Transportes:** proximidade com pontos de ônibus, taxi, metrô e ciclovia – muitos meios de transporte se apropriam das margens das praças, atraindo e modificando as ações dos usuários neste espaço, o utilizando apenas como espaço de circulação;
- **Segurança:** iluminação, policiamento e controle dos acessos – a imagem de segurança que um espaço transmite para um usuário pode ser fundamental para sua utilização.

Abaixo, o protocolo utilizado nas praças:

PROTOCOLO PARA LEVANTAMENTO QUANTITATIVO observação assistemática							
NOME DA PRAÇA:							
DADOS HISTÓRICOS:							
LOCALIZAÇÃO:							
FORMATO:				ÁREA:			
DATA:				HORA:			
CATEGORIAS GERAIS DE AVALIAÇÃO							
Cultura	esporte	estar	Lazer	paisagem			
CLASSIFICAÇÃO DOS USUÁRIOS:							
INTENSIDADE DA FREQUÊNCIA:							
Faixa etária	sim	não	1	2	3	4	5
Bebês / crianças							
Jovens / adolescentes							
Adultos							
Acompanhantes							
Idosos							
Pessoas c/ deficiência							
Animais							
QUANTIFICAÇÃO:				RELAÇÃO COM O ENTORNO			
Objetos e equipamentos		N°	Próximo à:		sim	não	
Assentos (por pessoa)			Escola				
Brinquedos infantis			Praia				
Equipamento para adultos			Hospital				
Mobiliário para idosos			Igreja				
Equipamentos de higiene			Feiras				
Monumentos / bustos			Turismo				
Mesas de jogos (4 pessoas)			Museu				
Quadras poliesportivas			Hotel				
Outros			Outros				
SETORIZAÇÃO				CLASSIFICAÇÃO DO ENTORNO			
Área útil aproximada		%	Tipos de usos		sim	não	
Áreas verdes			Comercial				
Áreas de circulação			Residencial				
Áreas de lazer			Empresarial				
RELAÇÃO COM TRANSPORTES				SISTEMAS DE SEGURANÇA			
Meios de transporte		sim	não	Meios de proteção		sim	não
Ponto de ônibus				Muros ou grades			
Ponto de Taxi				Cabines de polícia			
Estação de Metrô				Iluminação noturna			
Ciclovia				Quiosque de flores			
Número de assentos por m²				(valor aproximado)			
Obs: todos os protocolos foram preenchidos pela autora presencialmente							

Tabela 7 - Protocolo para levantamento (Fonte: A autora, 2012)

Obs: A floricultura como objeto de segurança foi acrescentada no protocolo porque, especificamente no Rio de Janeiro, este artifício foi utilizado como meio de reduzir a marginalização em espaços ociosos, dentre eles praças. No caso deste protocolo ser utilizado em outra cidade que não tenha passado por esse processo, creio que seja irrelevante a utilização deste tópico como segurança.

A seguir, um mapa localizando as 8 praças selecionadas:

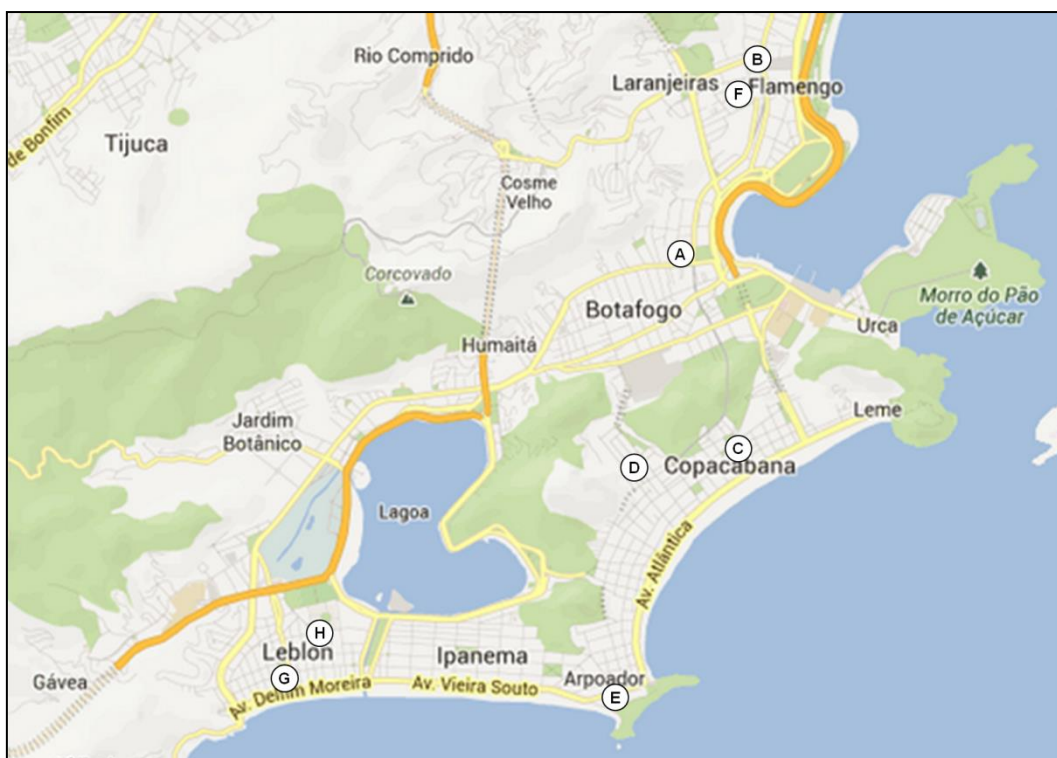


Figura 7 - Localização das praças selecionadas (Fonte: A autora, 2012)

Resultados do Protocolo:

Os resultados dos protocolos aplicados nas 8 praças anteriormente escolhidas, denominadas de A à H, foram cruzados com o objetivo de identificar alguma relação relevante entre elas: (os dados foram coletados em dois dias de semana, no mesmo intervalo de horário).

A seguir, os resultados serão apresentados por blocos, para promover uma melhor compreensão dos dados analisados. Após cada tabela, foi realizado um breve comentário levantando as principais questões observadas.

CLASSIFICAÇÃO DOS USUÁRIOS E INTENSIDADE DA FREQUÊNCIA								
Faixa etária	A	B	C	D	E	F	G	H
Bebês/crianças	0	1	0	2	1	1	0	0
Jovens / adolescents	1	4	0	0	3	3	0	4
Adultos	1	4	4	3	1	3	3	3
Acompanhantes	0	2	3	3	0	1	1	0
Idosos	1	3	4	4	0	2	2	0
Pessoas com deficiência	0	0	1	1	0	2	0	0
Animais	1	1	1	2	1	1	0	0

Tabela 8 - Resultados protocolo - frequência (Fonte: A autora, 2012)

Apenas na praça F foram identificados todos os tipos de usuários; jovens, adultos e idosos foram observados com mais frequência do que crianças, pessoas com deficiência e animais; apenas os adultos foram observados em todas as praças, porém nem sempre com maior frequência.

QUANTIFICAÇÃO DE MOBILIÁRIOS								
Equipamentos	A	B	C	D	E	F	G	H
Assentos (por pessoa)	50	500	150	350	450	250	200	150
Brinquedos infantis	5	4	6	12	7	3	6	8
Equip. para adultos	3	0	0	3	0	0	0	4
Mobiliário para idosos	0	10	10	10	10	0	10	0
Equip. de higiene	9	10	12	8	8	6	10	4
Monumentos / bustos	0	5	2	3	1	1	0	0
Mesas de jogos	4	14	9	12	10	4	9	5
Quadras poliesportivas	0	0	0	1	1	0	0	2
Outros	0	0	0	0	0	0	0	0

Tabela 9 - Resultados protocolo - mobiliários (Fonte: A autora, 2012)

A praça com maior quantidade de assentos é a B; Brinquedos infantis, equipamento de higiene e mesas para jogos foram observados em todas as praças; quadras poliesportivas e equipamentos de ginástica para adultos foram os menos identificados; a praça D foi a única que apresentou todas as naturezas de mobiliário que estavam sendo observados.

RELAÇÃO COM O ENTORNO								
Local	A	B	C	D	E	F	G	H
Escola	X	X	X		X	X		X
Praia	X		X		X		X	
Hospital	X						X	
Igreja		X		X	X			
Feiras			X	X				X
Turismo			X					
Hotel			X	X	X			

Tabela 10 - Resultados protocolo - entorno (Fonte: A autora, 2012)

A praça C é a quem possui maior proximidade com os locais analisados; nenhuma das praças observadas possui um museu em seu entorno; quase todas as praças possuem uma escola em seu entorno.

SETORIZAÇÃO DAS ÁREAS								
Porcentagem	A	B	C	D	E	F	G	H
Áreas verdes	35	30	20	40	60	20	30	30
Áreas de circulação	20	40	35	15	15	30	40	20
Áreas de lazer	45	30	40	45	25	50	30	50

Tabela 11 - Resultados protocolo - setorização (Fonte: A autora, 2012)

A praça E possui grande desequilíbrio entre suas áreas; as praças B e G são as que possuem suas áreas mais bem distribuídas.

CLASSIFICAÇÃO DO ENTORNO								
Tipos de usos	A	B	C	D	E	F	G	H
Comercial		X			X	X	X	X
Residencial	X	X	X	X	X	X	X	X
Empresarial		X					X	

Tabela 12 - Resultados protocolo - usos (Fonte: A autora, 2012)

As praças B e G possuem todos os tipos de uso em seu entorno; as praças A, C e D possuem seu entorno estritamente residencial; nas praças E, F e H o entorno é misturado entre residencial e comercial.

RELAÇÃO COM TRANSPORTES								
Meios de transporte	A	B	C	D	E	F	G	H
Ponto de ônibus	X	X	X		X	X	X	
Ponto de Taxi			X				X	
Estação de Metrô	X	X	X				X	
Ciclovía			X		X		X	

Tabela 13 - Resultados protocolo - transporte (Fonte: A autora, 2012)

As praças C e G possuem todos os tipos de transporte em ativos em seu entorno; as praças D e H não possuem relação com os meios de transporte.

SISTEMAS DE SEGURANÇA								
Meios de proteção	A	B	C	D	E	F	G	H
Muros ou grades			X		X			
Cabines de polícia		X						
Iluminação noturna	X	X	X	X	X	X	X	X
Floricultura	X	X	X		X		X	X

Tabela 14 - Resultados protocolo - segurança (Fonte: A autora, 2012)

A praça B foi a única praça das observadas que possui cabine de polícia; todas possuem iluminação noturna; muros ou grades só foram identificados nas praças C e E;

Cruzamento dos dados:

Após esta primeira avaliação dos dados coletados, 4 das 8 praças foram excluídas da pesquisa por razões específicas:

- Praça A e H - Foram excluídas da seleção por não terem apresentado resultados relevantes na maioria das categorias avaliadas.
- Praça E - Foi identificada como um parque e não uma praça, saindo do perfil buscado pela pesquisa.
- Praça F - O seu aspecto mais relevante foi a diversidade de usuários identificada no local. No entanto, este fator só poderia ser levado em conta se o protocolo estivesse sido aplicado em dias e horários diferentes. Não foi o caso.

Portanto, as praças B, C, D e G foram as identificadas com o perfil mais aproximado do local que a pesquisa está buscando analisar para obter as respostas desejadas. Apresento agora um resumo de cada uma destas praças.

Praça B - entorno com usos diversificados, áreas bem distribuídas, boa segurança, proximidade com transportes de massa e diversidade de mobiliários.



Figura 8 - Praça B (Fonte: A autora, 2012)

Praça C - zona predominantemente residencial, proximidade com a praia, grades de segurança e meios de transporte diversos no seu entorno.



Figura 9 - Praça C (Fonte: A autora, 2012)

Praça D - maior variedade de tipos de mobiliário, zona residencial, ausência de meios de transporte;



Figura 10 - Praça D (Fonte: A autora, 2012)

Praça G - zona de uso misto, proximidade com todos os meios de transporte, próxima a praia.



Figura 11 - Praça G (Fonte: A autora, 2012)

Inicialmente foi definido como técnica para seleção da praça a ser estudada a aplicação de um protocolo de observação. Após uma breve avaliação dos resultados foi identificada a necessidade de uma nova técnica, já que os resultados do protocolo foram insuficientes para a escolha de somente uma praça, a qual servirá de estudo de caso para a pesquisa.

4.5.2. Entrevistas com informantes qualificados

A segunda técnica aplicada foi uma entrevista com informante qualificado, que possui conhecimento específico do assunto, no caso um Arquiteto e Urbanista, funcionário e representante da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. Foram feitas perguntas abertas, aplicadas pelo pesquisador pessoalmente, visando compreender melhor a gestão e o funcionamento das praças cariocas. A identidade do respondente foi preservada.

A partir destas perguntas, informações de grande importância para a pesquisa foram coletadas. Aspectos relacionados a regulamentação e gestão de serviços foram bastante abordados.

Perguntas:

- 1 O que é entendido por mobiliário urbano?
- 2 Como funciona a gestão destes mobiliários?
- 3 E quanto à manutenção, implantação e identificação?
- 4 Por que estão retirando as grades das praças?
- 5 E quanto à invasão do metrô nas praças da zona Sul?
- 6 Quem regulariza as feiras em praças?
- 7 E quem organiza e autoriza eventos culturais?
- 8 Existem projetos em andamento?

Dados coletados:

- A gestão dos serviços referentes às praças no Rio de Janeiro é totalmente descentralizada. A Secretaria Municipal de Conservação e Serviços Públicos (SECONSERVA) é uma tentativa de centralização destes serviços, prestados aos cidadãos. É de sua responsabilidade a conservação e manutenção da cidade e de seus espaços urbanos, dentre eles, as praças.
- A prefeitura é responsável também pela avaliação e validação dos projetos urbanísticos da cidade. No entanto, muitas vezes, o prefeito aprova projetos sem o consentimento da prefeitura. No governo de Luiz Paulo Conde (1999) foi aprovada uma licitação internacional de mobiliário urbano.
- Atualmente duas empresas produzem os equipamentos do mobiliário urbano do rio: Clear Chanel e Cemusa (elas são responsáveis pela instalação e manutenção dos equipamentos, e financiam estes serviços através da exploração publicitária).
- Não é a prefeitura quem decide se o metrô pode ou não ocupar um espaço público. É uma questão política. Não há necessidade de estações tão grandes como as que estão construindo atualmente. “Estão querendo espaço demais!!!” (citação do entrevistado)

- As grades foram colocadas nas praças para impedir que estes espaços fossem mais depredados e que fossem utilizados como moradia para desabrigados. Atualmente, estão sendo retiradas porque a população expressou este desejo em algumas regiões. No entanto, a grade pode ser importante em determinadas situações. Na Praça General Osório, por exemplo, ela limita o espaço que é utilizado pela feira, do espaço de lazer da praça.
- O órgão regulamentador de feiras, como a Feirarte, a Feira de Alimentos, e a Feira de Livros, é a Secretaria Especial da Ordem Pública (SEOP) em parceria com a Coordenação de Licenciamento e Fiscalização (CLF), responsável pelo licenciamento de atividades econômicas. Já os eventos culturais, estes são regulamentados pela Secretaria Municipal de Esportes e lazer (SMEL).

A partir da aplicação desta segunda técnica, foi possível definir melhor o perfil da praça que vai responder melhor a pergunta da pesquisa. Tendo em vista que o objetivo é compreender a relação do usuário com os mobiliários da praça, esta deverá possuir uma variedade de equipamentos significativa.

Seria interessante também que o usuário respondente da pesquisa fosse um vivenciador da praça exclusivamente. Esta possível população está diretamente relacionada com o entorno e varia de acordo com suas atividades.

Por isso, o entorno que mais beneficiará a pesquisa é o que tiver menos atividades de naturezas diversas, como transporte, comércio, cultura. O melhor cenário, portanto, é o entorno residencial, onde o usuário opta entre a casa e a cidade, entre o quarto e a praça. A partir dessas definições norteadoras foi possível identificar a praça D como melhor local de estudo para a pesquisa.

4.5.3. Questionário via internet

Antes de escolher a praça D definitivamente, optou-se por aplicar um questionário breve, via internet, a fim de testar frases afirmativas que abordassem o tema “praça”. O questionário foi elaborado com o intuito de coletar algumas opiniões das pessoas em relação às praças públicas do Rio de Janeiro. O questionário foi enviado diretamente aos respondentes.

O objetivo principal deste questionário era identificar a real importância das praças para a cidade e para sua população. Foi utilizada a escala de Likert para avaliar as afirmações propostas, que é baseada em 5 categorias: concordo totalmente, concordo em parte, nem concordo e nem discordo, discordo em parte e discordo totalmente. Além disso, haviam perguntas para determinar o perfil do respondente: gênero, idade e grau de escolaridade.

Os respondentes foram homens e mulheres, de 19 à 59 anos e com nível de escolaridade, em sua maioria, superior completo, selecionados aleatoriamente. As identidades dos 28 respondentes foram mantidas em sigilo.

As afirmativas avaliadas foram:

01. O Rio de Janeiro possui muitas praças
02. Eu sempre morei perto de uma praça pública
03. As praças do Rio são muito utilizadas pelos cariocas
04. Eu nunca frequentei uma praça durante minha vida
05. Os cariocas não precisam de praças porque possuem praias

06. Eu acho que as praças ajudam as pessoas a se conhecerem
07. As praças são importantes para a vida urbana
08. Não frequento nenhuma praça porque acho perigoso
09. As praças só são importantes em cidades pequenas
10. O metrô deve construir suas estações em praças

11. Ficar na praça sem fazer nada é perda de tempo
12. Eu só vejo idosos frequentando praças
13. Toda criança deveria frequentar uma praça
14. Eu acho que uma praça só precisa de bancos e de árvores
15. As praças só servem crianças e idoso

A maioria das questões foi respondida da forma esperada. Questões relacionadas à frequência de uso, segurança e público das praças cariocas foram as que geraram mais dúvidas aos respondentes. A apropriação dos espaços das praças pelas estações de metrô também foi uma questão que obteve um resultado bastante indefinido.

O questionário trouxe para a pesquisa um pouco mais de conhecimento sobre o pensamento de uma amostra de cariocas diante de suas praças. Foi possível confirmar que, de fato, a praça D é a que melhor atende à pesquisa, já que é uma praça completa, de entorno predominantemente residencial e com frequência constante de todas as faixas etárias. Todas as respostas estão no apêndice 9.2.

4.6. Resultados e seleção final

O protocolo desenvolvido (item 4.5.1) permitiu que as principais características físicas das praças fossem identificadas e que sua localização e seu entorno imediato fossem classificados. Através do protocolo foi possível traçar um perfil de cada praça, com seus principais aspectos, priorizando os mobiliários e seus usuários.

É uma ferramenta de grande utilidade quando a necessidade é um breve mapeamento dos principais aspectos de um local. Os dados coletados são facilmente confrontados, já que os aspectos observados são basicamente quantitativos. Para um levantamento físico mais preciso, sugiro a utilização de uma técnica mais refinada, como plantas e desenhos do local.

A entrevista com um informante qualificado foi fundamental para uma melhor compreensão da gestão de todas as demandas de uma praça. Um grande problema identificado foi a falta de comunicação entre os órgãos envolvidos neste processo. No entanto, existe uma grande iniciativa da prefeitura em centralizar e organizar a gestão destes serviços.

Foi possível também, através da entrevista, identificar melhor o tipo de respondente ideal para pesquisa. O usuário deveria ser um frequentador de uma determinada praça por livre e espontânea vontade, para usufruir de seu ambiente e do que ela oferece. Portanto, a praça ideal deveria ser aquela que não tivesse atrações extras, como meios de transporte, por exemplo, que atraem pessoas para fins locomotivos, o que não interessa a pesquisa.

O questionário via internet serviu para reafirmar as características do cenário ideal da pesquisa. Os cariocas ainda acreditam na praça como um espaço insubstituível, que deve atender a todas as idades e classes sociais. Concordam que é um espaço de extrema importância para a vida urbana e social, e que, por isso, deve ser preservado.

Levando em conta todos os aspectos coletados pelas técnicas, a praça ideal foi escolhida: Praça Edmundo Bittencourt, localizada no Bairro Peixoto. A seguir, mapa da Zona Sul, com indicação da localização da praça da pesquisa:

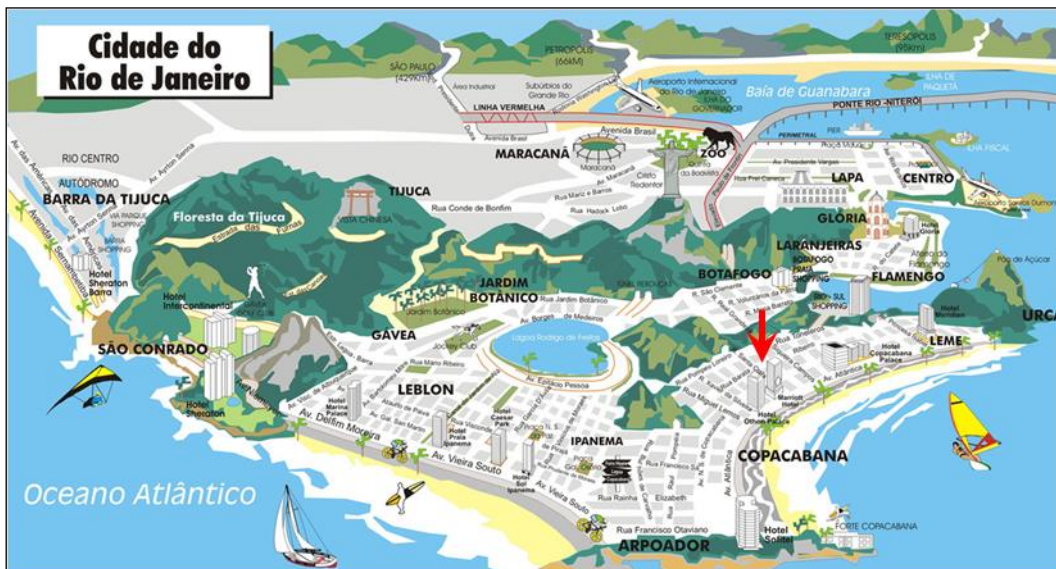


Figura 12 - Mapa tridimensional da Zona Sul do Rio de Janeiro (Fonte: <http://mapasblogspot.com.br/2011/04/mapas-d0o-rio-de-janeiro-rj.html>)



Figura 13 - Mapa de delimitação do Bairro Peixoto (Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Mapa_Peixoto.jpg?uselang=pt-br)

Retrato na Praça

Quem é o velho, quem é a criança
Na praça do mundo a conversar
Quem é o fraco e o quem é o forte
Quem conhece a morte, quem vai viver
Quem é o velho, quem é a criança
Na praça do mundo cantando
A semear a esperança
A inventar nova dança
Vida de sonho vivida

Quem é o velho, quem é a criança
O que eles querem nos ensinar
Quem é o velho, quem é a, criança
Que chegam na praça pra nos mudar

Minha vida é olhar o mundo
É andar com o povo
Conhecer corações
Bonito sempre é
A simples emoção de ter uma visão
E sonhar
(E cantar)

5 A PRAÇA SELECIONADA COMO OBJETO DE ESTUDO

Até agora, a pesquisa buscou entender e conceituar os espaços urbanos definidos como praça dentro da cidade do Rio de Janeiro. Utilizou-se de bibliografias que abordassem o tema de forma mais aprofundada.

Após a aplicação de um protocolo, uma entrevista e um questionário, foi possível definir o objeto de estudo da pesquisa. Optou-se por estudar o cenário da Praça Edmundo Bittencourt, localizada no Bairro Peixoto, uma pequena região dentro de Copacabana.

O capítulo apresenta o cenário da pesquisa de forma mais aprofundada, através de informações cronológicas e físicas. Levanta dados históricos da praça estudada e suas principais funções exercidas desde sua fundação até os dias de hoje. Serão apresentados também desenhos, como planta baixa de situação, para uma melhor visualização de seus usos e fluxos.

A partir de todas estas informações, foi definida a melhor metodologia para explorá-lo. Ela será apresentada de forma detalhada, incluindo seu processo. Mais uma vez utilizou-se entrevistas e questionários como principais técnicas de pesquisa.

5.1. Levantamento documental

O Bairro Peixoto foi criado em 1938. Nesta época, Copacabana ainda era uma região bastante isolada do resto da cidade, devido á sua situação geográfica. O bairro ficou mais acessível com a abertura do Túnel Alaor Prata, mais conhecido como Túnel Velho, o que permitiu que a linha de bonde também circulasse por lá.

O bairro fica entre as Rua Santa Clara e Siqueira Campos. Antigamente, o terreno era uma chácara que pertencia a um comerciante chamado Paulo Felisberto Peixoto da Fonseca. Ele criava gado e vendia leite na esquina da Rua Tonelero. Era um homem sem herdeiros e, portanto, deixou seus lotes para cinco instituições de caridade. (AIZEN, 1992).

No mapa abaixo, podemos identificar um grande vazio rodeado por relevos rochosos (Morro dos Cabritos e Morro de São João), e por uma faixa de loteamentos tomados por construções. Este lote era a Chácara Peixoto.



Figura 14 - Rio de Janeiro em 1935 (Fonte: AIZEN, 1992, pg. 40)

Por ser uma região preservada, se tornou uma espécie de refúgio do bairro de Copacabana. Não possui comércio intenso, possui um gabarito baixo (de até quatro pavimentos) e possui uma praça, a Praça Edmundo Bittencourt, que é bastante arborizada.

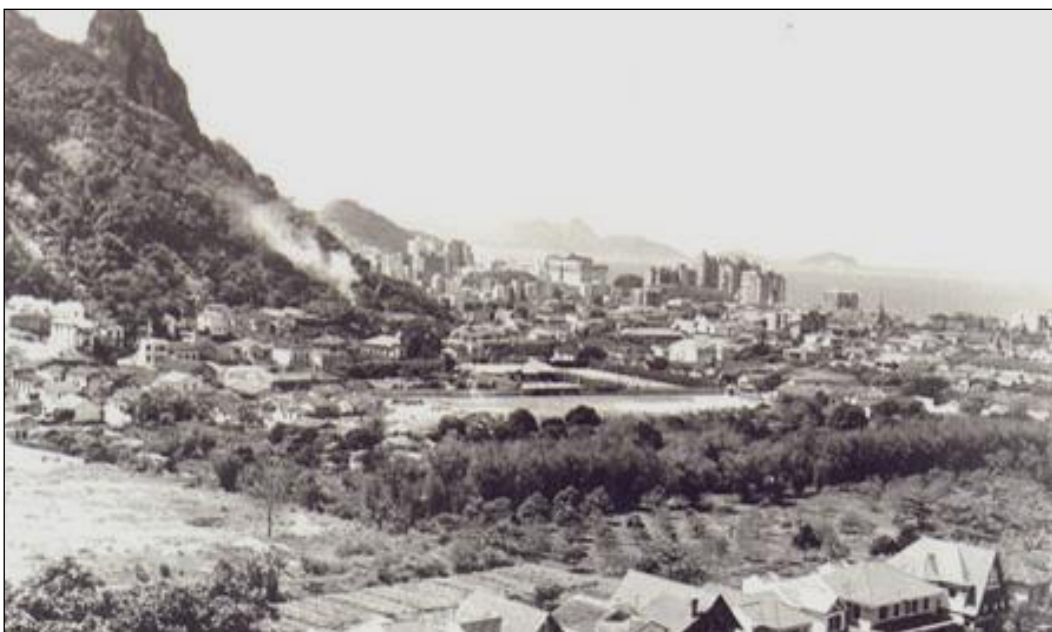


Figura 15 - Foto do Bairro Peixoto, região no início dos anos 30 (Fonte: www.amabairropeixoto.com.br)

O projeto de urbanização da área foi aprovado em 1938 através dos seguintes documentos:

- Plano de Alinhamento 2.990 de 14/06/1938 – Urbanização das áreas compreendidas entre as ruas Santa Clara, Henrique Oswald, Siqueira Campos e Rua Tonelero;
- Plano de Alinhamento 3.281 de 28/11/1939 – Urbanização das áreas compreendidas pelas ruas Décio Vilares, Maestro Francisco Braga, Capelão Álvares da Silva, Tenente Marones de Gusmão, Praça Edmundo Bittencourt, Rua Joseph Bloch, Travessa Santa Margarida, Rua Ministro Alfredo Valadão e Anita Garibaldi;
- Plano de Alinhamento 3.850 de 13/05/1943 – Projeto de urbanização da zona compreendida entre a Rua Ministro Alfredo Valadão, complementação da Rua Figueiredo Magalhães a partir da Rua Tonelero e a Praça Vereador Rocha Leão junto ao túnel.
- Em 12 de maio de 1989, a Lei n.º 1.390 cria a Área de Proteção Ambiental do Bairro Peixoto e em 13 de março de 1990, o Decreto n.º 9.226 regulamentou sua criação.

Fonte: <http://www.amabairropeixoto.com.br/historia.htm>

Atualmente, a associação de moradores é denominada Oasis:



Figura 16 - Logotipo da associação de moradores do Bairro Peixoto
(Fonte: www.amabairropeixoto.com.br)

Abaixo, um mapa atual do bairro, com suas ruas principais. O Bairro Peixoto fica rodeado por morros e seu acesso se dá ou pelo Túnel Velho, que liga Botafogo à Copacabana, ou pela rua Tonelero. Suas ruas internas, principalmente as que circundam a Praça Edmundo Bittencourt, são de pouquíssimo tráfego.

A maior parte dos carros que circulam pela região é de moradores do Bairro. Já as ruas periféricas, como a Siqueira Campos, a Figueiredo Magalhães, a Santa Clara e a Tonelero, estas são de tráfego intenso, pois são ruas que ligam Copacabana à outros bairros. Mesmo com este tráfego periférico intenso, o bairro consegue manter sua tranquilidade interna. Abaixo, um mapa atual do Bairro Peixoto:

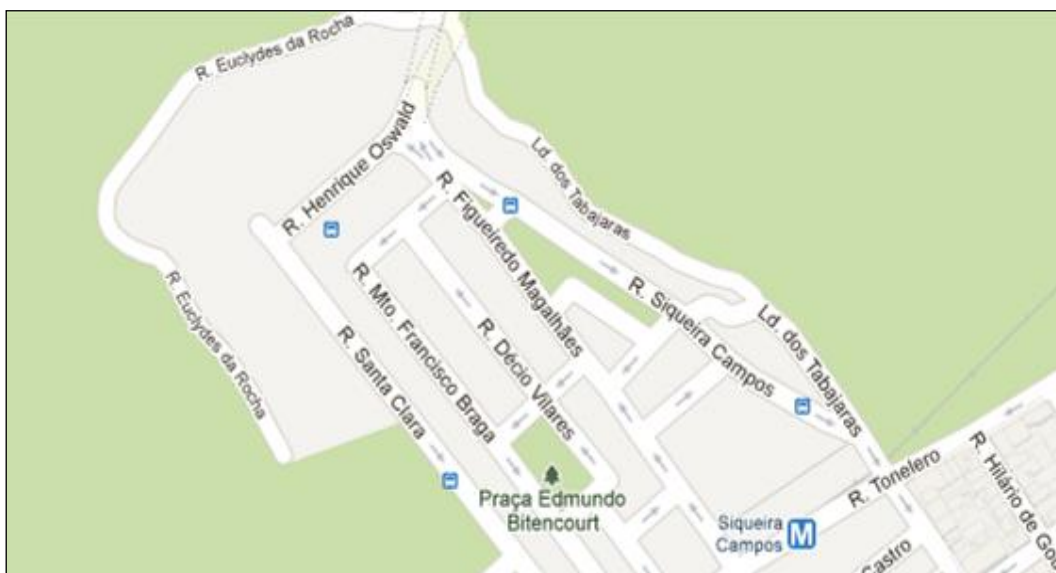


Figura 17 - Mapa Bairro Peixoto (Fonte: Google Maps)

A Praça Edmundo Bittencourt foi assim nomeada em 1950, em homenagem a um dos grandes jornalistas que o Brasil teve. Além disso, Bittencourt foi dono do Correio da Manhã, um dos jornais mais famosos da época. Até hoje, encontra-se na praça seu busto, em bronze, sobre um pedestal em granito, do escultor Leão Veloso.



Figura 18 - Busto do jornalista Ed. Bittencourt (Fonte: A autora, 2012)

Segundo Decourt (2008), a primeira urbanização da praça foi nos anos 50, onde recebeu bancos, brinquedos, arborização e iluminação. A primeira intervenção foi nos anos 60, quando construíram um ringue de patinação, que atualmente é utilizado como quadra esportiva. Alguns anos depois, a praça ganhou o chafariz de Abraão Medina, que residia na rua Décio Vilares. Os brinquedos também mudaram de lugar, ganharam uma área delimitada através de um desnível em relação à rua.



Figura 19 - Chafariz e parque infantil (Fonte: A autora, 2012)

Nos anos 70, sua iluminação foi trocada e seu entorno foi cercado por fradinhos, para impedir que os carros subissem na calçada. Nos anos 80, mais uma vez a iluminação foi modificada para postes de 15 metros que estão lá até hoje. Foram colocados mais canteiros ao redor da praça e o parquinho recebeu grades. (DECOURT, 2008).

Essa praça foi durante muitos anos, apenas um capinzal com um longo renque de bambus e muitas árvores frutíferas, como sapoti, jamelão, manga e abacate. “As crianças corriam pelo capinzal como cabritinhos num pasto, e voltavam para casa, cheias de carrapato nas pernas”. Somente se fechava a porta de casa à noite, para dormir. As crianças entravam e saíam em bando: “Para que fechar as portas? Não havia assaltante! Nem se pensava nisso!” (AIZEN, 1992, pg. 76).

A seguir, uma foto aérea da região atualmente. É possível perceber que mais da metade da área da praça é coberta pelas copas das árvores. Podemos identificar três círculos: o ringue de patinação (atual quadra esportiva), o espaço do parquinho e o chafariz. A praça possui cerca de 300 m² e é circundada por quatro ruas cheias de quebra-molas para reduzir a velocidade dos poucos carros que passam por lá.



Figura 20 - Foto aérea da Praça Edmundo Bittencourt (Fonte: Google Earth)

Abaixo, uma planta esquemática da Praça Edmundo Bittencourt, indicando a localização das principais atividades que a praça oferece. Os principais elementos paisagísticos, incluindo o chafariz, também estão demarcados.

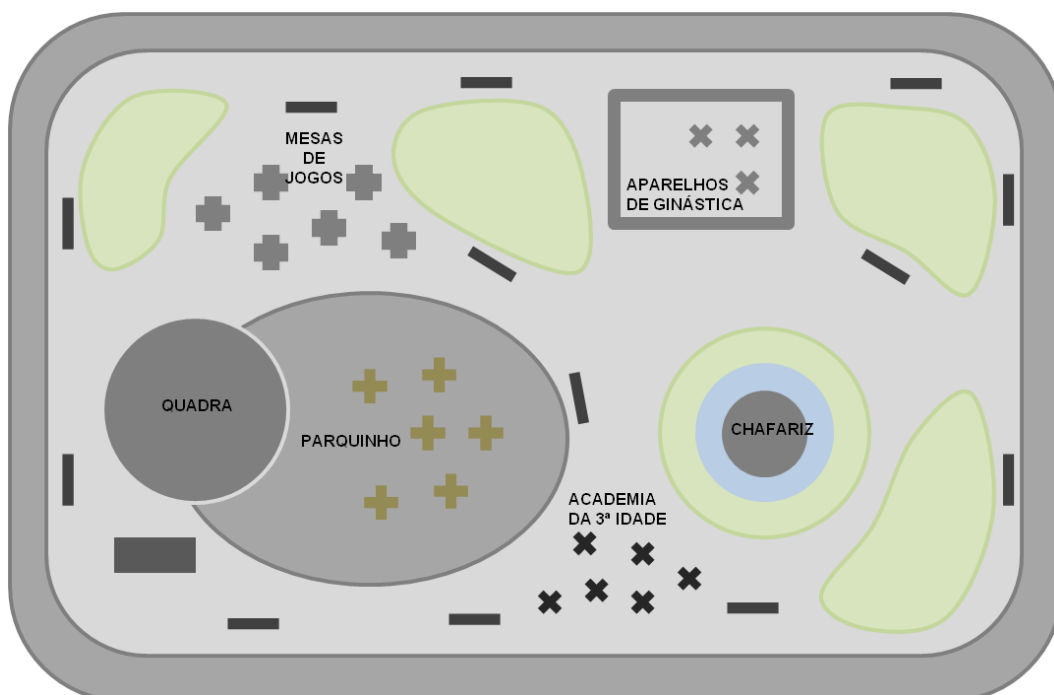


Figura 21 - Mapa esquemático da Praça (Fonte: A autora, 2012)

5.2. Levantamento físico dos mobiliários

A tabela a seguir foi desenvolvida com base nas visitas realizadas com a intenção de levantar os mobiliários presentes na praça, suas finalidades e seus materiais. Foram utilizadas como ferramentas para coleta dos dados a observação, além de anotações e registros fotográficos.

MOBILIÁRIO	MATERIAL	FOTO
Bancos de madeira	Base de Ferro Assento de Madeira	
Bancos de concreto	Base e assento de Concreto	
Equipamento de ginástica	Ferro	
Academia da 3ª idade	Ferro Borracha	





Quadra poliesportiva	Cimento Tela metálica	
Mesa para jogos	Concreto	
Mesa multi-uso	Concreto	
Brinquedos infantis	Ferro Madeira	

Tabela 15 - Levantamento dos mobiliários (Fonte: A autora, 2012)

5.3. Panorama metodológico

Após o cenário da pesquisa ser definido e estudado, era necessário identificar qual seria o melhor método para obter as informações desejadas. Como o objetivo da pesquisa era entender a relação do mobiliário urbano com seus usuários, foi necessário entender as partes isoladamente e depois juntas.

Portanto, a escolha foi criar um questionário, para ser aplicado aos usuários e preenchido pelo pesquisador, que tivesse algumas perguntas relacionadas apenas aos usuários, outras sobre o mobiliário e outras mais sobre esta relação. O público alvo da pesquisa foram pessoas que estivessem presentes na praça no momento da pesquisa e que tivesse um mínimo de frequência no espaço.

5.4. Aplicação das técnicas

Para criar o questionário dirigido aos usuários da praça, foram utilizadas como referência as técnicas anteriormente aplicadas, durante o processo de seleção da praça. Optou-se também por fazer duas entrevistas mais aprofundadas com informantes qualificados. Os entrevistados foram um representante da associação de moradores do Bairro Peixoto e um morador do bairro há mais de 50 anos.

5.4.1. Entrevistas

O primeiro passo, após a pesquisa física e histórica da Praça Edmundo Bittencourt foi entrevistar duas pessoas que conhecessem bastante a região. Portanto, foi decidido entrevistar um representante da Oasis, para coleta de dados mais técnicos, e um morador do bairro, para coleta de dados mais sensíveis, devido à sua vivência.

Foram criadas 18 perguntas abordando questões sobre o desenvolvimento urbanístico do bairro, sobre as qualidades e os problemas da praça, sobre as atividades bairristas que acontecem na praça, além de assuntos como a segurança e a limpeza da região. A pauta da entrevista, na íntegra é apresentada no apêndice 9.3.

Informações coletadas do representante da associação:

- Houve um vácuo urbanístico na legislação relacionada ao gabarito da região, o que permitiu que alguns edifícios altos fossem construídos. Atualmente o limite é de 4 andares, ou 12 metros.

- A estátua de uma santa que fica no centro de um dos canteiros da praça é uma intervenção recente, cerca de 5 anos.
- A iluminação da praça está passando por mudanças. Atualmente, os postes ficam acima da copa das árvores, deixando o espaço menos iluminado do que deveria. A solução antigamente era podar as árvores, o que gerava outro problema: a falta de sombras durante o dia. Agora estão colocando as luminárias abaixo da copa das árvores para que este problema seja minimizado.
- A Academia da Terceira Idade foi implantada na praça por uma equipe de outro estado, sem análise prévia e sem aprovação do local de implantação pelos representantes. Resultado: os equipamentos ficam na passagem, em uma das entradas da praça.
- As Feiras e os eventos são formas de arrecadação financeira para promover atividades como a festa natalina e a festa junina para as crianças e os moradores do bairro.
- O metrô da Siqueira Campos foi uma ameaça à praça. No decorrer das obras, o escoamento e a drenagem do bairro foram deslocados e, por isso, atualmente a praça inunda quando chove.

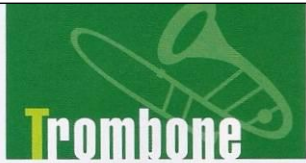
Informações fornecidas pelo morador do bairro.

- A Igreja Santa Cruz, que fica dentro do Shopping Center, sempre fazia suas festas na praça, coordenadas pelo padre Ítalo. A santa foi colocada recentemente lá.
- O chafariz é bem antigo, deve ter mais de vinte anos. Colocaram grade em volta porque os moradores de rua tomavam banho lá. A água é ligada as 7 da manhã, todos os dias.
- A praça precisa de mais bancos e que eles sejam melhor posicionados. Tem um, por exemplo, que está em frente às máquinas de exercício, o que atrapalha o usuário. A academia é ótima, mas o piso embaixo dos equipamentos deveria ser calçado. O piso de terra levanta muita poeira, além de ser bastante irregular. Todos os dias têm dois professores da prefeitura para orientar as pessoas.
- Um prédio de dois andares, que ficava aonde é a Igreja Metodista atualmente, caiu na praça há alguns anos atrás. O Repórter Esso na época filmou tudo. A praça ficou cheia de escombros durante um bom tempo.

No site da associação do bairro, e através da Revista Bairro Peixoto, tivemos acesso a mais algumas informações interessantes:

- Agenda de eventos da praça: aulas de capoeira, ginástica, tai-chi-chuan, futebol, além de curso de condução responsável de cães, recital de poesias e feira de adoção de animais.

- Conquistas realizadas em 2011 e em 2012: colocação da rede protetora do ringue, colocação de bancos na Praça Edmundo Bittencourt, iluminação do chafariz, saibro em toda a praça, aparelho de ginástica para terceira idade, instalação do posto da guarda municipal, limpeza das esculturas da praça.



Trombone

11

| Revista Bairro Peixoto |

BAIRRO DE ESTRELAS

O bairro Peixoto é uma área repleta de estrelas e de artistas, sem dúvida. Assim, sem pensar muito, podemos citar alguns moradores ilustres, como Artur Xexéo, Monique Lafond, Gringo Cardia, Bete Mendes e André Ramiro, entre outros.

ESQUENTANDO OS TAMBORINS

A nossa Villa Rica, na Ladeira dos Tabajaras, está indo com tudo para o carnaval desse ano. O enredo é “Do reino do sol ao bairro imperial – Feira de São Cristóvão: o nordeste é aqui.” Os ensaios acontecem todos os domingos, a partir das 19h, e a entrada é franca.

Ainda na Villa Rica, não custa lembrar que todas as sextas, a partir das 21h, a quadra recebe o sambão da Beija-Flor. E todos os sábados temos o Baile Digital, com diversos grupos.

PRAÇA TRANQUILA

Depois do verdadeiro “choque” que as polícias civil e militar deram no tráfico de drogas na praça, dá para se dizer que ela está um verdadeiro paraíso, de tão tranquila. Um verdadeiro oásis dentro do oásis.

Por outro lado...

Não dá para negar que alguns donos de cachorros se esquecem de seus latidos pela manhã bem cedo, na própria pracinha, o que é um verdadeiro incômodo para quem quer dormir ou se concentrar em alguma coisa. Que tal eles circularem mais, de forma a se distribuir melhor esse barulho?

PATRULHINHA

A carro patrulha da PM que fica 24 horas por dia na pracinha Edmundo Bittencourt já se integrou à

paisagem local. É comum ver os guardas conversando com moradores e transeuntes. Isso é o que chamamos de integração. Valeu Comandante Cláudio!

ACONTECE PERTO DO BAIRRO

Fora do bairro, mas aqui pertinho, no Quiosque Trattoria Saporì d'Italia na Av. Atlântica, o cantor e compositor Beron Carvalho se apresentou no dia 5 de janeiro acompanhado de seu violão. Foi o sucesso de sempre, com músicas do repertório de grandes compositores da MPB.

PROVOCAÇÃO

Dizem que há controvérsias, mas aparentemente o time de preferência da maioria dos moradores do Bairro Peixoto é o... Fluminense. Será mesmo?

trombone@revistabairropeixoto.com.br ■

Figura 22 - Coluna Trombone (Fonte: Revista Bairro Peixoto Nº11)

5.4.2. Questionário piloto

Após a coleta de todas as informações necessárias e das entrevistas, foi desenvolvido um questionário piloto, o qual foi aplicado em 12 pessoas. Ele foi dividido em três blocos de afirmativas: o primeiro era sobre a praça, o segundo sobre o mobiliário e o terceiro eram afirmativas sobre os mobiliários referentes a cada grupo de pessoas analisado. O questionário piloto está no apêndice 9.5.

O piloto apontou diversos problemas na estrutura do questionário:

- 1 Questionário muito longo e repetitivo.
- 2 Os respondentes não conseguiam compreender o funcionamento da escala de Likert, e acabavam respondendo apenas sim ou não.
- 3 A compreensão de afirmativas e não de perguntas foi conturbada.
- 4 O grupo dos jovens é bastante inacessível, pois estão sempre em grupos grandes e envolvidos em atividades.
- 5 Algumas perguntas do questionário são desnecessárias.

Tabela 16 - Problemas questionário piloto (Fonte: A autora, 2012)

A partir dos problemas identificados no questionário piloto, foi possível apontar novas diretrizes para o questionário final:

- Perguntas iniciais sobre a frequência do respondente na praça – importante pois o foco da pesquisa é entrevistar frequentadores.
- Informações gerais para traçar o perfil do respondente – sexo, idade, nome e ocupação do respondente.
- 10 perguntas gerais sobre praças – devem ser respondidas com sim, não e nada a declarar.
- Avaliação dos 8 tipos de mobiliário da praça através de uma nota – a nota varia de 1 a 5, sendo 1 ruim e 5 muito bom.
- 17 perguntas sobre o mobiliário da praça Edmundo Bittencourt - devem ser respondidas com sim, não e nada a declarar.
- 12 afirmativas referentes às atividades que acontecem na praça – devem ser avaliadas como verdadeiras ou falsas
- 4 perguntas abertas para coletar quaisquer informações extras que os respondentes possam transmitir.

5.4.3. Questionário final

A partir das novas diretrizes foi possível desenvolver o questionário final para responder às perguntas da pesquisa, apresentado no apêndice 9.6.

Para atingir um melhor resultado, o questionário final foi aplicado a quatro grupos: jovens e adolescentes (até 30 anos), pais e babás (sempre acompanhados por crianças), adultos (de 30 a 60 anos) e idosos (mais de 60 anos) com ou sem acompanhante.

Buscou-se aplicar os questionários nos quatro turnos estabelecidos:

TURNOS	PERÍODO	INÍCIO	TÉRMINO
TURNOS 1	INÍCIO DA MANHÃ	8:00	11:00
TURNOS 2	FINAL DA MANHÃ	11:00	14:00
TURNOS 3	INÍCIO DA TARDE	14:00	17:00
TURNOS 4	FINAL DA TARDE	17:00	19:00

Tabela 17 - Tabela explicativa dos turnos (Fonte: A autora, 2012)

Foram aplicados 5 questionários por turno, variando o dia da semana. Os finais de semana também foram incluídos no cronograma de aplicação do questionário. A pesquisa atingiu 50 respondentes, bem distribuídos entre os grupos anteriormente definidos, sendo metade moradores do bairro e a outra metade não.

5.5. Cronologia do processo metodológico

- 1º. A Zona Sul foi definida como área de estudo
- 2º. Todas as praças da região foram mapeadas
- 3º. As 5 distinções foram definidas para a seleção da praça ideal
- 4º. O protocolo de observação foi desenvolvido e aplicado

- 5º. Foi realizada uma entrevista com um informante qualificado
- 6º. Um questionário foi desenvolvido e aplicado via internet
- 7º. A praça ideal para a pesquisa foi selecionada
- 8º. Informações históricas e físicas da praça foram coletadas
- 9º. Foram realizadas duas entrevistas com moradores
- 10º. O protocolo piloto foi desenvolvido e aplicado
- 11º. O protocolo final foi desenvolvido e aplicado

A seguir, todas as etapas serão detalhadas, de forma que fiquem mais claras as intenções da pesquisa e a escolha das técnicas. Os resultados foram bastante satisfatórios.

Eu não vou perturbar a paz
De tarde um homem tem esperanças.
Está sozinho, possui um banco.
De tarde um homem sorri.
Se eu me sentasse a seu lado
Saberia de seus mistérios
Ouviria até sua respiração leve.
Se eu me sentasse a seu lado
Descobriria o sinistro
Ou doce alento de vida
Que move suas pernas e braços.

Mas, ah! eu não vou perturbar a paz que ele depôs na
praça, quieto.

Manoel de Barros

6 RESULTADOS ENCONTRADOS

Este capítulo apresenta os resultados do questionário, aplicado à 50 respondentes frequentadores da Praça Edmundo Bittencourt, localizada no Bairro Peixoto. Faz uma leitura dos dados obtidos, de forma a tentar compreender um pouco da relação dos usuários deste espaço com os mobiliários existentes, como foi proposto no início da pesquisa. Os resultados de maneira geral foram bastante satisfatórios.

6.1. Tabulação e análise dos Resultados

A seguir serão apresentados os módulos do questionário separadamente, com o número de respostas que cada uma das questões obteve dos 50 respondentes. Após cada quadro, uma breve análise dos resultados será colocada.

BLOCO A

PERGUNTAS SELETIVAS		SIM	NÃO
01	Você é morador do Bairro Peixoto?	46%	54%
02	Costuma ir até a praça mais de uma vez por mês?	100%	0%

Tabela 18 - Resultados protocolo - Bloco A (Fonte: A autora, 2012)

A segunda pergunta era excludente, ou seja, quem não respondesse sim não poderia ser entrevistado. Tivemos 23 respondentes moradores do bairro e 27 não moradores.

BLOCO B

INFORMAÇÕES SOBRE O RESPONDENTE			
Nome		Sexo	F (54%) M (46%)
Idade	14 – 90 anos	Ocupação	

Tabela 19 - Resultados protocolo - Bloco B (Fonte: A autora, 2012)

A idade dos respondentes variou de 14 à 90 anos, sendo 27 mulheres e 23 homens.

BLOCO C

(NAD = Nada a declarar)

PERGUNTAS GERAIS SOBRE PRAÇAS		SIM	NÃO	NAD
01	O Rio de Janeiro possui muitas praças?	70%	30%	0
02	Você acha que as praias cariocas substituem as praças?	12%	84%	4%
03	As praças do Rio são muito utilizadas pelos cariocas?	64%	34%	2%
04	As praças só são importantes em cidades pequenas?	12%	86%	2%
05	Você sempre morou perto de uma praça pública?	74%	24%	2%
06	As praças só servem para crianças e idosos?	14%	86%	0%
07	As praças ajudam as pessoas a se conhecerem?	94%	6%	0%
08	Acha que uma praça só precisa de bancos e de árvores?	4%	48	0%
09	As praças são importantes para a vida urbana?	98%	2%	0%
10	Acha bom que o metrô construa estações em praças?	40%	52%	8%

Tabela 20 - Resultados protocolo - Bloco C (Fonte: A autora, 2012)

Este bloco de perguntas teve resultados bem previsíveis. As perguntas foram organizadas de maneira intercalada, onde a primeira pergunta supostamente receberia uma maioria de respostas positivas e a segunda de negativas, e assim sucessivamente.

Podemos perceber nos resultados que, exceto a décima pergunta, todas as outras atenderam às expectativas. Quanto ao metrô construir suas estações em praças, os usuários ficaram divididos.

BLOCO D

(NU = não utilizo)

AVALIAÇÃO DOS MOBILIÁRIOS		1	2	3	4	5	NU
Dê uma nota, de 1 à 5, para os mobiliários, onde 1 é ruim e 5 é muito bom.							
01	Academia da terceira idade	2%	0%	8%	34%	56%	0%
02	Bancos de concreto	14%	12%	36%	18%	18%	2%
03	Bancos de madeira	8%	8%	16%	42%	26%	0%
04	Brinquedos infantis	2%	8%	16%	32%	34%	8%
05	Equip. de ginástica para adultos	26%	20%	20%	18%	8%	8%
06	Mesas de jogos	2%	4%	28%	46%	10%	10%
07	Mesa multiuso	8%	8%	24%	28%	24%	8%
08	Quadra poliesportiva	4%	4%	10%	32%	46%	4%

Tabela 21 - Resultados protocolo - Bloco D (Fonte: A autora, 2012)

A avaliação dos mobiliários gerou resultados um tanto quanto inesperados. A academia da Terceira Idade é sem dúvida o espaço preferido de todos. Provavelmente por um possuir encosto e o outro não, os bancos de madeira foram mais bem avaliados do que os de concreto.

A quadra é considerada excelente, mesmo não sendo do tamanho ideal. Os brinquedos infantis, as mesas de jogos e a mesa multi-uso também tiveram uma boa avaliação. O grande fracasso da praça são os equipamentos de ginástica para adultos.

BLOCO E

PERGUNTAS GERAIS SOBRE O MOBILIÁRIO		SIM	NÃO	NAD
01	Você se locomove com facilidade nos espaços da praça?	92%	8%	0%
02	Existem muitas áreas de sombra na praça?	98%	2%	0%
03	Acha que deveriam colocar mais bancos?	62%	36%	2%
04	Você acha os bancos da praça confortáveis?	54%	46%	0%
05	A terra batida é um tipo de piso adequado para uma praça?	52%	46%	2%
06	Os eventos, como as feiras, prejudicam a limpeza da praça?	48%	52%	0%
07	Os moradores do bairro são consumidores das feiras?	94%	0%	6%
08	As grades ajudam na delimitação dos espaços da praça?	88%	12%	0%
09	Acha que os canteiros atraem ratos e baratas para a praça?	42%	42%	16%
10	Você acha que a praça é limpa?	72%	26%	2%
11	Os jardins da praça são importantes para a paisagem?	98%	2%	0%
12	A praça seria mais bonita sem as grades?	36%	52%	12%
13	Você acha o chafariz um monumento bonito?	80%	16%	4%
14	Você se sente seguro na praça?	68%	32%	0%

Tabela 22 - Resultados protocolo - Bloco E (Fonte: A autora, 2012)

Neste bloco, algumas perguntas dividiram opiniões. Metade dos respondentes acha os bancos da praça confortáveis, a outra metade não. Isso aconteceu também com relação ao piso da praça, a limpeza do espaço após as feiras, a presença de ratos e baratas nos canteiros e se a praça ficaria mais bonita sem as grades.

BLOCO F

CASO FREQUENTE À NOITE:		SIM	NÃO	NAD
01	A praça é bem iluminada à noite?	18%	58%	24%
02	A praça é segura à noite?	36%	44%	20%
03	Moradores de rua costumam dormir na praça?	68%	10%	22%

Tabela 23 - Resultados protocolo - Bloco F (Fonte: A autora, 2012)

Cerca de 1/5 dos respondentes não frequenta a praça à noite. Quanto à iluminação e à segurança, não tivemos resultados relevantes para uma conclusão. Já quanto aos moradores de rua sim, podemos afirmar a presença marcante deles na praça à noite.

BLOCO G

AFIRMATIVAS ESPECÍFICAS		V	F	NAD
01	Os aparelhos para adultos beneficiam os usuários.	72%	22%	6%
02	A quadra é o espaço da praça mais utilizado pelos jovens.	88%	10%	2%
03	Os aparelhos de ginástica da 3ª idade são bastante utilizados.	92%	6%	2%
04	Não tem nenhum lugar confortável para sentar quando faz sol.	12%	86%	2%
05	O uso das mesas de jogos é intenso.	72%	24%	4%
06	Os brinquedos não recebem a manutenção necessária.	36%	38%	26%
07	A mesa multi-uso está sempre sendo utilizada.	58%	24%	18%
08	As mesas para jogos não são utilizadas para jogar.	50%	40%	10%
09	Sempre vejo crianças utilizando os brinquedos da praça.	98%	2%	0%
10	Os equipamentos de ginástica para adultos são insuficientes.	50%	38%	12%
11	Eu nunca vi nenhuma criança se machucando nos brinquedos.	48%	46%	6%
12	O piso do parquinho não é apropriado para crianças.	50%	46%	4%

Tabela 24 - Resultados protocolo - Bloco G (Fonte: A autora, 2012)

Neste bloco tivemos uma incoerência nas respostas relacionadas à manutenção dos brinquedos infantis, à frequência de acidentes nos brinquedos, à real utilização da mesa para jogos e ao piso do parquinho.

QUANTO ÀS PERGUNTAS ABERTAS TEM-SE:

1 - Por quê você frequenta a Praça Edmundo Bittencourt? *“para fumar”, “sentar um pouco”, “fazer exercícios”, “levar o cachorro para passear”, “porque o espaço é gostoso”, “para jogar bola”, “encontrar amigos”, “descansar no horário de almoço”, “conhecer gente”, “porque onde moramos não tem play”, “para levar o filho para brincar”, “trabalhar”, “aproveitar a sombra”.*

2- Você acha que o mobiliário influencia a sua utilização da praça? *“sim”, “não”, “mais ou menos”, “essa é a razão de vir na praça”, “principalmente os equipamentos para a terceira idade”, “o mobiliário não influencia, o piso sim”.*

3 - Se os mobiliários fossem melhores, isso alteraria a sua frequência na praça? *“não”, “não faria diferença”, “sim”, “alteraria se tivesse um cercado para cachorro”, “se os espaços de estar fossem melhores eu viria mais”, “viria mais a praça com certeza”, “não porque eu só venho a praça por causa da academia”, “alteraria mas acho que já são bons”.*

4 - Você tem alguma observação a fazer com relação aos assuntos abordados? *“melhorar a iluminação à noite”, “falta cercado para cachorros”, “colocar mais lixeiras”, “tem muito morador de rua”, “mais manutenção dos brinquedos”, “mais jardins”, “mais segurança”, “precisa de banheiros públicos”, “arrumar o piso”, “mais bancos”, “trocar o piso do parquinho por areia”, “proibir os cachorros de andarem sem coleira”.*

6.2. Análise dos resultados

Ao analisar os resultados obtidos através do questionário final, foi possível compreender um pouco mais sobre a opinião dos usuários da praça Edmundo Bittencourt. Era de se esperar, e a expectativa foi confirmada, que a maioria dos frequentadores da praça gosta do espaço e de seus mobiliários. No entanto, esta mesma maioria também possui muitas críticas e reclamações. O que é surpreendente é que nem sempre o entrevistado percebia que suas reclamações estavam associadas à estrutura e aos mobiliários do espaço.

Uma curiosidade foi a aprovação quase que unânime das grades que circundam o parquinho, a quadra e o chafariz. No caso da quadra, de fato a grade é fundamental. Já no chafariz, os respondentes alegam que é uma medida de segurança diante da má utilização do monumento (os moradores de rua costumavam tomar banho e lavar suas roupas com a água do chafariz).

Mas se existem pessoas infringindo as normas de utilização de um determinado espaço, a solução é colocar grades? Ou a segurança é que deveria ser aumentada? O irônico é que os usuários declararam achar a praça segura. Mas, se fosse segura, precisaria de grades em volta de um monumento? Esta medida me parece um tanto quanto Incoerente.



Figura 23 - Chafariz da Praça Edmundo Bittencourt (Fonte: a autora, 2012)

Ainda sobre as grades, o parquinho infantil também é gradeado e os pais e babás entrevistados acham excelente esta medida, já que as pessoas que levam seus cachorros para passear na praça nem sempre utilizam coleiras. Com isso, as crianças poderiam ser mordidas pelos animais se não existissem as grades.

Mais uma vez a compreensão do mobiliário se dá de forma inversa. Andar com um cachorro pela cidade sem coleira é fora da lei! Ou seja, mais uma vez identificamos uma falha na segurança do espaço. Para que um animal possa passear livremente deve haver um espaço apropriado para esta atividade, sem colocar os outros usuários em risco.

Outro aspecto interessante foi que os mobiliários da academia da terceira idade foram os mais elogiados. Coincidentemente, estes equipamentos são os mais novos do espaço, propiciam uma atividade inovadora e são os que mais recebem manutenção. Vale lembrar que não estamos avaliando a eficácia dos aparelhos diante da saúde de seus usuários, estamos apenas tentando compreender o impacto destes no ambiente em questão.

Um determinado mobiliário não ser o ideal, não ser o mais confortável, não ser o melhor, não impede o usuário de utilizá-lo. No entanto, um mobiliário novo, de qualidade e com novas utilidades certamente se destacará diante do famoso e antigo banco de concreto.

A partir da pergunta aberta do protocolo final *Por quê você frequenta a Praça Edmundo Bittencourt?*, avaliamos quais foram as atividades que as pessoas utilizaram como resposta e quais destas dependem diretamente da praça para serem realizadas.

ESTAS ATIVIDADES DEPENDEM DA PRAÇA?	SIM	NÃO
fazer exercícios		X
fumar		X
sentar um pouco		X
passar com o cachorro		X
o espaço é gostoso	X	
jogar bola		X
encontrar amigos		X
descansar na hora do almoço		X
conhecer gente		X
não tem play no meu prédio		X
levar o filho para brincar		X
trabalhar / vender alimentos		X
aproveitar a sombra		X

Tabela 25 - Quadro de atividades (Fonte: a autora, 2012)

De todas as ações citadas, apenas uma de fato dependia do espaço em questão. Todas as outras atividades poderiam ser exercidas em outros locais, muitas vezes até mais apropriados. Mas então fica a pergunta:

Por quê as pessoas ainda continuam frequentando as praças?

A arte de ser feliz

Houve um tempo em que minha janela se abria
sobre uma cidade que parecia ser feita de giz.
Perto da janela havia um pequeno jardim quase seco.
Era uma época de estiagem, de terra esfarelada,
e o jardim parecia morto.
Mas todas as manhãs vinha um pobre com um balde,
e, em silêncio, ia atirando com a mão umas gotas de água sobre as plantas.
Não era uma rega: era uma espécie de aspersão ritual, para que o jardim não
morresse.
E eu olhava para as plantas, para o homem, para as gotas de água que caíam
de seus dedos magros e meu coração ficava completamente feliz.
Às vezes abro a janela e encontro o jasmineiro em flor.
Outras vezes encontro nuvens espessas.
Avisto crianças que vão para a escola.
Pardais que pulam pelo muro.
Gatos que abrem e fecham os olhos, sonhando com pardais.
Borboletas brancas, duas a duas, como refletidas no espelho do ar.
Marimbondos que sempre me parecem personagens de Lope de Vega.
Às vezes, um galo canta.
Às vezes, um avião passa.
Tudo está certo, no seu lugar, cumprindo o seu destino.
E eu me sinto completamente feliz.
Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas,
que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem,
outros que só existem diante das minhas janelas, e outros,
finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim.

Cecília Meireles

7 ARREIMATE FINAL

Este capítulo final pretende, através da análise dos resultados e da elaboração das questões propostas, obter uma possibilidade de aplicação prática da pesquisa. Sugere possíveis propostas para um novo panorama do espaço urbano definido como praça, no Rio de Janeiro, visando melhorias em sua utilização pelos usuários. Avalia também as possibilidades de inserção da proposta no campo das políticas públicas. Por fim algumas recomendações.

7.1. Propostas de melhoria para a vivência do espaço urbano

A pesquisa nos mostrou que o usuário em sua maioria deseja e valoriza as poucas melhorias realizadas nos espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro. Porém, ele não se sente poderoso o suficiente para exigir mudanças. Compreendem que as decisões relacionadas às áreas urbanas são de responsabilidade única e exclusiva do poder público.

E, de fato, se a população não se posicionar e não exigir seus espaços com a qualidade que deseja, nunca terá nem seus direitos cumpridos e nem seus desejos realizados. Lazer não é apenas uma necessidade pública, é um direito e um desejo da população. A sociedade merece ter espaços livres dentro da cidade, limpos, seguros e agradáveis.

Além disso, os governantes devem oferecer equipamentos que propiciem a execução de atividades diversas, sejam elas atividades antigas e simples como sentar em um banco para descansar, ou atividades modernas, como utilizar um laptop. Os mobiliários devem ser confortáveis e atraentes. Não deve ser oferecido à população apenas o básico, o mínimo, e sim o novo, o mais funcional, o mais bonito, o melhor!

As praças cariocas de fato são espaços valorizados pela população, mas que não tem a sua capacidade de utilização máxima aproveitada. Por serem espaços com pouca manutenção, se tornam menos utilizados e, conseqüentemente, mais perigosos.

7.2. Sugestões de melhoria para a Praça Edmundo Bittencourt

Um dos principais problemas da praça em análise é a localização da academia da 3ª idade exatamente na circulação da praça. Portanto, propõe-se colocar os aparelhos junto com os equipamentos de ginástica, que estão localizados em um espaço delimitado por um banco contínuo de concreto ao seu redor. Além disso, a pavimentação é plana, o que é de extrema importância para os usuários dos mobiliários. Com esta medida, as principais vias de circulação da praça ficariam livres.

Outra medida seria delimitar um espaço para que os animais pudessem passear livremente, sem colocar em risco as pessoas e principalmente as crianças da praça. Por ser a maior área da praça, o espaço do parquinho poderia ceder uma parte para a colocação de um cercado para os animais.

Com a criação do cercado para animais, as grades do parquinho infantil poderiam ser retiradas. No entanto, os pais e babás defendem a presença das grades para a segurança das crianças. As grades em volta do chafariz também poderiam ser retiradas com o simples aumento da segurança da região.

A PRAÇA ANTES:

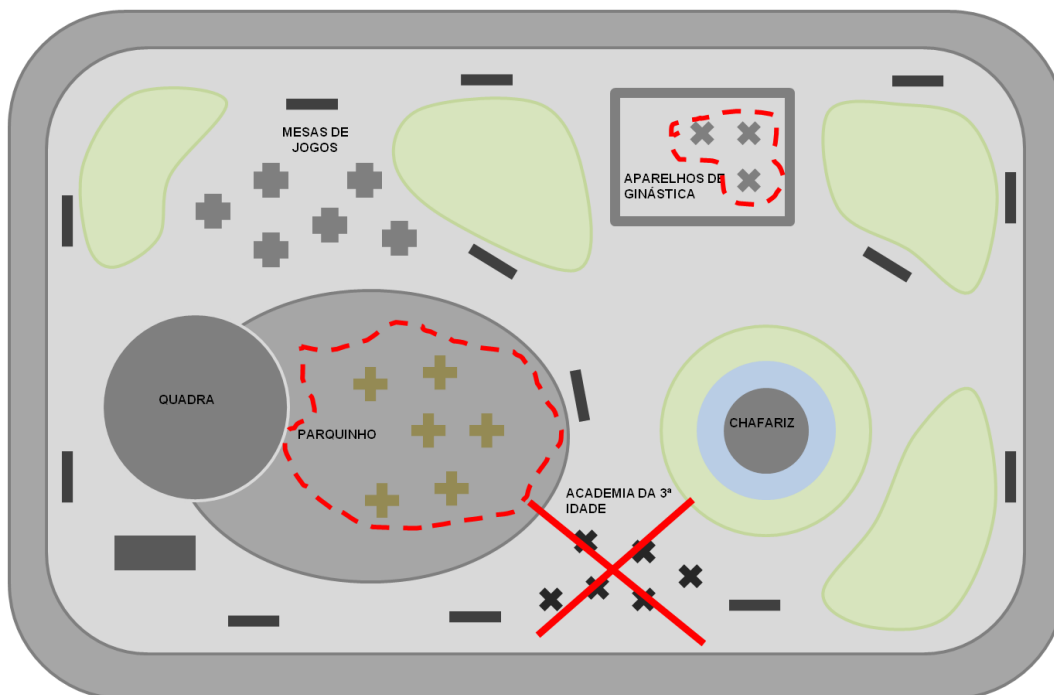


Figura 24 - Planta esquemática indicativa de modificações para a Praça Edmundo Bittencourt (Fonte: A autora, 2012)

A PRAÇA DEPOIS:

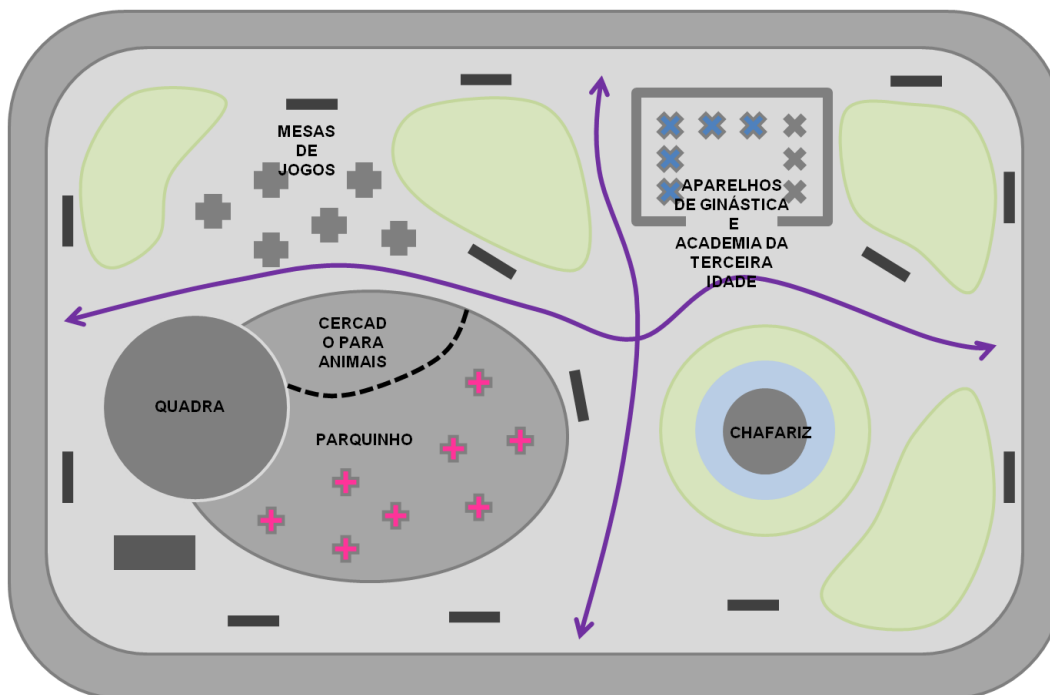


Figura 25 - Planta esquemática da Praça Edmundo Bittencourt com as mudanças aplicadas (Fonte: A autora, 2012)

7.3. Desdobramentos da pesquisa

A pesquisa desenvolvida elaborou ferramentas que, se forem adaptadas caso a caso, podem ser aplicadas em outras pesquisas que abordem questões associadas à mobiliários de praças públicas. Esta estrutura poderá ajudar outros pesquisadores à avaliarem seu cenário de pesquisa de maneira mais aprofundada e detalhada.

Seus desdobramentos podem ser inúmeros. Seria interessante aplicar o protocolo em outras praças para que os resultados pudessem ser comparados e pudéssemos obter um resultado mais consistente e assim responder melhor às perguntas da pesquisa. Questões sobre antropometria, conforto térmico, lumínico e acústico, são temas que foram abordados de forma bastante superficial e que podem ser aprofundados.

Além disso, um projeto de reestruturação da praça Edmundo Bittencourt e de seus mobiliários poderia ser desenvolvido como o objetivo de adiantar o trabalho da prefeitura. O projeto poderia ser apresentado pela associação de moradores e aprovado e executado pela secretaria de urbanismo. Uma ideia um

tanto quanto complicada de ser executada, já que raramente iniciativas privadas conseguem apoio público.

Tendo como foco o usuário, a pesquisa também poderia se aprofundar na construção do imaginário humano e como as relações afetivas com os espaços construídos acontecem. De que maneira se dão as marcas na memória de uma sociedade e qual é a importância do urbanismo nessa questão.

Para essas considerações, devemos ter presente também que a diferença entre passado e futuro, do ponto de vista da teoria do conhecimento, consiste precisamente no fato de que o passado é, em parte, experimentado agora e que, do ponto de vista da ciência urbana, pode ser esse o significado a dar às permanências: elas são um passado que ainda experimentamos. (ROSSI, 2001, pg. 49).

Ficou claro através dos resultados obtidos, que o mobiliário é fundamental para que os espaços sejam utilizados. No entanto, diante da necessidade, a qualidade dos equipamentos fica em segundo plano. Ou seja, o usuário vai utilizar o banco que o espaço oferecer para ele exercer a sua atividade, mas isso não significa que ele o aprove.

7.4. Considerações finais

A pesquisa identificou diversos aspectos importantes da relação do mobiliário com os usuários. Utilizou das técnicas oferecidas pela ergonomia para entender a relação do mobiliário urbano com seus usuários e a importância desta relação na vivência do espaço definido como praça. A vivência do espaço urbano está totalmente relacionada aos equipamentos urbanos oferecidos em uma cidade.

Espera-se que os resultados desta pesquisa possam impulsionar outros estudiosos a desenvolverem seus estudos sobre os assuntos aqui abordados, de modo que a produção acadêmica seja cada vez maior. Pensar os aspectos que envolvem a humanidade é sem dúvida o caminho para termos pessoas melhores no mundo, cidades melhores nos países e relações mais ricas nas sociedades.

Os principais objetivos do trabalho foram atingidos. Ainda assim, a utopia mais desejada a ser alcançada com esta pesquisa é tentar tocar as pessoas de tal maneira que estas passassem encarar a cidade como a sua casa.

“Quis fazer um trabalho que refletisse não apenas aprimoramentos e conforto, mas também uma colaboração positiva entre o arquiteto e a sociedade.”

Oscar Niemeyer

Obrigada

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maurício de A. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLANRIO; Zahar, 1987.

AGUIAR, Fabíola de Oliveira. **Análise de métodos para avaliação da qualidade de calçadas**. São Carlos: UFSCar, 2003.

AIZEN, Mario. **Bairro Peixoto: o oásis de Copacabana**. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e esportes: Departamento Geral de Patrimônio Cultural / Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1992.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ERGONOMIA (ABERGO). **O que é ergonomia**. Disponível em: <http://www.abergo.org.br/>. Acesso em: 20 mai. 2013.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9283 Mobiliário Urbano**, Março 1986.

BACHELARD, Gastón. **A poética do espaço**. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca Ltda.

BITENCOURT, Fabio et al. **Ergonomia e Conforto Humano. Uma visão da arquitetura, engenharia e design de interior**. Rio de Janeiro, Rio Books, 2011.

BONAMETTI, João Henrique. **O impacto da ação do IPPUC na transformação da paisagem urbana de Curitiba a partir da área central**. São Carlos: UFSC, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

CARDOSO, Rafael. **Uma introdução à história do design**. São Paulo: Editora Blucher, 2008.

CARLETTO, Ana Claudia e CAMBIAGHI, Silvana. **Desenho Universal: um conceito para todos**. Instituto Mara Gabrielli: São Paulo, 2008.

COLCHETE FILHO, Antônio. **Praça XV: projeto do espaço público**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

_____. **Estudo sobre o mobiliário urbano no Rio de Janeiro: a experiência do Projeto Rio Cidade – Leblon e Vila Isabel**. 135 p. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – UFRJ, Rio de Janeiro, 1997.

_____. **Projetos para o espaço público: o contínuo investimento simbólico na praça XV - Rio de Janeiro, Brasil.** In: VIIIª RAM - Reunião de Antropologia do Mercosul Diversidade e Poder na América Latina", 2009, Buenos Aires. VIIIª RAM - Reunião de Antropologia do Mercosul Diversidade e Poder na América Latina", 2009. v. 1. p. 1-15.

DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingos; NETO, Generoso De Angelis; MOTA, Christiane Rodrigues; SCAPIN, Cláudia Regina; MANO, Lúcia Riyoko; SCHIAVON, Valdemir Sérgio; HOFFMANN, Alessandra Corsato; SAVI, Elise; SILVA, Geisamaria Ferreira de Freitas da; RECCO, Lúgia Helena; BARCOS, Mariandi; SANTANA, Mariângela; FANTINI, Paloma Rodriguez ; DOMINGUES, Renata; BARBEIRO, Thaís Longhini e YUASSA, Vanessa Naomi. **Avaliação das praças de Maringá, Estado do Paraná, Brasil.** Acta Sci. Agron. Maringá, v. 27, n. 4, p. 629-638, Oct./Dec., 2005.

FERRI, Enrico. **Sociologia Criminal.** São Paulo: Mineli, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo: Atlas, 1999.

Gonçalves FS, Pikussa RF, Oliveira T, Santos TM. **As praças que a gente viu! As praças que a gente quer!** In: XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. II Congresso Internacional de Ciências do Esporte – Política Científica e Produção do Conhecimento. Recife Anais: CBCE, 2007.

GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano.** 2.ed. São Paulo: Edusp, 1997, p. 115-194. (Capítulos 4 e 5)

HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** São Paulo: Loyola, 2003.

HELD SILVA, Regina de. **A praça – Identidade e apropriação pública, avaliação pós-ocupação da praça Arthur Thomas no município de Umuarama – Paraná.** Dissertação (Mestrado em engenharia urbana) – UEM. Maringá, 2009.

KAZ, Roberto. **O funcionário público que desenhou as praças cariocas.** Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/em-dia/o-funcionario-publico-que-desenhou-as-pracas-cariocas>> acesso 10/12/2011.

LEFEBVRE, Henri. A burguesia e o espaço; A classe operária e o espaço. In LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política.** Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 146-177. (**Espacio y política: El derecho a la ciudad II.** Barcelona: Península, 1976, p. 119-157).

_____. A “práxis”: a relação social como processo. In FORACCHI, Maria Mencarini, MARTINS, José de Souza. **Sociologia e sociedade.** Rio de Janeiro: LTC, 1977, p. 147-159.

_____. **A vida cotidiana no mundo moderno.** São Paulo: Ática, 1991, p. 77-119 e 205-216.

_____. A cidade e o urbano. In LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política.** Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 36-58. (LEFEBVRE, Henri. La ciudad y lo urbano. In LEFEBVRE, Henri. **Espacio y política: El derecho a la ciudad II.** Barcelona: Península, 1976, p. 23-42).

_____. A cidade e o urbano. In LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política.** Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 79-88. (LEFEBVRE, Henri. La ciudad y lo urbano. In LEFEBVRE, Henri. **Espacio y política: El derecho a la ciudad II.** Barcelona: Península, 1976, p. 63-71).

_____. A forma urbana. In **A revolução urbana.** Belo Horizonte: UFMG, 1999, p. 109-124.

_____. A sociedade urbana. In **A revolução urbana.** Belo Horizonte: UFMG, 1999, p. 151-171.

LERNER, Jaime. **Acupuntura Urbana.** Rio de Janeiro: Record, 2003.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACEDO, S. S. e ROBBA, F. **Praças brasileiras.** São Paulo: Edusp, 2002.

MACHADO, Denise Barcelos Pinheiro. **Sobre Urbanismo.** Rio de Janeiro: Viana & Mosley; PROURB, 2006.

MOTTA, Pulo Cesar. **Medindo a satisfação do consumidor.** Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1999.

MORAES, Anamaria de e MONT'ALVÃO, Claudia. **Ergonomia: conceitos e aplicações.** Rio de Janeiro: 2AB Editora, 2010.

ORTIGOZA, Silvia Aparecida Guarnieri. As possibilidades de aplicação do método regressivo-progressivo de Henri Lefebvre na Geografia urbana. In GODOY, Paulo R. Teixeira de (Org.). **História do pensamento geográfico e epistemologia em geografia.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 157-184.

PAZ, Daliana Bolzan. **Avaliação de espaços públicos: Um estudo de caso, praça Tenente Menna Barreto.** Trabalho de conclusão (Engenharia civil) – UFSM. Santa Maria, RS, 2008.

RIBEIRO, Lúcia Gomes. **Onde estou? Para onde vou? Ergonomia do ambiente construído: Wayfinding e aeroportos.** 2009. 266 f. Tese (Doutorado)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Artes e Design, 2009.

RIBEIRO, L. G., MONT'ALVÃO, C. R. **A Ergonomia no Ambiente Construído: Teoria e Prática In: Ergodesign do Ambiente Construído e Habitado:**

Ambiente Urbano, Ambiente Público, Ambiente Laboral. 1 ed. Rio de Janeiro, RJ : iUsEr, 2004, p. 87-108

ROSSI, Aldo. **Arquitetura da cidade.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROTTA, Ana Mara Soletti; PIRES, Giovani de Lorenzi. **Se essa praça, se essa praça fosse nossa...: espaços públicos e possibilidades para o lazer dos jovens de Caçador/SC.** *Licere*, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, 2010.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, Edna e MENEZES, Ester. **Metodologia da pesquisa e elaboração da dissertação,** 3ª ed. Florianópolis: UFSC, 2001.

SILVA, I. M.; RAMOS, L. M. P.; BRITO, J. S. **Análise das funções das praças do bairro centro de Teresina – PI.** II. Congresso de Pesquisa e Inovação da Rede Norte Nordeste de Educação Tecnológica João Pessoa – PB. João Pessoa – PB, 2007.

SITTE, Camilo. **A construção das cidades segundo seus princípios artísticos.** São Paulo: Ática, 1992.

SOUSA, Rafael Oliveira de. **A praça com lugar da diversidade cultural.** Disponível em: http://need.unemat.br/4_forum/artigos/rafael.pdf. acesso 05/10/2012.

TESSARINE, José Benedito. **O mobiliário urbano e a calçada.** São Paulo: USJT, 2008.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração,** 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2004.

WOLFF, Janet. **A produção social da arte.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura,** 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

9 APÊNDICES

9.1. Questionário via internet

QUESTIONÁRIO SOBRE PRAÇAS PÚBLICAS						
Este questionário destina-se à pesquisa para o Curso de Mestrado em design da Universidade da Pontifícia Católica do Rio de Janeiro. A resposta ao questionário representa uma contribuição à pesquisa que visa um melhor conhecimento sobre a opinião das pessoas em relação às praças públicas. Os dados obtidos serão tratados de forma confidencial e anônima. Agradeço, desde já, sua colaboração.						
ORIENTAÇÕES						
CATEGORIAS DE AVALIAÇÃO						
		CONCORDO TOTALMENTE	CONCORDO EM PARTE	INDIFERENTE	DISCORDO EM PARTE	DISCORDO TOTALMENTE
A	01	O Rio de Janeiro possui muitas praças				
	02	Eu sempre morei perto de uma praça pública				
	03	As praças do Rio são muito utilizadas pelos cariocas				
	04	Eu nunca frequentei uma praça durante minha vida				
	05	Os cariocas não precisam de praças porque possuem praias				
B	06	Eu acho que as praças ajudam as pessoas a se conhecerem				
	07	As praças são importantes para a vida urbana				
	08	Não frequento nenhuma praça porque acho perigoso				
	09	As praças só são importantes em cidades pequenas				
	10	O metrô deve construir suas estações em praças				
C	11	Ficar na praça sem fazer nada é perda de tempo				
	12	Eu só vejo idosos frequentando praças				
	13	Toda criança deveria frequentar uma praça				
	14	Eu acho que uma praça só precisa de bancos e de árvores				
	15	As praças só servem crianças e idosos				
DADOS PESSOAIS:						
ESCOLARIDADE: fundamental incompleto () fundamental () médio incompleto () médio () superior incompleto () superior ()						
SEXO: feminino () masculino () IDADE: _____ anos OBRIGADA!						

9.2.

Respostas do questionário via internet

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	F/M	IDADE	ESC.
1	1	0	1		-2	1	2	-2	-2	1	1	-2	2	1	-2	2	36	6
2	1	-1	-2	-2	-2	1	1	-1	-2	1	-1	-2	1	-2	-2	1	58	6
3	1	2	2	-2	-2	1	2	-2	-2	-1	0	1	2	1	-2	1	51	4
4	-1	2	-1	-2	-2	2	2	1	-2	0	-1	-1	2	-2	-1	1	27	5
5	2	2	1	-1	-2	1	2	-2	-2	0	-1	1	1	-1	-2	2	23	6
6	1	2	1	-2	-2	2	2	-1	-2	0	-2	-2	2	1	-2	1	59	6
7	1	-1	-2	-1	-2	0	2	2	-2	-2	-2	1	1	1	1	1	26	6
8	1	0	1	-2	-2	1	2	0	-2	1	0	-1	2	-1	-2	2	25	6
9	-1	2	2	-2	-2	2	2	-1	-2	-1	-2	-1	2	-2	-1	1	47	6
10	1	-1	0	-2	-2	2	2	-1	-2	1	-2	-2	2	-1	-2	1	25	6
11	2	1	1	-2	-2	1	2	0	-2	-2	-2	-2	1	-2	-1	2	32	6
12	1	1	-1	-2	-2	1	2	1	-2		-2	0	2	-2	-2	1	25	6
13	2	2	-2	-2	-2	2	2	1	-2	1	1	1	2	-2	-2	1	26	6
14	2	1	1	-2	-2	1	2	-1	-2	0	-2	-2	2	-2	-2	1	55	6
15	-2	-1	1	2	-2	2	2	-1	-2	-2	-2	-1	2	-1	-2	1	26	6
16	-1	-2	-2	-1	-2	-2	1	2	-2	-1	-1	1	1	-2	1	1	23	6
17	1	0	-2	1	-2	1	2	-2	-2	0	-2	0	1	-1	-2	2	28	6
18	1	2	-1	-2	-2	2	2	-1	-2	0	-2	-1	1	-2	-2	1	50	6
19	1	2	1	-2	-2	0	2	2	-2	-1	-2	-2	1	-2	-2	2	54	6
20	1	1	0	-2	-2	2	0	-1	-2	0	0	-2	0	-2	-2	2	54	6
21	2	2	2	1	-2	1	2	-1	-2	1	-1	-2	1	-2	-2	1	30	6
22	1	-1	-2	1	-2	1	1	1	-1	-2	1	1	1	-1	1	2	43	6
23	2	1	1	-2	-2	1	2	-2	-2	-1	-2	-1	2	-2	-2	2	26	6
24	2	-2	1	0	-2	1	2	-2	-2	1	-2	1	2	2	-2	2	27	6
25	-1	2	-2	-2	-2	1	1	-2	-2	1	-2	1	2	-2	2	1	19	5
26	-1	1	-1	-2	-2	1	2	-2	-2	-1	-2	-1	2	-1	-2	1	25	6
27	1	1	-1	-1	-2	2	2	-1	-2	-2	-2	-2	2	-2	-2	1	57	6
28	-1	2	1	-2	-2	2	2	-1	-2	-1	-1	0	2	-1	-2	2	28	6

9.3.**Pauta da entrevista com moradores do Bairro Peixoto**

- 1 Há quanto tempo você mora no Bairro Peixoto?
- 2 Por que escolheu esta região para morar?
- 3 Que mudanças urbanísticas nesta região você se lembra?
- 4 Antigamente era melhor ou pior que hoje em dia?
- 5 Costuma frequentar a Praça Edmundo Bittencourt?
- 6 Que atividades costuma praticar na Praça Edmundo Bittencourt?
- 7 O que você acha da iluminação da praça? E do entorno?
- 8 E da arborização? Acha o espaço bem sombreado?
- 9 O acesso é fácil ou é dificultado?
- 10 Se sente seguro da Praça Edmundo Bittencourt?
- 11 E à noite, a praça se torna mais perigosa?
- 12 Os bancos estão em bom estado?
- 13 E os brinquedos infantis, são seguros?
- 14 Qual é a sua opinião sobre a academia da terceira idade?
- 15 Frequenta as feiras e eventos que acontecem na praça?
- 16 Sente falta de transportes públicos no entorno?
- 17 Acha a praça importante para a vida social do bairro?
- 18 Que melhorias você sugere para a Praça Edmundo Bittencourt?

9.4.

Entrevista completa com um morador do Bairro Peixoto

Há quanto tempo você mora no Bairro Peixoto?

“no bairro, eu moro pelo menos uns 50 anos”

Por que escolheu esta região para morar?

“porque é...nós, eu vim de nova Friburgo, eu morava em Friburgo, e eu vim, os meus pais vieram morar no rio e eu vim com eles; não existia aquele prédio, nós morávamos em outro lugar, depois que o prédio foi construído a gente foi pra lá; tinha uma tia que morava na saída do túnel velho”

Que mudanças urbanísticas nesta região você se lembra?

“foi, essa casa que eu te falei né, que ocupava a quadra toda, eles venderam um pedaço, fez o prédio que a gente mora, 80, depois ele vendeu... e aí acabou a casa toda; naquela quadra toda não, mas alguns prédios são muito antigos; olha, as maquininhas de ginástica foi a pouco tempo... aquela quadra de futebol, vôlei e basquete é bem mais antiga... 20 anos...; sempre tinha a festa da igreja santa cruz, a igreja do shopping, coordenada pelo padre ítalo ; a santa é recente, nem sei como foi colocada a santa, mas é bem antes das maquininhas de ginástica ; aquele chafariz é bem antigo, bem antes da santa, deve ter mais ou menos uns vinte e poucos anos ; aquela grade botaram porque o pessoal tomava banho lá e também começou a água ficar muito suja, uma época então ele andou vazio, agora tem água, ela é trocada, todo dia ele liga as 7 da manhã; inclusive o metrô queria fazer um estacionamento e eles não deixaram, ali embaixo da pracinha, houve um abaixo assinado”

Antigamente era melhor ou pior que hoje em dia?

“olha, ele ficou legal, sempre a mesma coisa porque tem um pessoal, a associação de moradores dali, eu acho que deve ter militar na história, então eles mantiveram legal”

Costuma frequentar a Praça Edmundo Bittencourt? “sim”

Que atividades costuma praticar na Praça Edmundo Bittencourt?

“Academia da terceira idade”

O que você acha da iluminação da praça? E do entorno? “É boa...”

E da arborização? Acha o espaço bem sombreado?

“ali é legal, cortaram uma arvore grande que tinha que estava morrendo, aí cortaram ; inclusive a árvore que tem na frente do meu prédio, uma amendoeira, fui eu que plantei! eu pedi ao rapaz para abrir um buraco e trouxe lá da barra uma muda numa lata e plantei ali.”

O acesso é fácil ou é dificultado?

“é eu acho que a parte de calçada tá legal, a parte de terra tem que ter mesmo por causa das crianças né... só a quadra de ginástica mesmo que devia ser cimentada ; nunca vi encher, fica com lama”

Se sente seguro da Praça Edmundo Bittencourt? “Sim”

E à noite, a praça se torna mais perigosa?

“não, eu vou de manhã cedo ; acho que está boa, não acho que não, tem polícia agora ; as vezes tem gente onze horas da noite na ginástica e as vezes tem nos bancos os casais namorando”

Os bancos estão em bom estado?

“eu acho que deveriam ter mais alguns banquinhos né... e também tem um que tá em frente as máquinas e atrapalha, ele tinha que ser deslocado, esse banco”

E os brinquedos infantis, são seguros?

“sempre tem criança, agora eu não observo muito mas também tem que ter manutenção, sempre tem criança, é muito movimentado lá, principalmente sábado e domingo”

Qual é a sua opinião sobre a academia da terceira idade?

“agora eu vou lá usar as máquinas de ginástica ; eu acho bom, só acho que teria que ser calçada a área que as máquinas ficam, teria que ser cimentada, porque é muito irregular e porque é muita terra, muita poeira que gera ; funciona, eu acho que foi bom aquilo, tem dois professores da prefeitura, de manhã tem um professor que vai até as dez e de tarde outro que vai de 4 as 6 da tarde, tem pauta de presença, eles fazem entrevista com você, tem um pouco de controle, e é mais pra terceira idade ; o lugar tá bom, foi bem bolado (da academia da terceira idade) ; e tem uma outra maquininha que é muito perto da entrada das crianças “

Frequenta as feiras e eventos que acontecem na praça?

“as feiras, antigamente era aos domingos, aí passou pra terça né... as vezes eu frequento, vou lá compro alguma coisa, é boa, é legal, eles mantêm limpo depois; diz que não tem agrotóxico, mas eu não sei... tudo é mais caro, mas não tem agrotóxico”

Sente falta de transportes públicos no entorno?

“acho, ali dentro sem transporte é uma beleza, ia ter mais poluição né...”

Acha a praça importante para a vida social do bairro? “ah eu acho! tem as árvores que ajudam a respiração né, ao ar, aquilo ali eu acho que não podiam tirar não, nem deve ; tem adultos e jovens lá no futebol né... tem várias atividades ali”

Que melhorias você sugere para a Praça Edmundo Bittencourt?

“repor as árvores que estiverem envelhecendo ; calçar a parte dos aparelhos ; e eu acho que na parte que tem mais assim terra deviam botar pó de pedra que é pra não encharcar o chão”

“a praça sempre foi a mesma coisa, não tinha o chafariz, não tinha quadra, não tinha nada, era uma praça de terra com uns balancinhos lá aí depois que caiu o prédio, um prédio de 2 andares, ele caiu na praça, ele desabou sobre a praça, mas não matou ninguém porque não tinha ninguém no lugar; ele era onde é a igreja metodista hoje; não, ele caiu porque ali embaixo parece que era um pântano antigamente, onde ele tava, e não aguentou o peso do prédio, e aí ele caiu...; foi, o repórter Esso filmou, naquela época tinha ao invés de jornal nacional, tinha repórter Esso; não que eu me lembre, o prédio ia desabar mesmo, e eles tentaram as estacas finque na época era uma engenharia que tentava, tentou segurar o prédio; aí estragou a praça toda, aí depois, durante muitos anos consertaram a praça, tiraram os escombros, e neste lugar do prédio, muitos anos depois foi feito uma igreja metódista”

9.5. Questionário Piloto

AValiação Qualitativa do Mobiliário da Praça Edmundo Bittencourt

AFIRMATIVAS - PRAÇAS		CONCORDO		NEM CONC. NEM DISC.	DISCORDO		NAD
		TOTAL-MENTE	EM PARTE		EM PARTE	TOTAL-MENTE	
01	O Rio de Janeiro possui muitas praças						
02	Eu sempre morei perto de uma praça pública						
03	As praças do Rio são muito utilizadas pelos cariocas						
04	Eu nunca frequentei uma praça durante minha vida						
05	Os cariocas não precisam de praças pois têm praias						
06	Eu acho que as praças ajudam as pessoas a se conhecerem						
07	As praças são importantes para a vida urbana						
08	Não frequento nenhuma praça porque acho perigoso						
09	As praças só são importantes em cidades pequenas						
10	O metrô deve construir suas estações em praças						
11	Ficar na praça sem fazer nada é perda de tempo						
12	Eu só vejo idosos frequentando praças						
13	Toda criança deveria frequentar uma praça						
14	Eu acho que uma praça só precisa de bancos e de árvores						
15	As praças só servem crianças e idosos						

AFIRMATIVAS - MOBILIÁRIO		CONCORDO		NEM CONC. NEM DISC.	DISCORDO		NAD
		TOTAL-MENTE	EM PARTE		EM PARTE	TOTAL-MENTE	
01	Eu me locomovo com facilidade nos espaços de circulação da praça						
02	A praça possui bastante áreas de sombra						
03	Os bancos da praça são bastante confortáveis						
04	A terra batida é o melhor tipo de piso para a utilização da praça						
05	Os moradores do bairro são grandes consumidores das feiras						
06	A praça possui bastante lixeiras no seu entorno						
07	Eu acho a praça segura em todos os horários						
08	A iluminação da praça é muito boa						
09	As grades ajudam na delimitação do uso de cada espaço da praça						
10	Os jardins da praça são fundamentais para a paisagem						
11	O chafariz é um monumento muito bonito						
12	Eu sempre tenho que olhar para o chão ao me locomover na praça						
13	Quando está muito quente, a praça fica desagradável						
14	Deveriam colocar mais bancos na praça						
15	Quando chove, o piso de terra fica prejudicado						
16	As feiras prejudicam na limpeza da praça						
17	A praça está sempre suja						
18	Eu não me sinto seguro na praça durante a noite						
19	A praça é pouco iluminada à noite						
20	A paisagem da praça foi prejudicada pela colocação das grades						
21	Os canteiros atraem ratos e baratas prejudicando a higiene da praça						
22	O chafariz atrai moradores de rua para a praça.						

AFIRMATIVAS - ADULTOS		CONCORDO		NEM CONC. NEM DISC.	DISCORDO		NAD
		TOTAL-MENTE	EM PARTE		EM PARTE	TOTAL-MENTE	
01	Os aparelhos de exercício beneficiam a saúde dos moradores.						
02	Os aparelhos de ginástica para a 3ª idade são						

	bastante utilizados.						
03	A quadra é o espaço da praça mais utilizado pelos jovens.						
04	O uso das mesas de jogos é intenso.						
05	A mesa multi-uso está sempre sendo utilizada.						
06	Os equipamentos de ginástica para adultos são insuficientes.						
07	Os aparelhos prejudicaram a utilização e a circulação da praça.						
08	Se a quadra fosse retangular, ela atenderia melhor às necessidades.						
09	As mesas para jogos não são utilizadas para jogar.						
10	Não vejo utilidade para a mesa multi-uso.						

AFIRMATIVAS - IDOSOS		CONCORDO		NEM CONC. NEM DISC.	DISCORDO		NAD
		TOTAL-MENTE	EM PARTE		EM PARTE	TOTAL-MENTE	
01	Todos os bancos da praça ficam na sombra.						
02	Os aparelhos de ginástica para a 3ª idade são bastante utilizados.						
03	A quadra é o espaço da praça mais utilizado pelos jovens.						
04	O uso das mesas de jogos é intenso.						
05	A mesa multi-uso está sempre sendo utilizada.						
06	Não tem nenhum lugar confortável para sentar quando faz muito sol.						
07	Os aparelhos prejudicaram a utilização e a circulação da praça.						
08	Se a quadra fosse retangular, ela atenderia melhor às necessidades.						
09	As mesas para jogos não são utilizadas para jogar.						
10	Não vejo utilidade para a mesa multi-uso.						

AFIRMATIVAS - JOVENS		CONCORDO		NEM CONC. NEM DISC.	DISCORDO		NAD
		TOTAL-MENTE	EM PARTE		EM PARTE	TOTAL-MENTE	
01	Todos os bancos da praça ficam na sombra.						
02	Os aparelhos de exercício beneficiam a saúde dos moradores.						
03	A quadra é o espaço da praça mais utilizado pelos jovens.						
04	O uso das mesas de jogos é intenso.						
05	A mesa multi-uso está sempre sendo utilizada.						
06	Não tem nenhum lugar confortável para sentar quando faz muito sol.						
07	Os equipamentos de ginástica para adultos são insuficientes.						
08	Se a quadra fosse retangular, ela atenderia melhor às necessidades.						
09	As mesas para jogos não são utilizadas para jogar.						
10	Não vejo utilidade para a mesa multi-uso.						

AFIRMATIVAS – PAIS/BABÁS		CONCORDO		NEM CONC. NEM DISC.	DISCORDO		NAD
		TOTAL-MENTE	EM PARTE		EM PARTE	TOTAL-MENTE	
01	Todos os bancos da praça ficam na sombra.						
02	Sempre vejo crianças utilizando os brinquedos da praça.						
03	A quadra é o espaço da praça mais utilizado pelos jovens.						
04	Eu nunca vi nenhuma criança se machucando nos brinquedos.						
05	A mesa multi-uso está sempre sendo utilizada.						
06	Não tem nenhum lugar confortável para sentar quando faz muito sol.						
07	O piso do parquinho não é apropriado para crianças.						
08	Se a quadra fosse retangular, ela atenderia melhor às necessidades.						
09	Os brinquedos não recebem a manutenção necessária.						
10	Não vejo utilidade para a mesa multi-uso.						

9.6. Questionário final

AVALIAÇÃO QUALITATIVA DO MOBILIÁRIO DA PRAÇA EDMUNDO BITTENCOURT

PERGUNTAS SELETIVAS		SIM	NÃO
01	Você é morador do Bairro Peixoto?		
02	Costuma ir até a praça mais de uma vez por mês?		

INFORMAÇÕES SOBRE O RESPONDENTE			
Nome		Sexo	F () M ()
Idade		Ocupação	

PERGUNTAS GERAIS SOBRE PRAÇAS		SIM	NÃO	NAD
01	O Rio de Janeiro possui muitas praças?			
02	Você acha que as praias cariocas substituem as praças?			
03	As praças do Rio são muito utilizadas pelos cariocas?			
04	As praças só são importantes em cidades pequenas?			
05	Você sempre morou perto de uma praça pública?			
06	As praças só servem para crianças e idosos?			
07	As praças ajudam as pessoas a se conhecerem?			
08	Acha que uma praça só precisa de bancos e de árvores?			
09	As praças são importantes para a vida urbana?			
10	Você acha bom que o metrô construa estações em praças?			

AVALIAÇÃO DOS MOBILIÁRIOS		1	2	3	4	5	NU
Dê uma nota, de 1 á 5, para os mobiliários da praça, onde 1 é ruim e 5 é muito bom.							
01	Academia da terceira idade						
02	Bancos de concreto						
03	Bancos de madeira						
04	Brinquedos infantis						
05	Equipamentos de ginástica para adultos						
06	Mesas de jogos						
07	Mesa multiuso						
08	Quadra poliesportiva						

PERGUNTAS GERAIS SOBRE O MOBILIÁRIO		SIM	NÃO	NAD
01	Você se locomove com facilidade nos espaços da praça?			
02	Existem muitas áreas de sombra na praça?			
03	Acha que deveriam colocar mais bancos?			
04	Você acha os bancos da praça confortáveis?			
05	A terra batida é um tipo de piso adequado para uma praça?			
06	Os eventos, como as feiras, prejudicam a limpeza da praça?			
07	Os moradores do bairro são consumidores das feiras?			
08	As grades ajudam na delimitação dos espaços da praça?			
09	Acha que os canteiros atraem ratos e baratas para a praça?			
10	Você acha que a praça é limpa?			
11	Os jardins da praça são importantes para a paisagem?			
12	A praça seria mais bonita sem as grades?			
13	Você acha o chafariz um monumento bonito?			
14	Você se sente seguro na praça?			

CASO FREQUENTE À NOITE:		SIM	NÃO	NAD
16	A praça é bem iluminada à noite?			
17	A praça é segura à noite?			
18	Moradores de rua costumam dormir na praça?			

AFIRMATIVAS ESPECÍFICAS		V	F	NAD
01	Os aparelhos de exercício para adultos beneficiam os usuários.			
02	A quadra é o espaço da praça mais utilizado pelos jovens.			
03	Os aparelhos de ginástica para a 3ª idade são bastante utilizados.			
04	Não tem nenhum lugar confortável para sentar quando faz sol.			
05	O uso das mesas de jogos é intenso.			
06	Os brinquedos não recebem a manutenção necessária.			
07	A mesa multi-uso está sempre sendo utilizada.			
08	As mesas para jogos não são utilizadas para jogar.			
09	Sempre vejo crianças utilizando os brinquedos da praça.			
10	Os equipamentos de ginástica para adultos são insuficientes.			
11	Eu nunca vi nenhuma criança se machucando nos brinquedos.			
12	O piso do parquinho não é apropriado para crianças.			

PERGUNTAS ABERTAS:

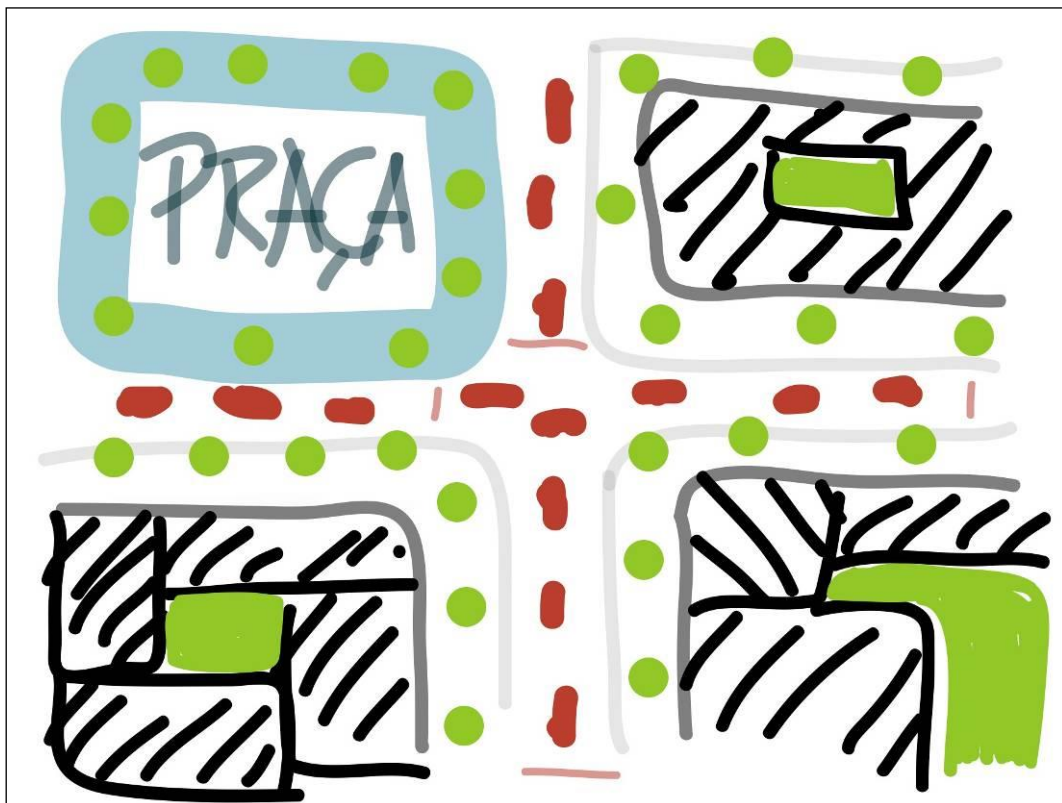
- 1) Por quê você frequenta a Praça Edmundo Bittencourt?
- 2) Você acha que o mobiliário influencia a sua utilização da praça?
- 3) Se os mobiliários fossem melhores, isso alteraria a sua frequência na praça?
- 4) Você tem alguma observação a fazer com relação aos assuntos abordados?

9.7. Perfil dos respondentes

Q N°	DIA	TURNO	A				OCUPAÇÃO
			NOME	GRUPO	IDADE	SEXO	
49	sab	2	Geovana	jovem	14	F	Estudante
33	qua	4	Bruno	jovem	15	M	Estudante
34	qua	4	Maicon	jovem	17	M	Estudante
48	sab	2	Carolina	jovem	17	F	Estudante
35	qua	4	Michel	jovem	18	M	Estudante
7	ter	1	Patrícia	jovem	19	F	Estudante
32	qua	4	Pedro Vitor	jovem	19	M	Estudante
1	dom	2	Rodrigo	jovem	21	M	Técnico de enfermagem
25	seg	3	Isac	jovem	23	M	Operador de Logística
26	sex	2	Rebeca	jovem	23	F	Jornalista
44	dom	3	Bianca	jovem	25	F	Estudante
30	sex	2	Maria	jovem	25	F	Estudante
13	sab	3	Priscila	jovem	28	F	Publicitária
42	dom	3	Karen	pais/baba	28	F	Funcionária pública
21	seg	3	Fabiola	pais/baba	29	F	Babá
31	qua	4	Fatima	pais/baba	30	F	Empregada Doméstica
27	sex	2	Luciane	pais/baba	30	F	Funcionária pública
29	sex	2	Elisabeth	pais/baba	32	F	Atendente de Consultório
17	qui	4	Alain	pais/baba	32	M	Dentista
14	sab	3	Beatriz	adulto	33	F	Tecnica de enfermagem
28	sex	2	Daniela	adulto	33	F	Advogada
3	dom	2	Ana	adulto	35	F	Autônoma
23	seg	3	Suriel	pais/baba	36	F	Fisioterapeuta
5	dom	2	Mariana	pais/baba	36	F	Professora Antropóloga
37	sab	1	Luciane	pais/baba	37	F	Engenheira de Computação
10	ter	1	Cristiano	adulto	37	M	Policial
4	dom	2	Fabio	adulto	37	M	Balconista
43	dom	3	Anthony	adulto	38	M	Montador de barraca
19	qui	4	Francisco	adulto	38	M	Porteiro
11	sab	3	Luiz Otávio	adulto	38	F	Economista
46	sab	2	Eduardo	pais/baba	39	M	Engenheiro
15	sab	3	Giorgio	adulto	39	M	Funcionário público
36	sab	1	Rosana	pais/baba	40	F	Do lar
20	qui	4	Marcio	adulto	45	M	Engenheiro
47	sab	2	Livia	adulto	48	F	Manicure
12	sab	3	Aluisio	pais/baba	52	M	Porteiro
39	sab	1	Valéria	pais/baba	55	F	Bióloga
18	qui	4	Mario	adulto	55	M	Psicólogo
9	ter	1	Eduardo	idoso	60	M	Médico
40	sab	1	Marcelino	idoso	61	M	Vendedor de Picolé
8	ter	1	Inês	idoso	63	F	Comerciante
45	dom	3	Lorene	idoso	64	F	Vendedora
2	dom	2	Nelson	idoso	65	M	Representante comercial
50	sab	2	Augusto	idoso	66	M	Corretor
6	ter	1	Walter	idoso	74	M	Aposentado
16	qui	4	Maria Celeste	idoso	74	F	Do lar
41	dom	3	Rodrigo	idoso	77	M	Biólogo
38	sab	1	Rogério	idoso	78	M	Professor
22	seg	3	Emilia	idoso	87	F	Aposentada
24	seg	3	Lea	idoso	90	F	Aposentada

10 ANEXOS

10.1.
Croquis de estudo



10.2. Tradução da poesia de Jorge Luis Borges

A PLAZA SAN MARTÍN

En busca de la tarde
fui apurando en vano las calles.
Ya estaban los zaguanes
entorpecidos de sombra.
Con fino bruñimiento de caoba
la tarde entera se había remansado
en la plaza,
serena y sazónada,
bienhechora y sutil como una
lámpara,
clara como una frente,
grave como un ademán de hombre
enlutado.
Todo sentir se aquieta
bajo la absolución de los árboles
- jacarandás, acacias –
cuyas piadosas curvas
atenúan la rigidez de la imposible
estatua
y en cuya red se exalta
la gloria de las luces equidistantes
de leve luz azul y tierra rojiza.
¡Qué bien se ve la tarde
desde el fácil sosiego de los bancos!
Abajo
el puerto anhela latitudes lejana
y la honda plaza igualadora de
almas
se abre como la muerte, como el
sueño.

A PRAÇA SAN MARTIN

Em busca da tarde
fui esquadrinhando em vão as ruas.
Já estavam os alpendres
entorpecidos de sombra.
Com fino brunimento de mogno
a tarde inteira tinha-se remansado
na praça,
serena e sazónada,
benfeitora e sutil como uma
lâmpada,
clara como uma frente,
grave como gesto de homem
enlutado.
Todo sentir se aquieta
sob a absolvição das árvores
- jacarandás, acácias –
cujas piedosas curvas
atenuam a rigidez da impossível
estátua
e em cuja rede se exalta
a glória das luzes equidistantes
do leve azul e da terra avermelhada.
Como se vê bem a tarde
do fácil sossego dos bancos!
Abaixo
o porto anela latitudes longínquas
e a profunda praça igualadora de
almas
se abre como a morte, como o
sonho.